



Editora Fundação Fênix

IDENTIDADES EM JOGO:

As pessoas, os grupos
e os povos

Jacques A. Wainberg



As identidades humanas estão em jogo em muitos lugares. Elas estão sendo politizadas por movimentos sociais que advogam a causa dos direitos humanos e da defesa dos grupos vulneráveis. São os casos no Brasil dos indígenas, dos negros, das mulheres e dos deficientes físicos, entre outros. Na Europa a chegada massiva de imigrantes e de refugiados vindos da África e do Oriente tornou o tema saliente devido ao conflito cultural estabelecido entre os hospedeiros e os recém-chegados. Algo similar acontece nos Estados Unidos onde os suprematistas fazem ouvir de forma estridente a queixa contra a transformação étnica do país. Fica evidente que ao contrário do que se esperava não surgiu com a globalização econômica e cultural um mundo mais harmônico e pacífico. São tantos e tão variados os embates entre os grupos humanos que a visão otimista desenvolvida pelos ideais do Iluminismo parece ter sido vencida pelo paroquialismo. Este livro almeja descrever e entender o surgimento e o desenvolvimento deste fato agora chamado de *neotribalismo* e dos casos nos quais as pessoas administram suas identidades com vistas a alcançar vários objetivos.



Editora Fundação Fênix



IDENTIDADES EM JOGO

As pessoas, os grupos e os povos

Série Humanidades e interdisciplinaridade

Conselho Editorial

Editor

Agemir Bavaresco

Conselho Científico

Agemir Bavaresco – Evandro Pontel

Jair Inácio Tauchen – Nuno Pereira Castanheira

Conselho Editorial

Augusto Jobim do Amaral

Cleide Calgaro

Draiton Gonzaga de Souza

Evandro Pontel

Everton Miguel Maciel

Fabián Ludueña Romandini

Fabio Caprio Leite de Castro

Fábio Caires Coreia

Gabriela Lafetá

Ingo Wolfgang Sarlet

Isis Hochmann de Freitas

Jardel de Carvalho Costa

Jair Inácio Tauchen

Jozivan Guedes

Leno Francisco Danner

Lucio Alvaro Marques

Nelson Costa Fossatti

Norman Roland Madarasz

Nuno Pereira Castanheira

Nythamar de Oliveira

Orci Paulino Bretanha Teixeira

Oneide Perius

Raimundo Rajobac

Renata Guadagnin

Ricardo Timm de Souza

Rosana Pizzatto

Rosalvo Schütz

Rosemary Sadami Arai Shinkai

Sandro Chignola

Thadeu Webber

Jacques A. Wainberg

IDENTIDADES EM JOGO
As pessoas, os grupos e os povos



Editora Fundação Fênix

Porto Alegre, 2023

Direção editorial: Agemir Bavaresco
Diagramação: Editora Fundação Fênix
Design e diagramação: Editora Fundação Fênix

O padrão ortográfico, o sistema de citações, as referências bibliográficas, o conteúdo e a revisão de cada capítulo são de inteira responsabilidade de seu respectivo autor.

Todas as obras publicadas pela Editora Fundação Fênix estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 –
http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Série Humanidades e Interdisciplinaridade – 16

Catálogo na Fonte

W141i Wainberg, Jacques A.
Identidades em jogo [recurso eletrônico] : as pessoas, os grupos e os povos / Jacques A. Wainberg. – Porto Alegre : Editora Fundação Fênix, 2023.
186 p. : il. (Série Humanidades e Interdisciplinaridade; 16)

Disponível em: <<http://www.fundarfenix.com.br>>
ISBN 978-65-5460-039-2
DOI <https://doi.org/10.36592/9786554600392>

1. Dignidade humana. 2. Identidade humana. 3. Movimentos sociais. 4. Direitos humanos. 5. Dignidade. 6. Grupos vulneráveis. 7. Neotribalismo.
I. Título

CDD: 305

Responsável pela catalogação: Lidiane Corrêa Souza Morschel CRB10/1721

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A FRATURA E A DESGLOBALIZAÇÃO	17
2. UNIVERSALISMO E PARTICULARISMO	33
3. NEGRITUDE E BRANQUITUDE	79
4. LEMBRAR E REPARAR	93
5. O PAPEL DAS EMOÇÕES	107
6. REVOLUÇÃO CONSERVADORA	133
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
REFERÊNCIAS	169



INTRODUÇÃO

A cerimônia de posse de Luis Inácio Lula da Silva em janeiro de 2023 foi marcada pela cena na qual o novo presidente do Brasil sobe a rampa de acesso ao Palácio do Planalto acompanhado por representantes do povo. Foi o auge de um espetáculo cujo efeito emocional conquistou não só o imaginário verde-amarelo como também a capa do jornal americano The New York Times. De mãos dadas ao novo dirigente do país estavam Francisco, um menino negro de 10 anos, morador de Itaquera, uma comunidade da periferia de São Paulo, e o cacique Raoni Metuktire, da aldeia Kraimopry-yaka.

Outros integrantes da comitiva eram Aline Sousa, que trabalha desde os 14 anos como catadora de materiais recicláveis; Wesley Viesba Rodrigues, metalúrgico, DJ e professor de educação física de Diadema; Murilo de Quadro Jesus, morador de Curitiba e professor de Português e de Inglês; a cozinheira de Maringá, Jucimara Fausto dos Santos; Ivan Baron, um jovem potiguar atingido aos três anos de idade por meningite viral, e o artesão Flávio Pereira do Paraná. Está claro que a mensagem implicada nesta imagem trata da diversidade humana e da inclusão social. Era um recado aos que, no país e no exterior, divulgavam a ideologia da intolerância racial, social, política, étnica, sexual, religiosa e cultural.

Essas identidades humanas estão em jogo em muitos lugares. Elas estão sendo politizadas por movimentos sociais que advogam a causa dos direitos

12 | IDENTIDADES EM JOGO: As pessoas, os grupos e os povos

humanos e da defesa dos grupos vulneráveis. São os casos no Brasil dos indígenas, dos negros, das mulheres e dos deficientes físicos.

Na Europa a chegada massiva de imigrantes e de refugiados vindos da África e do Oriente tornou o tema saliente devido ao conflito identitário estabelecido entre os hospedeiros e os recém-chegados. Algo similar acontece nos Estados Unidos onde os supremacistas fazem ouvir de forma estridente seu louvor à branquitude e sua queixa contra a transformação étnica do país.

Fica evidente que ao contrário do que se esperava não surgiu com a globalização econômica e cultural um mundo mais harmônico e pacífico. São tantos e tão variados os embates entre os grupos humanos que a visão otimista desenvolvida pelos ideais do Iluminismo parece ter sido vencida pelo paroquialismo.

Este livro almeja descrever e entender o surgimento e o desenvolvimento deste fato agora chamado de *neotribalismo* e dos casos nos quais as pessoas administram suas identidades com vistas a alcançar vários objetivos. O termo *neotribalismo* deixa implícita a crítica sobre o grau de dificuldade que as pessoas têm para suportar as diferenças. Predomina nesses indignados um dissabor com a sociedade atual marcada que é pela competição, pelo individualismo e pelo *laissez faire*.

Essas queixas recordam o desânimo antiliberal europeu da década de 1930. Ele ajudou no desenvolvimento do auto-ódio ocidental alimentado no século XX pela militância fascista e comunista. Em nome dessas e de outras utopias redentoras muitos intelectuais de esquerda perdoaram o Gulag soviético (APPLEBAUM, 2007) e fecharam os olhos aos milhões de mortos assassinados pelo regime estalinista. Resquíio dessa posição em favor do retorno do comunismo e do terror revolucionário pode ser encontrado na obra e nas falas de Slavoj Žižek (2011, p. 26).

Este tema que versa sobre o papel político dos pensadores foi tratado em *Mente Cativa* de Czeslaw Lilosz (2010) escrito entre 1951 e 1952. A obra denunciou a adesão de muitos doutos ao regime de Stalin, algo que também aconteceu na Alemanha nazista (DETZEN & HOFFMANN, 2020). O III Reich soube cooptar boa parte de sua *intelligentsia* e da juventude universitária alemã¹ (LEA, 2009). Lilosz chamou o conluio dessa gente com os ditadores como *vulnerabilidade intelectual*.

¹ <https://www.vqronline.org/essay/intellecutuals-crisis-historians-under-hitler>

Cabe lembrar que autocratas de várias partes do mundo se educaram em Paris e noutros lugares de referência do Ocidente e neles, com a ajuda dos seus filósofos, desenvolveram e aprofundaram o rancor aos fundamentos da sociedade democrática e capitalista. Este sentimento permanece vivo na obra de Alain Badiou, um filósofo maoísta francês que apoiou intensamente o regime de Khmer Rouge. Seu artigo *Kampuchea Vencerá!*² foi publicado depois do massacre de um milhão de pessoas no Camboja. Foram necessários 30 anos para que ele manifestasse publicamente arrependimento por suas declarações³.

Pol Pot conviveu com os comunistas locais durante sua estada na França. Um dos apoiadores do Fórum Social Mundial, o egípcio Samir Amin, foi próximo de Pol Pot, de Khieu Samphan e de outros líderes cambojanos durante o período em que todos estudaram em Paris. Amin também apoiou o Khmer Rouge e recomendou seu modelo de governança para a África.

Muitos acadêmicos e pensadores dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha, da França e da Austrália fecharam igualmente os olhos às atrocidades relatadas pelos refugiados. Puderam assim continuar descrevendo de forma favorável o Khmer Rouge visto então como uma força de vanguarda revolucionária na luta contra o colonialismo.

Outra controvérsia deste tipo surgiu após os ataques às torres gêmeas de Nova York em 2001. Uma massa de artigos e de livros foi escrita para justificar a ação dos islamitas contra os Estados Unidos. Michel Foucault e outros autores, entre eles Roger Garaudy (que se converteu ao Islã após militar nas hostes comunistas por largos anos), interpretaram a mudança de regime iraniano como uma justa revolta contra a modernidade. Seria a vitória dos valores espirituais contra a racionalidade e o materialismo imposto pelo capitalismo (JAHANBEGLOO, 2007).

Porta-voz marcante e precoce dos opositores ao totalitarismo é Albert Camus. Ele acabaria difamado em seu país por parte da esquerda por se opor ao regime soviético. Sartre, em especial, mostrou-se inconformado com suas posições políticas e filosóficas independentes. A amizade entre ambos acabaria rompida por

²<https://archive.wikiwix.com/cache/index2.php?url=http%3A%2F%2Feditions-proletariennes.=url>

³ https://www.lepoint.fr/culture/regardez-alain-badiou-je-regrette-14-03-2012-1441309_3.php

isso. Ayaan Hirsi Ali é exemplo atual dessa mesma atitude que critica os críticos. Sua história pessoal de refugiada somali explica sua posição contra os autoproclamados progressistas que, com frequência, oferecem ao terrorismo um álibi moral (BERMAN, 2003; p. 131).

Singularidade

Em 2021, vocação similar à revolta e à revolução foi observada nos Estados Unidos no polo oposto, entre os militantes de extrema-direita, algo que aconteceu em vários países, no Brasil inclusive. O fato forçou o exército americano a afastar militares filiados aos supremacistas. Eles lutam agora o que chamam de "*rahowa*", a sigla de *racial holy war*.⁴ A violência é vista por eles como o único meio possível para transformar a sociedade do país. Foi o que aconteceu na invasão da sede do Congresso dos Estados Unidos em 6 janeiro de 2021.

O nacionalismo é uma das principais marcas dessa tendência que se opõe às cotas raciais e à política de gênero. Nos anos 30, *várias personalidades brasileiras sentiram-se atraídas por esta visão de mundo conservadora. Assis Chateaubriand, o fundador da rede Diários e Emissoras Associados, escreveu editoriais de apreço e de simpatia a Mussolini, o líder italiano. Nos Estados Unidos, William R. Hearst, um dos pioneiros da imprensa do país, elogiou algumas vezes Hitler por sua oposição ao comunismo.*

A visão favorável ao totalitarismo acabaria contaminando vários segmentos políticos. Na França a maioria dos socialistas da Assembleia Nacional votou em favor do Marechal Philippe Pétain. O processo de conversão ao fascismo seria concluído com a adesão de vários membros da facção socialista liderada por Paul Faure ao governo colaboracionista.

Ou seja, ao fim e ao cabo a indignação de uma pessoa pode levá-la ao fracasso moral (CASHMAN & CUSHMAN), algo que geralmente é percebido tarde demais. Foi o caso exemplar do pronunciamento arrependido do ex-ministro de defesa norte-americano Robert McNamara proferido em 1995 sobre a guerra do

⁴ <https://www.reuters.com/article/usa-wisconsin-shooting-army-idUSL2E8JH06K20120821>

Vietnã⁵. Caso similar é o discurso de Nikita Krushev pronunciado em 1956 no qual ele revela os crimes do estalinismo.

A posição favorável à dignação se manifesta em atos, nas narrativas, nos gestos e no léxico. A falta deste predicado nas relações humanas se constitui no tema atual da política identitária. Predomina neste caso o clamor em favor dos direitos humanos. Ele afirma que os grupos se distinguem por singularidades culturais, religiosas, linguísticas, raciais, nacionais, étnicas e sexuais.

Com o sentimento oposto em favor da discriminação surge a amargura e a raiva (KNIGHT, 2015). Regimes autocráticos que não conferem à pessoa e aos grupos o direito de ter direitos mobilizam esses sentimentos negativos. Quando a crítica social descamba para o deboche, resulta o preconceito que perdura, em alguns casos, para sempre. Ele ressurgente então na fala dos ensandecidos, nas teorias conspiratórias, nas campanhas difamatórias e na fala revisionista da história.

A dignidade é um valor destacado na Declaração Universal dos Direitos Humanos não por ser consenso e indiscutível, mas por ser um conceito frágil, eclético (SHULTZINE, 2003), controverso, perecível, às vezes escasso, que demanda cuidado e realce. A ideia liberal que floresceu no campo fértil do humanismo renascentista lhe tem especial apreço e o considera um ponto de referência e um dos alicerces que funda a sociedade democrática.

Dignificar implica no exercício de capacidades que precisam ser desenvolvidas pela pessoa ao longo de sua vida. É um tema que interessa aos preocupados com a perseguição política, com o terrorismo, com o tratamento desumano das minorias, com a tortura e o genocídio, entre outros dilemas e impasses sociais e humanos. Dignificar é um preceito legal e moral que precisa de uma definição operacional para ser aplicado, o que não é fácil já que as circunstâncias e as nuances das situações sociais variam.

No ambiente liberal, a dignidade das pessoas e dos grupos humanos é considerada um valor universal. É também um conceito proativo que demanda ação cívica. Há esforços para encontrar em todos os hemisférios e ambientes fontes

⁵ <https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1995/04/09/mcnamara-writes-vietnam-mea-culpa/a85cc058-54fe-4074-bda3-b374885ede8f/>
https://www.youtube.com/watch?v=a5_tgND4XQE

locais capazes de inspirar e de prover um fundamento singular a esta doutrina sobre a natureza comum da humanidade. É um trabalho intelectual valoroso que tenta superar, dessa forma, a desconfiança mútua (DÜWELL et al., 2014), oferecendo, com este vocabulário, uma linguagem e um enquadramento comum à conversação entre os povos.⁶

Direitos humanos prescrevem comportamentos e, por oposição, abominam o que lhe contrasta em significado. Ao ato dignificador se opõe o que é deplorável. Este tema tornou-se saliente após Hillary Clinton se referir ao *basket of deplorables*, os indignos que se reuniram em torno de Donald Trump em 2016. Entre eles, disse ela, estavam os racistas, os sexistas, os homofóbicos, os xenófobos e os islamófobos. Tratava-se, como se sabe agora, de uma fala impolida, embora sincera, que usualmente não frequenta a retórica dos que desejam ganhar eleições.

A variedade de casos assinalados neste estudo não esgota os tipos atuais de indignados. O que se quer assinalar é a saliência do mal-estar de muitos deles com os valores da sociedade liberal. Outra marca compartilhada pelos mais conservadores é o culto a um passado remoto imaginado como ideal. Neste caso a utopia não está à frente. Os dias que se foram são vistos como melhores do que os existentes. A missão política torna-se então restaurar e preservar a identidade original, a que parece ter existido imaculada e livre do contágio cultural. Isso acontece porque há um proveito emocional neste tipo de jornada rumo à vida tribal, na direção de um grau tolerável de primitivismo e de minimalismo e no resgate da atividade artesanal, da tradição religiosa e moral, e da vida lenta, natural, coletiva e comunal, a que existia antes da revolução industrial, da urbanização e da nova civilização que valoriza o indivíduo, a inovação, o universalismo, o racionalismo e o *laissez-faire* comportamental.

⁶ <https://www.dignityrights.org/>

1 A FRATURA E A DESGLOBALIZAÇÃO

A escravidão dos negros no Brasil e a luta abolicionista do século XIX inauguraram precocemente no país o debate sobre a identidade humana e os direitos das minorias. Os dois temas ganharam relevância adicional com a criação em 1910 do Serviço de Proteção ao Índio por iniciativa do desbravador do sertão brasileiro, Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon.

Na Europa as constantes transformações de sua geografia política ¹ contribuíram ao destaque que esses assuntos assumiram na atividade política. Na região francesa de Lorraine, por exemplo, a língua oficial e a nacionalidade mudaram cinco vezes desde 1815 e as fronteiras foram redesenhadas sete vezes num século e meio (PRADELELLES, 1983). Outras regiões do continente sofreram alterações similares. Foram os casos, por exemplo, da Polônia e da Alsácia. A partir de 1991 vários países se dividiram rompendo uniões artificiais que se prolongaram na história. Surgiram a República Tcheca, a Eslovênia e vários estados independentes que se libertaram do controle político e militar da Rússia.

Caso adicional de fratura política são os embates nacionais que aconteceram entre 1992 e 1995 no território da antiga Iugoslávia entre croatas, sérvios e bósnios. A narrativa que unia a diversa população do país sucumbiu com a morte do ditador Marechal Tito. Nesta região as fronteiras políticas não coincidem com a divisão étnica dos povos. Os albaneses, por exemplo, se espalharam entre a Albânia, Kosovo, Macedônia Ocidental e Montenegro. Muitos desembarcaram na costa da Itália. Também há russos espalhados em vários países limítrofes. Milhares de refugiados de origens diversas chegaram a países como Alemanha, a França e a Espanha. A ONU calculava em 2013 a existência 232 milhões de expatriados no mundo.

Estes fatos ampliaram o debate sobre o grau de dificuldade existente no relacionamento entre os grupos humanos. Como consequência dessa animosidade recrudescer em vários lugares o clamor em favor da defesa das fronteiras nacionais. Elas eram vistas pelos nacionais como porosas e ameaçadas pelo influxo de estrangeiros. Prova disso é o recorde de 1.72 milhões de pessoas apreendidas na

¹ <https://icr.ethz.ch/>

fronteira entre os Estados Unidos e o México em 2021. Em janeiro de 2022, o total de pessoas classificadas de ilegais detectadas pela polícia do país superou a marca de 150 mil, o dobro do recorde histórico verificado em 2021.²

Os movimentos humanos da atualidade fazem lembrar a migração de mais de 11 milhões de europeus que partiram rumo aos Estados Unidos entre 1891 e 1910.³ Aproximadamente no mesmo período, cerca de 1.2 milhões de cidadãos do Império Otomano se deslocou ao Ocidente⁴. Muitos deles chegaram ao Brasil. Este movimento continuaria nos anos seguintes em decorrência da Guerra dos Balcãs (1912-1913), da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), da guerra greco-turca (1919-1923) e da abolição do califado em 1923.

Em consequência desses fatos 1.5 milhão de gregos ortodoxos que viviam na Turquia tiveram que se mudar para a Grécia e 400 mil turcos muçulmanos da Grécia foram enviados de volta à Turquia. Trocas de populações ocorreram também entre a Índia e o Paquistão a partir de 1947, ano da partilha que criou estes novos países que estavam até então unidos sob o controle colonial inglês. A partir de 1945, 1,5 milhão de poloneses que viviam na União Soviética foram deportados e 500 mil ucranianos da Polônia foram enviados ao país de origem.

Ocorrência adicional que impactou o renovado destaque que o tema da identidade coletiva assumiu no século XXI é o fortalecimento da reação tradicionalista contrária ao ideal do cosmopolitismo liberal. Em consequência, as disputas ideológicas que emergiram sobre a globalização tornaram-se mais agudas. Elas estimularam a queixa dos povos do Oriente e do Sul contra a ocidentalização do mundo. Esse reclame foi evocado ainda na década de 1970 durante o debate realizado na UNESCO sobre a Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação. Nele a expressão *imperialismo cultural* tornou-se popular. Ela refere a capacidade que os países desenvolvidos têm de dominar o imaginário coletivo dos países periféricos através da música, dos filmes, dos livros e da televisão. O sentimento em favor do nativismo renasceu em 2020 no discurso dos nacionalistas

² <https://rdi.org/the-immigration-culture-wars-never-ended/>

³ Statistical Yearbook of Immigration and Naturalization Service, 2000.

⁴ Kemal H. Karpat, "The Ottoman Emigration to America, 1860-1914", **International Journal of Middle East Studies** 17, n. 2, maio de 1985, p. 185

russos. Algo similar acontece nas correntes islamitas e em vários círculos políticos latino-americanos.

Em vários lugares as disputas identitárias continuavam em 2022. Conflitos separatistas existiam na Criméia, na Ucrânia e na Chechênia. Os escoceses e os irlandeses do Norte desejavam se libertar da Grã-Bretanha. Os hindus e os muçulmanos se enfrentam com alguma frequência no interior da Índia e os quebeçois tentam com alguma insistência se separar do Canadá anglo-saxão. A Bélgica está dividida entre duas comunidades linguísticas desde os tempos do domínio napoleônico e a Espanha enfrenta há anos o dilema de manter unido o país a despeito da autonomia concedida aos catalães e a outros grupos linguísticos e nacionais.

Na África perduravam em 2022 na Somália, na Líbia e noutros lugares vários conflitos tribais. Em Singapura era intenso o debate público sobre o tema das identidades coletivas em virtude das manifestações de hostilidade mútua dos grupos étnicos e religiosos do país. Para evitar estes problemas a Indonésia decidiu banir a política identitária em 2017. Em vários países árabes e muçulmanos este confronto continuava entre xiitas, sunitas, maronitas, sufistas, drusos, curdos e coptas. Fica claro, portanto, que uma bandeira e um hino não bastam para resolver os conflitos étnicos, culturais e religiosos de um país.

Início

Na Alemanha é nítido o cansaço da nova geração que se vê forçada a enfrentar as sombras do passado a cada passo que dá em direção ao futuro. Surgiu em decorrência a saudade de um tipo de cidadão orgulhoso de sua nacionalidade. Essa mensagem que evoca a autoestima perdida por causa do nazismo é central na ideologia do Alternative für Deutschland (AfD) (Alternativa para a Alemanha) estabelecido como partido político em 2013. Tal sentimento provocou a reação dos que desejam uma nova ordem judicial e política.

Costuma-se marcar o renascimento do tema identitário na Europa com o protesto realizado em 2012 por um grupo de jovens em Poitiers, na França. Eles

carregavam cartazes com o título *Generation Identitaire* 732. O grupo era o herdeiro do *Bloco Identitário*, o partido fundado em 2003 como sucessor do *Unité Radical* de extrema-direita. Seu nome mudou depois para *Les Identitaires*.⁵ Essa semente frutificou e gerou um bloco supremacista (BS) europeu que utiliza a militância digital para enfrentar os adversários. Entre seus inimigos estão o *Movimento 15-M* da Espanha e o *Occupy Wall Street* e *Black Lives Matter* dos Estados Unidos. O BS reúne jovens que vestem uniformes à moda integralista, fazem acampamentos, organizam seminários de estudo e realizam exercícios militares. Um de seus objetivos é livrar a Europa dos muçulmanos. Com frequência eles mencionam a Reconquista espanhola para lembrar a expulsão dos judeus e dos árabes da Península Ibérica. Este fato ocorreu depois da promulgação do decreto de Alhambra em 31 de março de 1492 pelos reis católicos Isabel I de Castela e Fernando II de Aragão.

Em 2017, a tendência conservadora francesa tinha 20 mil seguidores online. Sua mensagem tem forte ligação com as ideias difundidas na Rússia por Alexander Dugin, o principal ideólogo do nacionalismo russo contemporâneo. Na Suécia um dos porta-vozes dessa corrente é Marcus Follin. Ele atua através de seu canal *The Golden One* no Youtube.

Esses ativistas abominam a União Européia, o capitalismo global, os ciganos e os homossexuais. Alguns sugerem o uso das práticas nazistas aplicada contra os judeus.⁶ Simpatizantes dessa tendência existem na Áustria, na Alemanha, na Suíça alemã, na Escandinávia, na Itália, na Bélgica, na Polônia, na Grécia e na República Tcheca⁷. Nos Estados Unidos posição similar é defendida por Richard Bertrand Spencer, um proeminente ativista do supremacismo branco.

Para evitar a reação hostil dos nativos contra os imigrantes alguns países dispersam os recém-chegados em seus territórios. O objetivo da medida é evitar a formação de enclaves étnicos e mitigar assim a reação negativa da população local.

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=5Vnss7y9TNA>

⁶ <https://www.splcenter.org/hatewatch/2015/10/12/american-racists-work-spread-%E2%80%98-ideology>
<https://www.splcenter.org/fighting-hate/intelligence-report/2014/white-identity-worldwide>
<https://www.europenowjournal.org/2018/02/22/generation-identity-a-millennial-fascism-for-the-future/>

⁷ <https://brill.com/display/book/9789004436107/BP000014.xml?language=en>

A medida foi aplicada na Irlanda, na Holanda, na Noruega, na Suécia e na Grã-Bretanha. Ela está sendo utilizada no Brasil com refugiados de várias origens, entre eles haitianos, senegaleses, venezuelanos, sírios e afegãos.

Depois de receber em 2016 mais de um milhão de imigrantes e refugiados num único ano o clamor em favor do estabelecimento de um limite à chegada de estrangeiros tornou-se a posição da maioria dos alemães. Reação similar era visível naquele ano na Itália. Ela é forte igualmente na Áustria onde atua o Partido da Liberdade (FPÖ). A agremiação se tornou anti-islâmica em 2005. Começou então a defender a identidade cristã do Ocidente, algo que aconteceu com a Frente Nacional da França e com o Vlaams Blok da Bélgica. Neste país o Partido da Liberdade e Progresso classificou a islamização como ameaça existencial à identidade nacional do país.

Há muito que se fala também dos valores asiáticos, um tema que emerge quando se faz referência ao milagre econômico japonês e chinês. Alega-se que o apreço desses povos pela harmonia social, pelo trabalho, pela família, pela tradição e pela nação contrasta com a preferência ocidental pelos direitos individuais da pessoa.

O impacto da diversidade cultural na atividade econômica é tópico correlato dos estudos interessados em apontar as vantagens e as desvantagens do fracionamento étnico de uma sociedade. O termo refere o número de grupos que coabitam no território de um país. Um ponto de vista levanta a suspeita de que as sociedades fragmentadas têm mais dificuldade em promover a cooperação de seus grupos em virtude das rivalidades internas.

O tema está envolto em ampla controvérsia metodológica e teórica. Estudo de PATSIURKO et al. (2012) sobre os países da Comunidade Européia mostra, por exemplo, que quanto maior é o fracionamento étnico de uma sociedade menor é o seu crescimento econômico. EASTERLY & LEVINE também utilizam este critério para mostrar a relação entre a heterogeneidade étnica e o lento desenvolvimento econômico. DRAZANOVA (2020) considera as transformações históricas que produzem a diversidade. Seu estudo mostra que a Grã-Bretanha e a Holanda tinham um nível similar de fracionamento étnico em 2013, muito embora a transformação

22 | IDENTIDADES EM JOGO: As pessoas, os grupos e os povos

tenha sido mais intensa na Holanda a partir de 1949. Países como Áustria, Bélgica, Espanha, Suécia, Suíça, Eslovênia, Noruega e Dinamarca sofreram igualmente modificações entre 1945 e 2015. Na África, ao contrário, perdura na maior parte dos países a estabilidade cultural com a destacada exceção de Suazilândia e a moderada modificação da estrutura demográfica do Marrocos.

Em 2022, o censo mostrou que a identidade britânica sofreu modificações significativas. Menos da metade da população se considerava cristã. O número de pessoas sem religião aumentou. O número de brancos caiu de 86% em 2011 para 81,7% em 2021. Outros grupos étnicos cresceram de 7,5% para 9,3%. Ou seja, o país se tornou mais secular, menos branco e cristão e mais diverso.

Riqueza

O início das guerras é sempre retórico. Discursos hostis de parte a parte incitam as emoções e antecipam a violência e a luta armada. Foi o que ocorreu entre a Rússia e a Ucrânia cujo conflito iniciado em 2022 sucedeu um longo período de polêmicas. O papel de soldado neste tipo de enfrentamento é exercido pelos *hommes de lettres*. No caso ucraniano eles apresentavam argumentos opostos. Um lado afirmava a unidade territorial da antiga União Soviética. O outro referia a identidade nacional da Ucrânia. Antes das bombas começarem a explodir o debate em que se descrevia e se confrontava a identidade dos dois povos era histórico e filosófico.

Estes contendores costumam se alinhar nas barricadas com rótulos variados. Entre eles estão liberais/conservadores e liberais/tradicionalistas. Outros pares dicotômicos são progressistas/reacionários; ocidentais/orientais; universalistas/relativistas; maioria/minoria; nacionalistas/cosmopolitas; fiel/herege; aliado/quinta-coluna; esquerda/direita; deísta/secular; radical/moderado; tradicional/moderno; individualista/coletivista; pré-moderno/pós-moderno; neoconservador/neoliberal e neocomunista/neoconservador.

Os interesses comuns dos grupos de afinidade aparecem também na atividade de subgrupos sociais usualmente chamados de tribos urbanas. Entre eles estão os darks, os rockabilies, os rappers, os cyber-dândis, os clubbers, os yuppies, os góticos, os ruggers, os bankers, os punks, os neo-punks e os pós-punks (CASTRO,

2016). Esta gente compartilha ritos, vestimentas, tarefas, hobbies, interesses, crenças e símbolos e às vezes o ódio a um mesmo inimigo.

No território destinado ao enfrentamento se admite a torcida dividida e certo grau de hostilidade ao antagonista. A rivalidade é estimulada pela propaganda e pela repetição dos confrontos ao longo do tempo. Desde a queda de Napoleão em 1815, por exemplo, mais da metade das guerras foi travada sempre pelos mesmos adversários (GOERTZ & DIEHL, 1993). Esses autores concluem que os choques entre rivais geram e alimentam as paixões que sustentam os embates. A animosidade se torna aguda e intensa com o passar do tempo tornando-se ao fim e ao cabo um fato intergeracional que eterniza o ódio recíproco.

A rivalidade é construída por diversos motivos, alguns importantes e graves como na política e na economia, e alguns recreativos como no futebol. Ela é moderada pela etiqueta, pela lei, pela educação dos bons costumes e pelos rituais de aconchego. Em muitos casos as regras de civilidade não são respeitadas. Utilizam-se então a chacota e a mentira dita e repetida para justificar as ações e as decisões. Por exemplo, não existiram armas de destruição massiva no Iraque como se alegava. E a guerra americana contra o Vietnã do Norte foi declarada como reação a um ataque que não aconteceu no Golfo de Tonkin.

É comum ouvir-se a afirmação de que a atividade econômica tem efeito contrário, pois facilita as relações entre os grupos humanos. Esta máxima diz que há paz onde há comércio. Mais importante ainda é a riqueza. O dinheiro funciona como lubrificante social. Quando o patrimônio cresce aumenta a tolerância de todos ao novo rico. A fortuna vence dessa forma as barreiras e a rejeição. Predomina então o pragmatismo dos interlocutores. Eles fazem um cálculo inteireseiro que os leva a conviver com pessoas que seriam descartadas se fossem pobres. Fica claro que no capitalismo as castas são permeáveis à riqueza alheia. Em sua presença os ambientes reclusos de classe tornam-se etnicamente diversos, algo que aconteceu no século XIX nos encontros dos burgueses nos *coffee-houses* londrinos.

São vários os exemplos de endinheirados pertencentes a grupos minoritários que se tornaram proeminentes e que passaram a viver nas cortes e depois nos altos círculos comerciais e financeiros. Neste caso a identidade dessas pessoas ficava em

24 | IDENTIDADES EM JOGO: As pessoas, os grupos e os povos

segundo plano, embora ela fosse com frequência objeto de ódio contido. Este sentimento aparece à superfície no momento especial de crise política. Enquanto isso não acontece o desprezo é motivo dos sussurros dos inimigos e dos invejosos. Às claras o jogo é dissimulado.

Foi o que aconteceu na corte dos imperadores austríacos e dos príncipes alemães nos séculos XVII e XVIII que utilizaram assessores judeus abastados acostumados ao trato do comércio. Esta gente sofria do ódio de rivais e de outros que alimentavam o rancor contra eles e aos seus. Este tipo de influência econômica e política eram passageiros e no fim, em muitos casos, os *judeus da corte* como eram chamados pagavam um preço alto por pertencer a um grupo desdenhado. No período em que estavam ao lado dos monarcas cuidando de suas finanças e ocupados com outros afazeres gozavam da proteção real e não necessitavam carregar no corpo os sinais que maculavam os patrícios. Podiam também viver em qualquer lugar, comprar casas, vender no atacado e no varejo sem serem taxados com impostos superiores ao dos cristãos.

Salomão e Ber Mayer forneceram o fardamento dos esquadrões de cavalaria que acompanharam o casamento do imperador austríaco Fernando II com Eleonora de Montua. José Pincherie de Görtz, Moisés e José Marburger de Gradisca, Ventura Pariente de Trieste e o médico Elijah Halfon de Viena também desfrutaram da proteção real. Samuel Oppenheimer e seus dois filhos ocuparam altos cargos na corte austriaca. Conta a história que todos eles tiveram que enfrentar as intrigas palacianas animadas por desafetos.

Caso mais recente é o da família Rothschild, pioneira da atividade bancária (FERGUSON, 2000). Seus membros continuam sendo objeto de chacota de grupos que advogam a causa do antissemitismo. Como dito alhures (WAINBERG, 2018), este tipo de pregação sobre um pretense complô judaico para controlar o mundo foi apresentado na obra apócrifa *Os Protocolos dos Sábios de Sião* elaborada no reinado do Czar Nicolau II (1668-1918). Sob sua inspiração o capitão integralista Olimpio Mourão Filho afirmou em 1937 que um golpe comunista estava em andamento no Brasil. Ele denominou, não por acaso, este movimento subterrâneo de *Plano Cohen*.

Os Protocolos continuam sendo obra exaltada em vários ambientes hostis aos judeus. Entre 2004 e 2017, essa teoria conspiratória foi contada e recontada pelo menos 18 vezes na mídia do Oriente Médio (WAINBERG, 2018). Em 28 de junho de 2017, um programa jornalístico da Altaghier TV da Jordânia anunciou que os Rothschild dominavam metade da riqueza do mundo; que eram proprietários de um terço da água fresca do universo; que eram capazes de definir o preço do ouro; que controlavam a mídia americana, até mesmo a CNN e Hollywood e a maioria dos bancos; que eram donos de 80% do urânio mundial e que tinham assassinado pelo menos seis líderes mundiais⁸.

George Soros herdou este ódio antigo por ser judeu, rico, liberal e hábil especulador financeiro. A teoria conspiratória conta que este húngaro de nascimento e refugiado do nazismo financia agora as caravanas de migrantes rumo aos Estados Unidos. Seu objetivo seria pôr a pique a predominância dos brancos na sociedade americana. Ele é descrito pelos inimigos como alguém sem raízes. É rotulado de globalista por isso. Seu nome tem sido debochado nos círculos da extrema direita. Foi objeto de pilhéria nas falas proferidas pelo presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdoğan, que o acusou de apoiar o ativista Osman Kavala, condenado à prisão perpétua sob a acusação de tentar derrubar o governo do país; do primeiro-ministro da Hungria, Viktor Orbán; do vice-presidente da Itália, Matteo Salvini; do líder do partido inglês UKIP de extrema-direita Nigel Farage e de Donald Trump que o acusa ser um dos financiadores do movimento Antifa de esquerda. "Soros se tornou o bixo-papão do século XXI", diz a escritora Deborah Lipstadt⁹.

Refluxo

Nas décadas de 1980 e de 1990 termos como *no sense of place* (MEYROWITZ, 1985) e não-lugar (AUGÉ, 1994) tentavam capturar o que ocorria com a globalização. Essas expressões foram substituídas no século XXI pelo velho refrão *no place like home* (nada se compara ao lar) cantado em 1956 por Elvis Presley. Aparentemente

⁸ Memri TV, Clip 6165.

⁹ Ver <https://www.youtube.com/watch?v=bblvpw8qkVg>

vários fatores contribuíram para este refluxo em direção à aldeia, à paróquia e à tribo. O terrorismo e a epidemia do coronavírus exigiram, por exemplo, a imposição de controles fronteiriços mais rígidos. Fala-se por isso agora em desglobalização. Símbolos desse fracionamento do mundo são os mil quilômetros de cerca e de muros construídos ao longo das fronteiras de vários países com o objetivo de impedir a entrada de refugiados, de criminosos, de terroristas e também a saída de fugitivos.¹⁰

Os acontecimentos das duas guerras mundiais evidenciaram a necessidade de se tomar medidas capazes de apaziguar os conflitos políticos, econômicos e culturais entre os estados, as nações e os grupos. Este foi o objetivo da criação da ONU, da promulgação da Declaração dos Direitos Humanos, da Declaração sobre os Direitos das Pessoas Pertencentes às Minorias Étnicas, Religiosas e Linguísticas e do aparecimento da Comunidade Européia, entre outros tratados e acordos referentes ao tema da paz mundial.

No interior de muitas sociedades as identidades coletivas são objeto do ativismo político de movimentos que reivindicam direitos étnicos, tribais, culturais, linguísticos, religiosos e sexuais. O número dos grupos que demandam atenção das autoridades aos seus interesses e necessidades continua a crescer. Entre os novos aglomerados estão os idosos, os aposentados, as mulheres, os deficientes físicos e os obesos (PROHASKA & ELLIS, 2017). Às vezes grupos étnicos apelam à violência para serem considerados pelos *policy makers* (VOGT et al., 2021). Tal politização utiliza inúmeros canais de comunicação, entre eles a mídia digital. Ela favorece o enredamento e a mobilização das pessoas em defesa das causas de seus grupos de referência. Resulta o que vários autores denominam de *retribalização social*.¹¹

Com o passar do tempo esta tendência ao ajuntamento sofre mudanças. Isso depende do padrão cultural do local e de outras inúmeras variáveis sociais e psicológicas que favorecem ou não a interlocução e a intimidade dos membros de uma rede social. Dados coletados a propósito deste tema no *General Social Survey*

¹⁰ <https://worldpopulationreview.com/country-rankings/countries-with-border-walls>

¹¹ Dunbar, R.I.M. "Coevolution of neocortical size, group size and language in humans". **Behavioral and Brain Sciences**. 1993

Maffesoli, Michel. **A Transfiguração do Político. A tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 1997

em 2004 mostram a redução no número de confidentes com os quais um americano interage. Em 1985, eram 2.94 pessoas. Em 2004, a redução chegou a 2.08, alcançando esposos e esposas e parentes íntimos principalmente. Menos contatos eram realizados por uma pessoa com integrantes de associações voluntárias e da vizinhança.

A chegada de imigrantes e de refugiados à Europa e aos Estados Unidos é fator adicional na promoção deste debate sobre as identidades coletivas. A desconfiança dos hospedeiros afeta agora até mesmo populações que costumavam acolher com boa vontade os estrangeiros. A Suécia é exemplo disso ¹². Os Democratas Suécos, um partido fundado em 1988 com raízes no neonazismo, elegeu em setembro de 2022 a segunda maior bancada do parlamento. O grupo originalmente se chamava B.S.S., a sigla que significa *Mantenha a Suécia Suéca*. Entre os 30 fundadores da agremiação 18 tinham ligações nazistas e alguns entre eles integraram as forças da SS de Hitler. Seus objetivos incluem persuadir os imigrantes a deixar o país, proteger a cultura suéca e impedir que os 15 mil judeus locais e o povo autóctone Sami (ou Sápmi) sejam considerados suécos. O povo Sami é constituído por 80 mil pessoas que vivem espalhadas nos territórios da Suécia, da Noruega, da Finlândia e na Península Kola na Rússia.

O sucesso eleitoral dos democratas suécos tem sido explicado como decorrência da oposição crescente da população local à onda de crimes cometidos pelos estrangeiros e aos desafios culturais que os recém-chegados apresentam à homogênea identidade nacional do país. É também uma reação ao fato de que a Suécia recebeu mais refugiados per capita do que qualquer outro estado europeu. A ideologia nacional-populista da extrema-direita local se assemelha às ideias da agremiação francesa liderada por Marine Le Pen, ao partido VOX espanhol e aos Irmãos de Itália, o grupo liderado por Georgia Meloni, a candidata vencedora das eleições nacionais de 2022. Seu partido representa as ideias do Movimento Social Italiano. Ele substituiu o Partido Nacional Fascista banido após a Segunda Guerra Mundial. Esta facção se opõe ao globalismo que, segundo Meloni, "considera como inimigo tudo que define a pessoa, tudo que estabeleceu sua identidade e sua

¹² <https://www.eurocanadian.ca/2016/03/total-failure-of-multiculturalism-in-sweden.html>

civilização". O grupo se opõe também ao que esses ativistas denominam de "lobby LGBT"¹³.

A onda em favor da tradição alcançou a Hungria. Neste país o parlamento aprovou por 157 votos a favor e um contra a lei que proíbe falar sobre homossexualidade e gênero nas escolas frequentadas por menores de 18 anos e nos programas infantis de televisão. Em 2022, este tipo de manifestação avessa à temática sexual tornou-se comum no público conservador dos Estados Unidos, e em vários países da Europa e noutros continentes como é o caso do Brasil onde o slogan em favor da nacionalidade, de Deus e da família também se tornou popular.

Em resposta à tensão entre nativos e imigrantes a Holanda decidiu retornar ao monoculturalismo. Neste país, desde 2003 uma série de documentos está redefinindo o conceito de Estado para assegurar a lealdade dos seus cidadãos (OSSEWAARDE, 2007). Processo similar acontece na Dinamarca. Em 2022, este país era o que tinha uma das políticas anti-imigratórias mais duras da Europa.

O errante pertence a vários mundos e não pertence a nenhum deles verdadeiramente. Tal situação tipifica a vida de uma série de pessoas, entre elas pensadores que experimentaram a expatriação. São os casos de Georg Simmel, Herbert Marcuse, Stuart Hall, Alfred Schütz, Edward Said, Jacques Derrida, Hanna Arendt e Elias Canetti. Esses e outros transformaram a experiência do exílio em acuidade intelectual. Muitos acabaram se interessando pelo tema da posição marginal ocupada pelo estrangeiro na sociedade moderna. Em seu artigo, *In Good Faith*, Salman Rushdie diz que seu livro *Os Versos Satânicos* expressa a visão de mundo dessa gente. A obra saúda o hibridismo, a impureza e a combinação por vezes inesperada de culturas e de ideias (WALDROM, 1992).

Os antropólogos cultivam objetivo inverso. Desejam descrever a identidade de grupos sociais não hegemônicos e de povos autóctenes às vezes chamados de primitivos. Por isso mesmo este campo de conhecimento é classificado também de microsociologia (FIRTH, 1958, p. 223) e de sociologia comparada (RADCLIFFE-BROWN, 1958, p. 150). O que os antropólogos desejam sobressair é o peculiar. Foi o caso dos habitantes das ilhas Trobriand, um conjunto de atóis próximos a Nova

¹³ <https://www.youtube.com/watch?v=V248vqTJV6E>

Guiné onde Bronislaw Malinowski produziu seu famoso estudo *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922). O alto Xingu no Brasil e a Terra do Fogo na Argentina entre outros lugares isolados também são visitados por estes estudiosos.

Na Rússia, um dos alvos desse interesse foram as comunas conhecidas como Obshchina ou Mir que acolheram até a revolução de 1917 camponeses livres e servos. Tornaram-se símbolo do nacionalismo russo e do comunismo. Outras experiências similares de vida coletiva estudadas são o Kolkhoz e o Sovkhoz. Seus fundamentos foram replicados no Kibutz israelense que em 2017 tinha uma população de 174 mil habitantes distribuídos em mais de 200 comunidades espalhadas pelo país¹⁴.

Teorias

A identidade é fator decisivo às interações interpessoais, aos encontros de membros de diferentes grupos sociais e nacionais e noutros tipos de interlocuções como os que acontecem entre produtores e consumidores. A modelagem do *self* e a percepção recíproca são ocorrências consequentes. A *Teoria Comunicacional da Identidade* apresentada originalmente por Michael Hecht et al. diz que a identidade é a imagem que a pessoa acalenta de si e que ela manifesta aos outros em sua interação social.

Ou seja, ela é a maneira como o ser humano se concebe, se constrói e se expressa. Surge a seguir e como consequência a identidade relacional. Neste enquadramento a atuação do sujeito se altera de acordo com a situação em que se insere. A terceira etapa é a identidade comunal, a que é sustentada pelos grupos.

Já a maneira e o conteúdo da exposição pública de um aglomerado resultam de um debate interno realizado por seus membros. Alguns grupos são mais salientes e dominantes que outros. Isso pode acontecer por eles serem maioria, por disporem de mais recursos, por desfrutarem de privilégios e por terem mais poder, entre outros fatores.

¹⁴ Fonte: Shnaton Hatnua Hakibutzit, Nitunei 2017/2018 (em hebraico). (Anuário do Movimento Kibutziano. Dados de 2017/2018).

Acontece também que alguns membros de um grupo podem ter um desempenho dissidente. Com frequência há também discrepância na maneira como um ator se percebe e como os demais o veem. Neste caso a identidade é atribuída pelos demais. Eles se valem para isso com frequência de estereótipos.

Outra formulação, a *Teoria da Administração da Identidade Humana* (IMAHORI & CUPACH, 2005; TING-TOOMMEY, 1993, 2005), trata das habilidades adaptativas das pessoas. O resultado esperado é que haja acordo entre os envolvidos na negociação intercultural e entre o que as majorias e as minorias assumem sobre suas singularidades.

A identidade resulta, portanto, de uma comparação binária (self/outro). Exemplo histórico ocorreu com os gregos e os romanos que se descreviam civilizados em oposição aos ameaçadores povos do norte da Europa rotulados de bárbaros (KOMINKO, in DURAK & JEVTIC, 2019, p. 53). Em Roma e Atenas os antagonistas eram descritos de forma monstruosa e fantástica.

Esta demonização dos opositores é usual na atividade política (SAVAGE, 2013). Os outros são estigmatizados. Eles são execrados e mantidos sempre à distância. Este tipo de retórica emocional se nutre da desconfiança mútua. Isso pode ser verificado nas narrativas e nas comunicações que ocorrem entre os membros das redes sociais modernas (TRIGIANI & BOLER, 2021). Toda e qualquer emoção compartilhada fortalece a coesão dos integrantes de um grupo. No caso extremo o outro é visto como alvo e objeto para ataques, colonização, dominação (URRY, 2000) e destruição.

O tema não é novo. No passado Napoleão enfrentou este desafio ao convocar em abril de 1806 uma Assembleia de Notáveis inspirada no antigo Sinédrio para esclarecer 12 pontos controversos da lei judaica (chamada de *halachá* em hebraico). Dessa forma o imperador francês queria definir as condições a serem exigidas à integração dessa comunidade à vida civil do país.¹⁵ Tratava-se, na verdade, de uma negociação política sobre a identidade desse grupo minoritário (SWANN, 1987). O termo identidade deve ser entendido no caso como “a condição na qual as pessoas

¹⁵ <https://www.jewishhistory.org/napoleons-sanhedrin/>

reconhecem certos direitos e deveres recíprocos em virtude do pertencimento compartilhado à nação” (GELLNER, 1983, p.7).

Em resposta a esse tipo de demanda surgiu na Alemanha em 1801 o movimento liderado pelo filósofo Moisés Mendelson (1729-1786). Ele estimulou a expansão do judaísmo reformado que modificou várias regras e costumes tradicionais para diminuir a fricção dos judeus com a maioria cristã de vários países da Europa. Mesmo assim a dúvida sobre a aderência desse grupo aos valores dos hospedeiros persistiu. A desconfiança serviu mais tarde de justificativa para impedir a entrada de fugitivos do nazismo em vários países.¹⁶ No Brasil, outros grupos além dos judeus foram classificados igualmente como indesejáveis. A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres se manifestava com frequência contra a chegada de imigrantes japoneses, por exemplo. A edição de 1º. de novembro de 1934 do Jornal do Comércio publicou sua oposição à vinda dessas pessoas e contra a invasão de iraquianos que “a Inglaterra quer colocar no Paraná”.

No Brasil é longa a lista de autores que debate o tema da identidade nacional. Entre eles estão Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Silvio Romero, Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre, Mario de Andrade e Paulo Prado. Oswald de Andrade lançou a respeito do tema em 1928 o famoso dito “tupi or not tupi” em seu Manifesto Antropófago. Ele celebrava a miscigenação racial da população brasileira. Saudava sua capacidade de absorver e de misturar a cultura estrangeira com os motivos nacionais, em especial com suas matrizes indígena e negra.

Entre os países mais homogêneos do mundo estão, além do Brasil, a Argentina, o Uruguai, Ruanda, Haiti, a República Dominicana e a Coreia do Sul¹⁷. Somente 1,55% dos poloneses declara possuir uma identidade étnica distinta da maioria¹⁸. É o caso também do Japão, um país homogêneo, mas que possui uma minoria, o povo Ainu que vive nas ilhas de Hokkaido, Curilhas e Sacalina. Entre os países com população mais diversa estão o Chade, Camarões, Nigéria, Togo, Congo, Quênia, Guiné-Bissau, República do Congo, Costa do Marfim e Libéria.

¹⁶ https://pt.wikipedia.org/wiki/MS_St._Louis

¹⁷ https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_countries_ranked_by_ethnic_and_cultural_diversity_level

¹⁸ Censo de 2011.

32 | IDENTIDADES EM JOGO: As pessoas, os grupos e os povos

O tema está vivo também no Chile. A proposta da nova Constituição apresentada e rechaçada pelos eleitores em setembro de 2022 afirmava que o país é um “estado plurinacional e intercultural” que reconhece 11 povos e nações, entre eles os Mapuche, Aymar , Rapa Nui, Lickanantay, Qu chua, Colla, Diaguita, Chango, Kawashkar, Yaghan e Selk’nam. Sugestão similar apareceu nas propostas do governo do PT eleito para governar o Brasil em 2022.

O debate acontece igualmente na China. Embora predomine a etnia Han (93% da popula o)   marcante a desconfiança da autoridade aos 55 grupos étnicos que constituem os sete por cento restante da sua popula o. Entre eles 54 têm línguas próprias e 23 possuem escritas particulares. O objetivo de Pequim   fomentar a fusão desses grupos   milenar tradi o cultural do país. Este empreendimento implica em acionar o aparato educacional e a média (e às vezes a polícia) para produzir uma narrativa que conecte essa gente a matriz identitária nacional.

2. UNIVERSALISMO E PARTICULARISMO

É antiga a disputa entre os defensores do particularismo e os universalistas que apóiam a unidade moral e política da espécie humana. Entre esses estão, principalmente, os seguidores das prédicas iluministas. O particularismo, ao contrário, salienta as diferenças culturais. Esta foi a posição apresentada na famosa exclamação do conde Joseph-Marie de Maistre, um dos mais aguerridos críticos da Revolução Francesa. Em sua obra *Considerações sobre a França* (1796) ele diz que ao longo de sua vida avistou franceses, italianos e russos, mas que nunca tinha visto o *homem* como exposto nos discursos revolucionários de seu tempo.

A difusão desse pensamento nacionalista se espalhou pelo globo. Na Polônia ecoou na atualidade o grito em favor de uma Europa branca, católica e sem refugiados políticos e econômicos. Na Inglaterra, surgiu o *Britain First*. Na Áustria, atuava em 2021, o movimento identitário que se inspira no pensamento conservador de Alain de Benoist; do historiador Dominique Venner; do escritor Guillaume Faye; do novelista Renaud Camus; de Jean-François Thiriart (1922-1992), um socialista convertido ao neonazismo e de Robert Steuckers.

A crítica ao universalismo caiu ao gosto do que algumas fontes chamam de *comunitarismo*. A experiência da Suíça é exemplo disso. Sua estabilidade foi obtida pelo estabelecimento em 1848 de um sistema de 26 cantões autônomos e homogêneos (alemão, 73,4% da população; francês, 20,5%; italiano, 4% e romanche, 0,7%) que coabitam num estado federal. Sua fórmula - unidade na diversidade - é o legado que esta experiência oferece à humanidade (WINDISCH, 2004). À exceção do período da Primeira Guerra Mundial, quando houve forte divisão no alinhamento político dessas sociedades, as diferenças étnicas já não são um fator relevante às disputas políticas locais. Esta é uma realidade excepcional que difere da verificada noutros inúmeros lugares nos quais as disputas linguísticas e religiosas são marcantes. Uma das poucas manchas a esta tradição de convivência e tolerância mútua ocorreu com a decisão suíça de 2009 de banir a construção de minaretes nas mesquitas do país. Ela foi interpretada como indício de discriminação contra esta comunidade de 400 mil pessoas que vive no país.

O resultado da experiência suíça é tema que interessa inúmeros autores intrigados com seu desenvolvimento histórico peculiar (WIMMER, 2018). Ele é bem diferente do que se observa, por exemplo, no Líbano, um país marcado pelo sectarismo religioso e comunitário entre sunitas, xiitas, cristãos e drusos. Este fato impede na atualidade do século XXI o funcionamento eficaz de suas instituições políticas. Deriva a conclusão geral de que a desintegração de uma sociedade culmina com alguma frequência em conflagração militar, fato que o Líbano testemunhou entre 1975 e 1990. O mesmo aconteceu na Líbia após a morte de Muammar Kadafi em 2011.

Autores simpáticos ao comunitarismo como Alasdair MacIntyre, Michael Sandel e Michael Walzer compartilham a visão de que as normas, os valores e as tradições cultivadas pelos membros de um grupo e/ou nação são a fonte natural de seu sistema legal. Tal interpretação valoriza, portanto, a ideia de soberania e de autonomia política. O artigo 27 do Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos diz sobre este tema claramente que “naqueles estados nos quais existem minorias étnicas, religiosas ou linguísticas, não se deve negar às pessoas que pertencem a tais minorias o direito, em comunidade com outros membros de seu grupo, de desfrutar de sua própria cultura, de professar e praticar sua própria religião, ou de usar sua própria língua”. Cabe lembrar a propósito de que se estima em sete mil o número total de línguas faladas no mundo atual, muito embora somente 359 sejam globais por serem faladas por milhões de pessoas. Um total de 473 já está quase extinta. Entre elas estão idiomas das tribos indígenas.

A consideração do sociólogo Craig Calhoun é relevante ao contraste que aqui se faz entre o particularismo e as proposições do cosmopolitismo. Segundo o ponto de vista crítico desse autor o estado de espírito da pessoa em favor do cosmopolitismo surge sempre num contexto social determinado (2003). Kendall et al. (2008) também dizem que toda pessoa é fruto de um lugar e de algo tangível que lhe oportuniza a sensação de pertencimento. Nessa interpretação a rota a ser percorrida é do paroquial ao global, necessariamente (APPIAH, 2006, p. 241; KENNEDY, 2007).

Pertencer à família, à nação, a um grupo de amigos, à pátria, à comunidade, à empresa e a organizações é necessidade da maioria dos seres humanos que superam dessa forma a solidão e encontram o sentido de suas vidas na companhia de outras pessoas. Envolve, portanto a filiação do sujeito a um local. O desejo de pertencer começa nos primeiros laços do infante, progride na vida escolar e na adolescência e se transforma em necessidade vital do sujeito maduro.

Quem não pertence procura o afeto perdido (BAUMEISTER & LEARY, 1995) em algum canto. O principal benefício emocional de pertencer a um grupo é se sentir seguro (IGNATIEF, 2001). Quando isso não acontece resulta o abandono de si, uma cena que se observa entre os que permanecem perdidos nas calçadas, nas praças e noutros lugares. É o desmoronar da identidade humana (HONNETH, 2011, p. 179). Tal perturbação é definida como a perda do *self*. O sujeito tem dificuldade para se comparar aos demais. É o que acontece também na desordem *borderline*. Suas atitudes são instáveis porque suas crenças, objetivos e humor flutuam facilmente. Decorre a confusão, a baixa autoestima e a instabilidade emocional.

Efeito similar é obtido com alucinógenos como os utilizados pelos astecas em seus rituais do passado. Nas raves de hoje é o que acontece com o uso de uma anfetamina chamada apropriadamente de *ecstasy*. A perda do eu ocorre ainda na participação do sujeito numa banda ou coral, quando o sujeito canta junto com os demais o hino nacional e/ou estribilho musical das melodias da moda e quando dança fantasiado na avenida como membro de um bloco de carnaval.

Cabe perguntar se é possível pensar em pessoas sem identidade. Em vários ambientes o uniforme padronizado utilizado por enfermeiras e por outros como os membros de uma comunidade religiosa como os Amish, as freiras católicas, os monges e os hassídicos tem o objetivo de "apagar o eu" (HAIDT, 2020, p. 238). No contexto militar a farda dos soldados ajuda a criar espírito de corpo, a disciplina, a coesão e a camaradagem e distingue o amigo do inimigo.

O efeito mosqueteiro de *um por todos e todos por um* produzido pelo fardamento foi gerado, por exemplo, pela tropa paramentada da falange macedônia, dos romanos e dos soldados espanhóis comandados pelo general cartaginês Hannibal. Este resultado *mágico* produzido pelo *design*, pelos emblemas e pelas

cores identifica também um clube. Este fato explica porque os torcedores se vestem como os jogadores. Esse e outros disfarces simbólicos conferem prestígio nestes rituais denominados por Emile Durkheim de “efervescência coletiva”, algo que se observa no campo de batalha e de futebol.

Nas manifestações de rua as pessoas cadenciam o passo para andarem juntas nas avenidas e para parecerem aos olhos dos observadores uma longa serpente, um enxame ou cardume. Este resultado é especialmente valioso na tropa onde os soldados impressionam o inimigo pelo efeito que causa esta aparência na qual o sujeito faz parte de um todo.

Obstáculo

Nos círculos críticos ao paroquialismo a existência dos estados modernos é descrita como o principal obstáculo ao cosmopolitismo. Sua abolição é desejada por vários grupos contrários ao realismo político. Esta corrente pragmática descreve as relações internacionais como sendo a luta em torno dos interesses particulares de cada país. A proposição universalista em favor de uma internacional liberal sustenta a ideia oposta, a de que uma base moral comum é compartilhada pela humanidade. Ela seria condição necessária à paz e à extensão dos benefícios da justiça global a todos os indivíduos.

Cabe esclarecer que a Internacional Liberal¹ foi fundada em 1947 por iniciativa de ativistas belgas, britânicos e noruegueses. Seu documento de fundação é conhecido como Manifesto de Oxford². Uma nova versão chamada de Agenda Liberal para o Século XXI apareceu em 1997. O Partido Novo do Brasil era naquele ano observador da Organização.

Desde o tempo de Diógenes de Sinope (século V AEC) o cosmopolitismo tenta oferecer resposta ao separatismo sugerindo que a pessoa deve ser cidadã do mundo. A partir do século III da EC esse desejo universalista estóico defendia o surgimento da Cosmópolis. Fontes antigas como Cícero, Zenão de Cítio, Crísipo de Solos, Marco

¹ <https://liberal-international.org/>

² https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_de_Oxford

Aurélio e Sêneca trataram do tema. Ele reapareceu com Publio Terêncio Afro, o escravo liberto que escreveu no período da República romana, numa de suas peças teatrais, o dito sempre lembrado *Homo sum, humani nihil a me*, ou seja, "Sou um homem, nada do que é humano me é estranho". Sócrates e os cínicos foram sua principal fonte de inspiração. Eles estavam à esquerda de Platão (VON DANIELS, 2014) e de Aristóteles para quem as pessoas desejam e precisam viver na intimidade de uma comunidade restrita. Ambos defendiam, portanto, a posição paroquial de que todo cidadão grego deveria pertencer necessariamente a uma pólis. Nascia assim o conceito de cidadania.

Exemplo de cosmopolita moderno é Gary Davis, um norte-americano que renunciou (com grande espalhafato) em 1948 à cidadania norte-americana e se declarou cidadão do mundo durante seu protesto na sede da ONU em Paris³. Com alguma frequência a posição em favor deste humanismo universal é evocada por manifestantes que pressionam seus governos a intervir militarmente em crises estrangeiras nas quais surgem sinais de desrespeito aos direitos humanos. Usualmente este tipo de demanda acontece como reação à insistente cobertura jornalística desses fatos dramáticos. Este efeito CNN (GILBOA, 2005) aconteceu, por exemplo, na crise da Bósnia entre 1992 e 1995. Tal apelo popular acontece também em apoio aos deserdados de além-fronteira abatidos nas crises de fome, nas epidemias e nos desastres naturais, entre outros dramas sociais e naturais.

Ramificações desse debate sobre a existência de valores humanos universais são *A Cidade de Deus* de Santo Agostinho, *A Monarquia* de Dante Aligheri e os escritos de Erasmo de Roterdão. A visão esperançosa e otimista sobre a unidade da humanidade prosperou com Adam Smith, Jeremy Bentham e Karl Marx. O tema cantado no hino comunista apela ao internacionalismo e exorta a união dos proletários do mundo na luta contra o capitalismo. Este desejo revolucionário "deu asas às esperanças universais e a muitas das melhores cabeças do século XX" (ARONSON, 2007, p.125). Em seu ensaio *Sobre a Questão Judaica* Marx referiu a ideia de que era necessário anular todas as distinções existentes entre as pessoas – as

³ <https://www.worldservice.org/docpass.html?s=1>
<https://www.theworldismycountry.com/youtube>

de classe, nascimento, educação, ocupação e religião. O proletário não tem pátria, dizia.

Outro eminente (e celebrado) porta-voz do clamor cosmopolita foi Immanuel Kant. Seu ensaio *Paz Perpétua* sugere a abolição dos exércitos, o respeito ao princípio da não interferência estrangeira nos assuntos internos dos estados, a prevalência da constituição republicana e a aliança dos povos em favor da paz mundial. Os seguidores de Kant abominam o relativismo que rejeita as verdades universais e que deixa as pessoas sem um padrão moral capaz de aproximar os diferentes. O filósofo Kwame Anthony Appiah afirma a propósito que o cosmopolitismo é uma maneira de mediar entre o universalismo e o particularismo (APPIAH, 2006).

O desejo universalista se manifesta às vezes através de metáforas. O *melting-pot*, por exemplo, refere a imagem de um caldeirão que fermenta as diferenças e produz um protótipo unificador que resulta dessa mistura. A ambição da miscegenização tem sido combatida pelos que temem o enfraquecimento dos fundamentos identitários. Por isso mesmo os cosmopolitas são frequentemente acusados de serem pessoas sem pátria. Essa era a definição dada pela *Encyclopédie* francesa do século XVIII ao verbete. A obra dizia que o cosmopolita era uma pessoa sem morada fixa e que em lugar algum se sentia estranho.

O fato estatístico é que na atualidade há países nos quais uma parcela significativa da população diz sentir pouco o mundo. Esta expressão – sentir o mundo – foi utilizada no inquérito realizado pelo *World Values Survey* (WVS) em sua investigação realizada em 80 países no período de 2017-2020⁴. Os dados coletados mostram que 49,9% da humanidade se sentia distante do mundo exterior. Este era o caso, por exemplo, de 59,6% dos chineses, de 53,5% dos americanos, de 54,8% dos australianos, de 50,1% dos canadenses, de 52,1% dos finlandeses, de 52,5% dos argentinos, de 72,7% dos taiwaneses, de 63,2% dos habitantes de Hong Kong, de 69,6% dos japoneses, de 63,2% dos sul-coreanos, de 75,1% dos habitantes de Singapura, de 51,9% dos mexicanos, de 66,1% dos russos, de 51,1% dos suécos e de 54,1% de brasileiros.

⁴ <https://www.worldvaluessurvey.org/WVSDocumentationWV7.jsp>

⊕ Tabela 1: Sinto que estou próximo do mundo. 2017-2020

	Total/Humanidade	Brasil
Muito próximo	13,6%	5,2%
Próximo	32%	26,1%
Distante	32,7%	26,9%
Muito distante	17,2%	27,2%

Fonte: World Values Survey

Eu me enxergo como cidadão do mundo. 2005/2009 – 2010/2014

	Total/ Humanidade 2005-2009	Brasil 2005-2009	Total/ Humanidade 2010/2014	Brasil 2010/2014
Concordo plenamente	26,8%	26,7%	29,8%	36,7%
Concordo	44,7%	50,7%	41,5%	43,7%
Discordo	15,9%	19,2%	16,5%	14,3%
Discordo plenamente	6%	2,2%	6,7%	2,9%

Fonte: WVS

A expressão *sentir o mundo* substituiu o termo *cidadão do mundo* utilizado nas rodadas anteriores da investigação do WVS. Sentir o mundo é menos ambíguo e sua utilização alterou por completo o resultado observado até então nas entrevistas. No período 2010-2014, os dados mostravam que 71,3% de todos respondentes concordavam com a expressão "eu me enxergo como cidadão do mundo". No Brasil este indicador era de 80,4%. Eles mostraram também que os respondentes se sentiam comprometidos com o seu país.

Os dados coletados nas entrevistas autorizam, portanto, a tese de que não há contradição e incompatibilidade entre o cosmopolitismo, o nacionalismo e o patriotismo (BAYRAM, 2018). No quadriênio de 2017/2022 um total de 85,4% dos respondentes de todo o mundo disse que tinha orgulho da pátria (61,4% dos brasileiros). Um total de 63,7% afirmou que estava disposto a lutar por ela (43,9% no Brasil) e 86,3% mencionou que se sentia próximo de suas comunidades (71,7% no Brasil).

Sinto-me próximo de minha comunidade. 2017/2022. Em %.

	Todos os respondentes	Brasil
Muito próximo	46,7	24,2
Próximo	39,6	47,5
Um pouco distante	10,7	16,7
Distante	2,0	7,1

Fonte: WVS

Tenho orgulho de meu país. 2017/2022

	Todos os respondentes	Brasil
Muito orgulhoso	52,4	24,3
Orgulhoso	33,0	37,1
Pouco orgulho	8,1	26,6
Sem orgulho	2,2	9,9

Fonte: WVS

Ou seja, embora persista a controvérsia sobre os atributos do cosmopolita o termo é frequentemente utilizado para nominar a pessoa comprometida com valores morais universais e o racionalismo (CARMONA, et al., 2020; 2022; VAN HOOFT, 2009). Deriva desse conceito a ideia de que a ligação do sujeito com uma vizinhança e com um território específico (MALKKI, 1992) não é considerada nessa visão condição necessária à formação da identidade humana. Segundo esta tese a intensa mobilidade (HALBAWACHS, 1990; FOROUGHİ & AL-AMOUDI, 2020) enfraqueceu a ligação do sujeito com um local restrito.

Diferenças

O cosmopolitismo é descrito também como um traço psicológico do indivíduo. O termo se distingue de globalização, uma ocorrência histórica que se constituiu e se prolongou no tempo, mas que adquiriu este nome na modernidade em virtude do intenso enredamento das populações através da economia, da mídia e dos transportes. O avanço do capitalismo e da democracia permitiu incorporar uma vasta região e suas populações aos fluxos do comércio internacional, ao movimento livre

das pessoas através das fronteiras e aos intercâmbios, entre outras formas de aproximação e de relacionamento humano. A imagem idealizada do cosmopolita se consolidou no imaginário coletivo graças à urbanização, à educação crescente das massas, à secularização, ao desenvolvimento da sociedade de consumo e à revolução dos costumes, entre outras causas. Craig Calhoun afirma ironicamente que o vocábulo *universalismo* caracteriza a “consciência de classe do *frequent flyer*” (CALHOUN, 2002:90), mas não a das pessoas comuns que não cultivam o estilo de vida das elites.

Até a vitória do BREXIT em 2020 e a consequente saída do Reino Unido da União Europeia predominava a sensação de que o projeto de unificação aduaneira da Europa era um sucesso deste tipo. O compromisso dos países membros de respeitar os valores republicanos consolidou o que se considerava ser um projeto civilizatório. A nova identidade europeia parecia não ofuscar nem competir com as identidades nacionais. Este termo foi cunhado em 1973, na *Declaração Sobre a Identidade Europeia* também conhecida como *Declaração de Copenhague* assinada pelos nove membros que participavam da organização antes de sua ampliação gradual até incluir os 27 estados do espaço Schengen. O documento dizia que os estados membros prometem defender os princípios da democracia representativa, o império da lei, a justiça social e os direitos humanos.⁵

O efeito político de moderação dos conflitos entre os estados membros dessa nova aliança e o consequente desenvolvimento de suas populações eram resultados saudados por todos. O cosmopolita parecia estar nascendo nesta experiência “que não derrotava o estado-nação, mas que o modificava” (DELANTY, 2008).

Outra interpretação do termo realça a exposição do cidadão comum hiperconectado ao mundo exterior. Resulta o que o sociólogo alemão Ulrich Beck denominou de *cosmopolitismo banal*. Este efeito acontece de forma inconsciente através da audiência das pessoas aos conteúdos divulgados pelo Youtube, pelos blogs e pelos veículos de comunicação tradicionais como a imprensa e o cinema.

Temas como a exploração espacial, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, a poluição ambiental, a superação da fome, o controle das epidemias, o

⁵ https://www.cvce.eu/content/publication/1999/1/1/02798dc9-9c69-4b7d/publishable_en.pdf

livre comércio, o combate à escravidão e o desafio energético não são mais tratados de forma isolada. São vistos como desafios globais. Esse sentimento de interdependência se desenvolveu originalmente e mais intensamente nas elites, entre os financistas, os intelectuais, os viajantes, os habitantes e os comerciantes (DRIESSEN, 2005; GEKAS, 2009).

Marshall McLuhan profetizou este resultado com sua metáfora sobre a aldeia global. A mídia produziu uma esfera pública que não se restringe mais à intimidade das comunidades locais e regionais. Um dos temas que frequenta esta literatura é a capacidade de os veículos de comunicação gerarem empatia internacional aos que sofrem em lugares distantes comoções extremas (JOYE, 2014, NORRIS, 2009; SCARRY, 1998).

Este resultado está referido também na Teoria dos Seis Graus de Separação (MILGRAM, 1967). Ela mostra que com cinco cliques do *mouse* qualquer pessoa pode chegar a qualquer destino em sua navegação na web. Por isso mesmo a consequência desta facilidade tem sido chamada de *cosmopolitismo digital ou virtual* (McEWAN & SOBRE-DENTON, 2013; PONZANESI, 2020).

Decorre do exposto que vários autores têm dado atenção ao tema do cosmopolitismo. Entre eles estão Martha Nussbaum, Peter Singer, Kwame Anthony Appiah, Homi K. Bhabha, Aleksander Dugin, Edward Said, Karl Popper, Norbert Elias, Zygmund Bauman, Jürgen Habermas, John Rawls, Eric Hobsbawn, Alain Touraine, Francis Fukuyama, Charles Beitz, Brian Barry e Gurminder K. Bhambra.

Esses e outros elaboram sobre a tensão existente entre o cosmopolitismo e o particularismo. De um lado se afirma o direito à diferença e o direito das minorias. Do outro se teme que tais valores favoreçam a xenofobia e o racismo. Esta posição diz que a política identitária rompe a solidariedade social. Numa extremidade está o slogan *Black Lives Matter* (BLM). No outro polo está *All Lives Matter* (ALM). Os vinculados à segunda posição preferem utilizar em seus discursos vocábulos inclusivos como pessoas, cidadãos, sujeitos ou, simplesmente, seres humanos.

O slogan ALM foi utilizado em 2016 pelos candidatos republicanos à presidência dos Estados Unidos. Era uma reação à campanha BLM que surgiu em 2013 após a absolvição de um policial acusado de assassinar uma pessoa negra nos

Estados Unidos. O dito passou a significar o desejo de um segmento da opinião pública por uma prática política pós-racial e contrária ao essencialismo e à estereotipia dos grupos humanos, algo que favorece o conflito e a segregação.

Há muito que o cosmopolitismo tem sido apresentado como o mais eficiente antídoto a este tipo de atitude. Ele foi mencionado no século XVIII por Jean-Baptiste du Val de Grace, o jacobino que advogou a extinção de todos os estados e o estabelecimento de uma governança universal. A posição filosófica em favor da unidade das pessoas é considerada basilar na Lei Natural, a que serviu de referência ao humanismo renascentista. Ela pondera que todos têm direitos iguais conferidos ou por Deus, ou pela natureza ou ainda pela razão humana.

A luta anticolonial do século XIX e XX ajudou a disputa de ideias sobre temas como cidadania, justiça global e o relativismo cultural e moral (BHABHA, 2007). O desejo de libertação nacional cultivado na África colonial e noutros lugares adotou o ponto de vista contrário ao universalismo. Era antiocidental e favorável à preservação e à valorização dos povos e dos subgrupos de suas sociedades. Este tipo de ponderação afirma existirem pontos de vista não ocidentais sobre a realidade vigente no mundo. BHAMBRA (2010) o denomina de *cosmopolitismo provincial*.

Esta autora afirma que as teorias existentes sobre o tema tendem a imaginar o mundo mais uniforme e interconectado do que ele realmente é. O fato é que este sentimento se manifestou com vigor na proliferação de novos estados e na fragmentação política do mundo, fato que aconteceu em especial após o debacle da União Soviética em 2001 e da Iugoslávia em 2003. Os conflitos entre os grupos se tornaram agudos também no interior das sociedades multiculturais e dos países multinacionais. Tais eventos explicam porque a formulação crítica julga a ambição cosmopolita de utópica e uma fantasia, já que ela não descreve com fidelidade o que acontece no interior das sociedades complexas da atualidade.

Em suma, e como mencionado, a prédica universalista não impediu a militância ressentida de inúmeros grupos em busca de dignidade. Esse tipo de ativismo vem acompanhado de emoções positivas como o orgulho e de sentimentos negativos como o rancor. Nesse caso a consequência é o discurso de ódio que prospera em ambientes intoxicados pela polarização política. O tema assumiu

gravidade o que motivou a criação da *International Network for Hate Studies*⁶ em 2013 e a fundação do *Journal of Hate Studies*⁷. Foi o que aconteceu nos Estados Unidos a partir da eleição de 2016 vencida por Donald Trump.⁸ Este mesmo processo da radicalização ocorreu no Brasil em especial a partir de 2013 (MULLER, 2019, p. 21).

Tal ambiente de disputas contamina a convivência entre os grupos. São inúmeros os casos que evidenciam a força que este tipo de pronunciamento político tem na incitação das emoções coletivas e a capacidade que o ódio tem para fermentar a violência entre atores sociais diversos (DAVISON, 2006).

A aversão ao antagonista era animada nas comunidades tribais pré-literárias através de rituais extáticos que preparavam os guerreiros à luta. Tal excitação é produzida hoje através da mídia, em especial a virtual. Sem ela seria praticamente impossível agitar os militantes e arregimenta-los como soldados para o combate. Deriva desse fato a preocupação com a repercussão psicológica e comportamental da política identitária. Ela favorece os que se integram nos movimentos críticos e rebeldes que clamam pela justiça social. A posição contrária afirma que ela favorece a reivindicação dissidente, algo esperado na sociedade democrática, embora ela produza o efeito colateral da divisão social. Dizem também que a política identitária prejudica a formação de alianças entre os grupos. Os grupos se afastam do esforço conjunto em favor da transformação da sociedade. Isso acontece porque os problemas e os desafios são distintos. O que oprime um aglomerado é irrelevante ao outro. Ponderação adicional diz que esta divisão favorece a manipulação populista das emoções sectárias.

⁶ <https://internationalhatestudies.com/>

⁷ <https://www.gonzaga.edu/academics/centers-institutes/institute-for-hate-studies/journal-of-hate-studies>

⁸ https://www.ted.com/talks/caitlin_quattromani_and_lauran_arledge_how_our_friendship_survives_our_opposing_politics

Desidentificação

O termo política identitária foi cunhado em 1977 pelo *Combahee River Collective*, um grupo feminista lésbico e socialista surgido em Boston e ativo entre 1974 e 1980. Ele realça agora o reclame dos membros de um grupo empoderado embora segregado por parcela da sociedade. Diz respeito à afirmação e ao desejo de reconhecimento desse segmento social que se rebela contra a discriminação que sofre. É também uma luta interna contra a autodepreciação. Tais sentimentos foram denominados de *complexo psico-existencial* por Franz Fanon (2008).

Ou seja, a vergonha é uma emoção que surge em consequência da depreciação que os outros fazem do sujeito e de seu grupo. Surge então o desejo de se esconder, de se retirar do convívio e de se anular. Este tipo de sentimento foi referido pelo índio brasileiro Marcos Terena.⁹ Ele confessou que durante um período de sua vida preferiu ser identificado como japonês¹⁰.

A desidentificação (ROTHMAN, 1960) expressa a vontade de alguém se afastar de seu grupo de referência devido aos estereótipos hostis cultivados pela sociedade contra ele (YIP, 2016). Tal fato causa baixa autoestima e às vezes o auto-ódio. Resulta o esforço do sujeito para não ser incluído na categoria socialmente amaldiçoada. Esta reação psicológica acontece com integrantes de uma variedade de grupos que sofrem o *bullying* social. Com alguma frequência o abominado se junta aos que o discriminam num tipo de aliança que lhe permite expiar a pecha maltratando os integrantes de seu grupo de origem. Este comportamento doentio serve aos demais como prova de que ele definitivamente não pertence mais aos desconsiderados.

A fundação do movimento neoconservador norte-americano na década de 1960 por ex-trotskistas mostra como as pessoas se movem de um extremo ao outro. Os paleoconservadores observam com espanto esta trajetória que recorda a percorrida pelo brasileiro Paulo Francis. A frustração com a experiência comunista gerou na França do pós-guerra várias conversões deste tipo. Foram os casos do

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=EMTJc3Hiodw>

¹⁰ Esta revelação foi feita durante o encontro *O Direito das Minorias* promovido em Porto Alegre em 1985 pelo Instituto Cultural Judaico Marc Chagall.

poeta Pierre Pascal, do ensaísta Boris Souvarine e dos escritores André Gide, Arthur Koestler, André Malraux, Paul Nizan e Albert Camus, entre outros.

A jornada da esquerda à direita foi explicada pelo filósofo Emanuel Mounier como sendo um itinerário clássico: “do entusiasmo revolucionário à amargura reacionária; do comunismo ou de suas afinidades, ao fascismo declarado, ou ao menos a mentalidades que lhe são vizinhas e que às vezes são suas colaboradoras” (1972, p. 7).

Exemplo é a transformação do ex-militante maoísta Horst Mahler, um dos fundadores do grupo Baader-Meinhof de extrema-esquerda alemã, que passou a atuar entre os neonazistas. Este tipo de transformação acontece também com ocidentais que odeiam o Ocidente; com ex-muçulmanos que se dedicam a denúncia da antiga fé; com católicos que combatem a Igreja¹¹; com homossexuais que introjetam a homofobia¹²; com negros que buscam o branqueamento (HALL, 2014) e com orientais que alteram o formato de seus olhos tornando-os ovais.¹³

Algumas pessoas mudam constantemente suas preferências, algo que aconteceu com Arthur Kostler cuja vida intelectual é descrita como odisséia (SCAMMELL, 2009). Muitas pessoas se modificam com enorme dificuldade e depois de muito sofrimento. Influem para isso traços de personalidade, experiências vitais e causas subjetivas. De uma forma geral qualquer tipo de mudança perturba o sujeito. Ele prefere os usos e os costumes estabelecidos e as crenças consolidadas ao longo do tempo. Certas modificações na identidade pessoal e grupal só acontecem nos momentos de crise. O que existe deixa de ser relevante por não ser mais capaz de responder as perguntas e de atender as necessidades da pessoa, da confraria e de outras formações (povos, comunidades, etc.). Nesta condição de instabilidade o indivíduo adere a novos grupos de referência. Esta transformação pode ser profunda, o que nem sempre acontece.

Outros exemplos deste tipo de mudança de identidade são o cantor Cat Stevens que se chama agora Yusuf Islam. O filósofo conservador Roger Scruton

¹¹ <https://www.nationalreview.com/2011/06/maureen-dowds-catholic-problem-george-weigel/>

¹² <https://academic.oup.com/her/article/15/1/97/775710>

¹³ <https://www.nfb.ca/film/western-eyes/>

considerou o comunismo em certo momento de sua vida. O mesmo aconteceu com Mario Vargas Llosa, agora um veemente paladino do liberalismo. Benny Levy, o radical maoísta que perambulava pelas ruas de Paris junto com Jean Paul Sartre, morreu estudando o Talmud em Jerusalém convertido à ortodoxia religiosa. Carlos Lacerda se tornou líder da conservadora União Democrática Nacional (UDN) depois de atuar anos como comunista. Assumiu o catolicismo por influência de Alceu Amoroso Lima.

Este tema da conversão é complexo e sua análise é feita através de várias teorias. Elas dizem, por exemplo, que a alteração identitária pode ser consequência de uma nova fé religiosa, de uma experiência pessoal ou coletiva marcante e também dos contatos interculturais. A modificação pode também ser imposta, algo que aconteceu no período da Inquisição cristã e da expansão do Islã.

Esta medida de força acontece desde 2017 nos campos de prisioneiros localizados no noroeste da China. Neste local a minoria muçulmana é vigiada de perto pela autoridade. Vivem ali 10 milhões de Uigures, uma minoria etnicamente turca. Os encarcerados passam horas confessando seus erros, admitindo ligação com jihadistas e sua deslealdade ao Partido Comunista. São forçados a abominar o excessivo orgulho étnico. Tal ritual cotidiano almeja torna-los leais à matriz identitária do país (FISKESJÖ, 2020).

Em Xinjiang ocorreram vários conflitos étnicos entre os imigrantes Han trazidos à região pelas autoridades de Pequim e os nativos. Como resultado se desenvolveu a doutrina do estado racial (guozu) que visa agora a homogeneização cultural dos nativos. Atos de violência e de terrorismo se seguiram. Pequim não cedeu e as iniciativas que visam a assimilação dessa gente continuaram. Equipes começaram a visitar cada uma das residências locais com vistas a identificar os radicais para interna-los em campos de reedecuação. Outras ações incluíram medidas de controle populacional com abortos forçados e esterilização de mulheres.

Este tema é central na política nacionalista de Pequim. O Tibete, uma região cuja população apresentava sinais de dissidência, foi integrado ao país através de fortes medidas de segurança, colonização com habitantes etnicamente Han e uma decisiva ação cujo objetivo era a assimilação cultural dos tibetanos.

Ansiedade similar existe em relação à população residente na Mongólia interior cuja identidade cultural está mais próxima à Mongólia do que à matriz Han da China. Isso explica a imposição do ensino da língua chinesa e de outras iniciativas educativas que visam em última instância integrar estes cidadãos ao país. A construção simbólica da população da China está em andamento com apelos crescentes a Confúcio e a outras fontes locais de sabedoria e de crença. Um verdadeiro *crackdown* cultural está sendo aplicado contra vídeo games, à difusão de atrações com celebridades ocidentais e outras modas e costumes chegados do exterior. O culto ao etnocentrismo Han é visto (RUDD, 2022) como uma reação ao prejuízo causado ao país por sua submissão aos japoneses, à investida de missionários estrangeiros e à discriminação racial que seus nacionais sofreram nos Estados Unidos e noutros lugares.

As terapias de conversão são fortemente criticadas por apresentarem sinais similares de coerção (KINITZ & SALWAY, 2022). Este é um tema grave uma vez que 69 países do mundo criminalizavam as relações homossexuais em 2022.

Outro nome dado à emoção do auto-ódio é *oikofobia*. O criador deste termo foi Roger Scruton (1944-2020), o pensador inglês que cunhou a expressão no livro *England and the Need for Nations* publicado em 2004. *Oikos* é lar e *phóbos* é medo ou recusa. Scruton costumava dizer em sua queixa que as qualidades inglesas celebradas nos filmes e nos livros estavam sendo negadas à população. Esta crítica infecciosa que começara com os intelectuais havia se espalhado como praga nas escolas, nas universidades e noutros locais.

Nelson Rodrigues chamou esta emoção de *complexo de vira-lata*. Ele inventou a expressão em 1958, numa crônica publicada na revista Manchete Esportiva. Disse que “era a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo”. Esta anomalia acontece quando o indivíduo “cospe na própria imagem”. Este derrotismo frequenta a mentalidade nacional brasileira há bastante tempo. Apareceu nas obras de vários autores, entre eles Oliveira Viana, Silvio Romero, Gilberto Freyre, Raimundo Nina Rodrigues, Monteiro Lobato, Roquete-Pinto e Lima Barreto.

O julgamento feito por Arthur de Gobineau (1816-1882) em 1869 sobre a miscigenada população do Rio de Janeiro ecoa até hoje entre os que menosprezam aspectos da cultura verde-amarela, entre eles a alegada indolência e a resignação do povo brasileiro. O sentimento de favorecimento exogrupal (SANTOS, 2019) valoriza o que é produzido noutros lugares. Esta atitude estimula a cópia das modas que chegam do exterior e a emigração dos nacionais.

O desgosto de si pode também ser consequência da atenção exagerada dos outros sobre seu comportamento e da autocrítica excessiva que se prolonga no tempo. Sustentar uma identidade demanda um stress emocional e cognitivo em especial na condição atual de convivência intercultural e de comparação constante. Muitas vezes a solução é o abandono. Abre-se mão do amor-próprio classificando-o como impróprio. Conclui-se que dotar de estima o que a voga intelectual lastima é tarefa árdua e às vezes algo impossível.

O sentimento do indivíduo contra a tradição é capturado também pelo termo contracultura. Ele se opõe à membresia, o amor ao lar, ao espaço e à vizinhança compartilhada que se ama. Esta emoção confortante é sustentada pela educação que valoriza o legado que vem de longe, pelas instituições que animam o imaginário social e pela mídia que ajuda com sua programação a coesão emocional da audiência. Estados emergentes e os que se livraram do domínio colonial utilizaram os veículos de comunicação com este objetivo psicossocial. Aglutinar a gente tornou-se especialmente relevante a países continentais como os Estados Unidos, o Brasil, a Rússia, a China, a Índia (SINGH, 2016) e o Canadá. Sua programação se tornou recurso estratégico para os estados que surgiram em vários continentes após a Segunda Guerra Mundial.

A política identitária trata os grupos como entidades fixas e homogêneas, a despeito de sua realidade interna diversa e dinâmica. Por isso a identidade coletiva é considerada por alguns uma expressão reducionista e opressiva. O fato é que os indivíduos vivem a vida migrando de um grupo ao outro. Suas identidades mudam de acordo a filiações baseadas em memória, emoções, trabalho e outros fatores que promovem a união e a cooperação. Como dito, alguns desses aglomerados geram

movimentos sociais que reivindicam direitos e militam no âmbito político (POLLETAL & JASPER, 2001).

Isso significa dizer que os sujeitos se juntam de várias maneiras, por razões diversas e para alcançar objetivos variados. Os mais sólidos são os aglomerados que compartilham e animam um imaginário. Ele funciona como amálgama social (TAYLOR & WHITTIER, 1992; REICHER, 1996). Neste caso a vida coletiva perdura no tempo ao contrário do que acontece com multidões que se formam e se dispersam rapidamente.

Brio coletivo produz efeito oposto ao da desidentificação – “postura ereta, peito à frente, brilhos nos olhos e prazer em fazer comentários sobre suas realizações” (KOVECSES, 1990). É o que se vê na celebração do Orgulho Gay, uma iniciativa terapêutica que visa remediar o recalque sexual.

O fato é que a abundância de grupos e de subgrupos obriga os políticos e outros atores públicos a adotar um comportamento hipersensível à pauta política de cada um deles. Na campanha de Joe Biden à presidência dos Estados Unidos em 2020 seu website relacionou 19 grupos para os quais ele afirmava ter planos específicos. Entre eles estavam nações indígenas, mulheres, deficientes físicos, negros, famílias de militares, sindicalistas, ruralistas, idosos, LGBT, ex-combatentes, os americanos-asiáticos, a comunidade judaica, a comunidade muçulmana, a comunidade latina e a comunidade árabe.

A tolerância prometida pelas majorias às minorias nos países democráticos depende da capacidade que toda pessoa deve desenvolver para ‘suportar a diferença’. Todo e qualquer detalhe é relevante à demarcação desta fronteira entre as pessoas – a língua, a cor da pele, o traço físico, o credo religioso, os hábitos (VERPLANKEN & SUI, 2019) e os costumes cotidianos e a indumentária, por exemplo.

O papel dos símbolos

Na Inglaterra os rituais monárquicos e a tradição da corte e da aristocracia são utilizados como símbolos de identidade do país. Momentos especiais são aproveitados para animar as emoções coletivas em torno desses marcadores

simbólicos e culturais. A morte e o funeral da Rainha Elisabeth II em setembro de 2022 e sua rápida substituição pelo filho, agora chamado de Rei Charles III e coroado em seis de maio de 2023, são exemplos disso. A imutável imagem da idosa senhora falecida aos 96 anos assegurava aos súditos que a despeito das transformações do mundo moderno a glória eterna do Reino Unido mantinha-se incólume. Este tipo de regime deifica seus nobres e os torna objeto de culto parareligioso, algo que acontece em graus variados com os reis, as rainhas e os príncipes dos 43 países monárquicos do mundo.

O ritual do sepultamento da monarca inglesa foi planejado com antecedência e posto em ação logo após o seu falecimento. Ele teve o objetivo de envolver afetivamente a população. Este tipo de produção aconteceu também no casamento de Lady Dy com o Príncipe Williams e depois no sepultamento da Princesa. Acontecimentos como esses se transformam em espetáculos concebidos e produzidos para a televisão. O encantamento causado pela encenação, pelos figurantes, pelas paradas militares e pela gala da nobreza agrada não só as massas inglesas como também uma larga audiência internacional. Tais recursos teatrais visam produzir um grau elevado de prazer, desfrute e de empatia no público espectador e telespectador. A cobertura da imprensa nacional e estrangeira usualmente descreve com deleite todo e qualquer pequeno detalhe que cerca essas ocorrências permeadas pelo luxo.

O pesado luto que abateu o ânimo popular após a morte da rainha desautorizou a persistente crítica dos republicanos ingleses contra o fausto monárquico. Os dissidentes que ousaram se manifestar contra as cerimônias da nobreza britânica acabaram presos acusados de perturbar a paz social. O mesmo ocorreu na posse do novo rei inglês.

Noutros locais os inimigos do Reino Unido e da corte ficaram livres desse constrangimento e aproveitaram a oportunidade para abominar a Grã-Bretanha e o que a Rainha Elisabeth II representava. No Irã, por exemplo, um comentarista do canal 1 de televisão classificou sua morte como uma boa notícia aos povos oprimidos do mundo. "Após 70 anos de reinado esta rainha deixa uma folha corrida

cheia de crimes, abominação e malefícios".¹⁴ Foi julgada como uma das maiores criminosas da humanidade e equiparada à Hitler. O mesmo tom foi utilizado por outras fontes. Uma delas disse que a monarca iria queimar no inferno por não ter se convertido ao Islã.¹⁵ Na Argentina comentário odioso similar foi feito num programa de TV.¹⁶

O fato é que marcadores simbólicos são exaltados e utilizados pelos grupos humanos em todas as partes do mundo. Na Nova Zelândia, entre os maoris a tatuagem facial representa a posição da pessoa dentro de sua comunidade. Eles tendem a classificar todos os europeus brancos na categoria *Pākehā*, um termo que se originou nos encontros e desencontros desse grupo com os colonizadores.

Outro exemplo são os Kene, grafismos tradicionais do povo Kaxinawá aplicados em pinturas corporais, tecelagens, cestarias, teçumes e cerâmica. Este grupo habita a floresta tropical desde o leste peruano, nos Andes, até a fronteira com o Brasil. No Acre eles vivem no Alto Juruá e Purus e, no sul do estado do Amazonas, no Vale do Javari.

¹⁴ <https://www.memri.org/reports/iran-tv-special-queen-elizabeth-was-par-hitler-her-death-good-news>

¹⁵ <https://www.memri.org/jttm/pro-islamic-state-isis-preachers-west-claim-queen-elizabeth-will-burn-hellfire-not-converting#>

<https://www.memri.org/jttm/jihadis-celebrate-queen-elizabeth-iis-passing-claim-she-was-%E2%80%98spiteful%E2%80%99-towards-islam#>

<https://www.memri.org/jttm/amid-reports-queen-elizabeths-deteriorating-health-telegram-outlets-affiliated-iran-backed#>

¹⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=2YrIAKMesqk>



Kaxinawá

Algo similar acontece na África onde a marcação de um sinal na face refere a pessoa à sua origem tribal. Em Istambul a maneira como a mulher veste o hijab refere uma identidade peculiar. Em Israel e noutros lugares o tipo de kipá (solidéu) utilizado pelo observante identifica sua corrente religiosa no judaísmo. O figurino é recurso que permite a pessoa expressar uma mensagem aos outros. Não há limites para esses sinais externos. Eles são agora contestados pelo movimento *StyleLikeU*¹⁷. Esta plataforma promove a autoestima da pessoa pelo seu corpo nu. Seu slogan é *True Style is What's Underneath*. No showbiz este jogo simbólico que confere prestígio ao astro faz os fãs imitarem os trejeitos da celebridade para adquirir o que lhes falta – sua identidade. E as fantasias tornam o infante um super-herói.

Na política o liberalismo tenta evitar a politização e a radicalidade dos grupos e o desenlace consequente do conflito tribal afirmando o conceito de cidadania e do pluralismo. O fato é que a globalização ao estimular a hibridização provocou a reação adversa do nativismo. Essa atitude almeja assegurar a manutenção dos traços autóctones dos aglomerados humanos.

No Brasil um articulista da revista *O Cruzeiro* evocou essa posição crítica ainda em 1933 ao publicar uma crônica sobre Jeca Tatu, o personagem criado por

¹⁷ <https://stylelikeu.com/>
<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17405904.2022.2061544>

Monteiro Lobato para simbolizar a situação do caipira brasileiro. Explicou que “queria exprimir a reserva moral brasileira não contaminada pelo cosmopolitismo e não empeçonhada pelo cerebralismo da metrópole”. Gilberto Freyre, por sua vez, criticava nas páginas do magazine o “cosmopolitismo destruidor de quanto seja traço característico dos grupos nacionais ou valor apurado nos povos pela sua diferenciação regional ou pela sua experiência nacional”.¹⁸ Era frequente também a acusação de que o cinema brasileiro sofria da moléstia do cosmopolitismo¹⁹ visto como forma de a pessoa se desgarrar de seu ambiente.²⁰

Segredos

A escravidão e suas sequelas impulsionaram a luta pelos direitos civis. Ela foi tema frequente da retórica política dos partidos comunistas que assumiram esta causa como sua. Nos Estados Unidos o *Daily Worker*, o jornal da agremiação, costumava tratar do assunto com frequência como forma de ferir o prestígio do capitalismo.

As mulheres, por sua vez, tiveram seus direitos reconhecidos em inúmeros países depois de uma luta política que durou mais de um século. *Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher* publicado em 1792 e escrito pela inglesa Mary Wollstonecraft é uma das primeiras manifestações do nascente movimento feminista moderno.

A verificação da autenticidade de cada grupo se tornou um tema complexo e espinhoso (BERNSTEIN, 2005; TAYLOR, 2011). Há uma gritante diferença entre a autodefinição de uma pessoa e a de um grupo. No primeiro caso a identidade individual é marcada por documentos – certidão de nascimento, de batismo, de casamento, de divórcio e de cidadania. Todo imigrante indocumentado conhece bem a luta por esses papéis que legalizam a vida do sujeito. No segundo caso é necessário encontrar e referir traços simbólicos compartilhados, relativamente

¹⁸ O Cruzeiro, 1/4/1961, p. 52

¹⁹ Revista Manchete, novembro de 1954

²⁰ Revista Manchete, ed. 1224, 1975, p. 125

exclusivos, visíveis ao observador e que em alguns casos como o religioso podem ser legados através da educação e do convívio às futuras gerações.

Cumprir relacionar por decorrência identidade com identificação. Com o passar do tempo o corpo se modifica e a pessoa acaba tendo dificuldade para se ver numa foto antiga. No entanto, as duas imagens, a atual e a do passado referem o mesmo sujeito. Há algo que persiste a despeito da passagem do tempo.

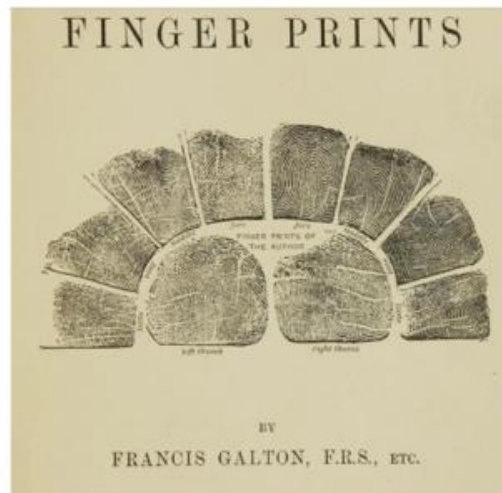
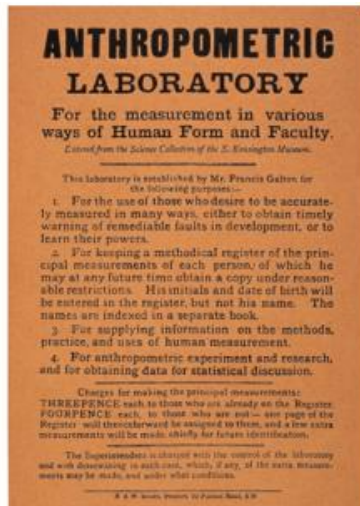
Os filósofos discordam entre si sobre a natureza desse fator imutável da identidade pessoal. A corrente reducionista diz que uma pessoa se transforma, mas é igual devido à sua continuidade psicológica. A neurociência, por sua vez, considera que a identidade humana não se altera em consequência da continuidade cerebral (WAGNER & NORTHOFF, 2017).

Identidade e identificação referem uma mensagem que é oposta ao anonimato, uma condição que às vezes é desejada por várias razões. São os casos exemplares dos *whistleblowers*, dos auditores, dos julgadores, dos examinadores, dos filantropos e dos *ghost-writers*. Ela é necessária para proteger a intimidade, a negociação, a propriedade e para evitar a perseguição. Vislumbrar uma imagem e reconhecer a identidade de uma figura tornou-se também um tema tecnológico em virtude das ameaças existentes à segurança coletiva. Deriva deste fato o rótulo *sociedade da vigilância* (LYON, 2001) aplicada à realidade das câmeras e de outros artefatos espalhados nos espaços públicos com o objetivo de combater o crime e a violência.

Este esforço começou cedo. No início do século XX a utilização da impressão digital foi um instrumento forense utilizado e aceito nos tribunais ingleses para determinar a identidade de um suspeito de delito. O método tinha sido apresentado na década de 1860 pelo inglês William James Herschel. Antropólogos evolucionistas tentaram demonstrar através dessas marcas corporais a genealogia e a personalidade das pessoas pertencentes a diferentes grupos. A imprensa costumava descrevê-los como detetives que analisavam pistas sobre a identidade das pessoas.

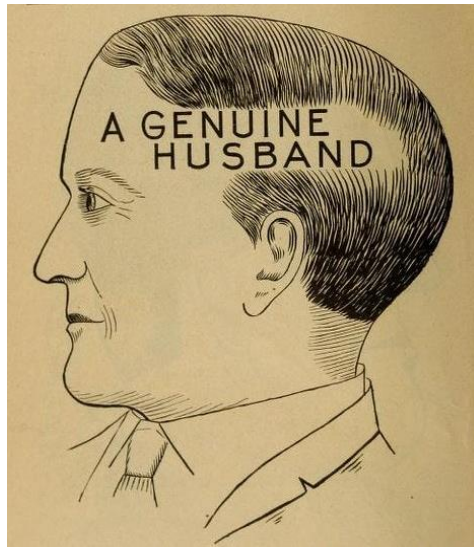
O inglês Francis Galton (1822-1911) foi pioneiro na utilização da estatística para assinalar as diferenças humanas, entre elas a inteligência, um campo agora denominado de *psicometria*. Criou também o conceito de *eugenia*, ou seja, a melhora

de uma espécie através da seleção artificial. Como consequência surgiu a conclusão aplicada pela ideologia racista de que certos cruzamentos são indesejáveis. Em seu livro *Finger Prints* de 1892, Galton desejava comprovar a hipótese de que sinais físicos permitiriam apontar as diferenças existentes entre as raças humanas e as classes sociais, em especial o seu nível civilizatório.



Medir o índice cefálico – a largura máxima do crânio dividido por seu comprimento máximo multiplicado por cem – um método conhecido como *antropometria* tornou-se habitual. Hoje este termo refere o controle das dimensões físicas de uma pessoa – seu peso, circunferência abdominal, altura, índice de massa corporal, percentual de gordura e índice de padrão de crescimento, por exemplo.

No início do século XX tornou-se comum também a medição das saliências no crânio para apontar as características mentais de uma pessoa, um método chamado de *frenologia*. Dessa maneira se dizia ser possível identificar quem seria um pai autêntico e um marido ideal.



Fonte: *Vaught's Practical Character Reader*

A ideia de que sinais triviais podem guardar segredos valiosos sobre a identidade da pessoa caiu ao gosto de Freud. Conforme GINZBURG & DAVIN (1980) este é o elo entre uma analista que percebe num detalhe a falsidade de uma obra e o pai da psicanálise que na sua juventude se interessou pela história de Giovanni Morelli, o crítico que identificava a mentira nos pequenos defeitos da cópia de uma peça de arte. Hoje em dia este recurso é assinalado no conceito de *microgestos corporais* como exposto de forma pioneira por Paul Ekman, um tema que acabou sendo explorado na série de TV *Lie to Me*. A mensagem nesses casos é ler e considerar todo tipo de evidência corporal já que os pequenos gestos ajudam a revelar a identidade da pessoa. O ambiente virtual permite agora que *softwares* conhecidos como *sniffers* capturem estes indícios nos rastros digitais e retóricos deixados pelo sujeito em sua navegação.

Anuncia-se que as novas tecnologias serão capazes de capturar, de representar e de transmitir a identidade de alguém através da coleta, do armazenamento e do processamento da informação pessoal fragmentando-a caso

necessário de acordo com as necessidades. A consequência é que a construção da imagem de um indivíduo fugirá do controle da pessoa²¹ (CUNHA et al., 2013).

Imagem

Com frequência a identidade e a imagem pública da pessoa se confundem. A imagem pode ser construída e manipulada de forma a impressionar o interlocutor. É o que ocorre com os personagens das revistas de fofoca, da imprensa sensacionalista e dos programas de TV que descrevem e mostram a badalação dos afamados. Catálogos e perfis melosos do tipo quem é quem²² são produzidos para massagear a vaidade dessas figuras.²³ As subcelebridades se esforçam para ingressar neste círculo da fama. Elas usam para isso uma série de artifícios, entre eles o de viver como carrapato colado na celebridade.

Reis e rainhas, as estrelas do cinema e do showbiz, políticos e os socialites sabem que precisam levar em conta os interesses da imprensa que cobre o *jet set* com entusiasmo. Outro vocábulo deste tipo é *café society*, termo utilizado no passado para valorizar os que se distinguem por ter um estilo de vida sofisticado (SOARES & SODRÉ, 2004). A expressão foi cunhada em 1915, pelo jornalista americano Maury Henry Biddle Paul para descrever o *beautiful people* que nos séculos XVII e XVIII se reunia em Londres nos *coffeehouses* para ler jornal, realizar negócios, discutir as notícias do dia e jogar conversa fora. Este hábito proliferou a partir de 1652. Neste ano surgiu o primeiro *coffeehouse* em Oxford. Cada endereço tinha sua clientela definida por ocupação, interesse ou atitude. Os conservadores iam a um lugar. Os liberais frequentavam outro. O mesmo acontecia com negociantes, mercadores, poetas e autores. Entre os que frequentaram o local estão figuras como o parlamentar Samuel Pepys, os poetas John Dryden e Alexander Pope e o físico Isaac Newton. Noutros endereços reuniam-se os criminosos e os bandoleiros. Havia lugar para todos.

²¹ <https://lawexplores.com/proposing-a-right-to-identity-within-the-international-framework-of-human-rights-issues-and-prospects/>

²² <https://vejario.abril.com.br/blog/beira-mar/lourdes-catao-autora-do-catalogo-de-enderecos-da-high-society-carioca-encontra-dificuldades-para-fechar-patrocinios-e-reclama-da-atual-elite/>

²³ <https://guestofaguest.com/galleries>

Até o chá se tornar o hábito preferencial dos ingleses a partir principalmente do século XIX o café predominou. Em 1739, Londres tinha mais de 550 cafeterias. Hoje o *happy hour* dos *pubs* londrinos recebeu este nome porque a conversa regada a álcool dos homens e das mulheres facilita o fuxico.

Já os abastados de todos os lugares continuam a se encontrar com confrades em locais reservados.²⁴ A vida ensimesmada da *soçaites* tem sido assinalada nos estudos sobre as elites econômicas.²⁵ Por isso mesmo os autores denominam seus membros de olímpicos e de VIPs. Este último termo surgiu entre os aristocratas imigrados da Rússia que passaram a viver na França e na Grã-Bretanha. O termo se popularizou na Europa a partir de 1920.

No Brasil os rapazes do grupo chique são chamados de *mauricinhos*. As moças foram batizadas de patricinhas e de *preppy* nos Estados Unidos. Ambos são bem cuidados e consumistas. Eles são o tema do filme *The Socialite*²⁶, a película que descreve com ironia o mimo desses jovens. No Brasil assunto similar foi tratado no reality show *Mulheres Ricas*.²⁷ Este programa de televisão se inspirou no americano *The Real Housewives*. O truque utilizado nos dois casos foi mostrar um grupo hiperativo, consumista e frívolo de senhoras interessado em aparecer na mídia.²⁸

²⁴ https://whorulesamerica.ucsc.edu/power/bohemian_grove.html
<https://www.youtube.com/watch?v=UtDDMfKYfMg>

²⁵ <https://www.scielo.br/j/soc/a/9GT88yGxNSzTNhwxRzNs46Q/abstract/?lang=pt>

²⁶ <https://www.primevideo.com/gp/video/detail/The-Socialite/0G5789JDSBT848IU77CH1JZ=UTF8>

²⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=KHj7SyO8uPs>

<https://www.theguardian.com/world/2012/jan/03/mulheres-ricas-brazil-rich-women?INTCMP=SRCH>

²⁸ <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2081994/Made-Rio-Reality-exposes-champagne-Chanel-lifestyles-rich-women-Brazils-booming-economy.html>

Uniões festejadas com extravagância são comuns na corte mundana. Alguns enlaces duram pouco e por isso são rotulados de *casamentos de Hollywood*. Foi o que ocorreu com Richard Burton e Elisabeth Taylor que casaram duas vezes e se separaram duas vezes apesar de terem mantido a paixão acesa ao longo de suas vidas. É o que diz a fofoca. As línguas ferinas e maldosas levantam a hipótese de que alguns casórios são combinados. Eles seriam simplesmente um truque de marketing.

O baile de debutantes é recurso deste tipo utilizado por algumas famílias para introduzir as filhas nos ambientes sociais julgados de prestígio. No Waldorf Astoria Hotel de Nova York esta festa ocorre a cada dois anos.²⁹ Nessas ocasiões festeiras as moças se esforçam em conquistar a estima dos outros. Elas desempenham o papel que lhes cabe, o de se comportarem como princesas por uma noite.

O evento iniciado em 1954 por iniciativa de Beatrice Dinsmore Joyce, a *socialite* conhecida como *Duquesa das Debs*, acabou sendo copiado por outros. O baile de Viena é famoso pelo requinte, pelo luxo e pela valsa tocada por orquestra e dançada pelas raparigas e seus pares.³⁰ O evento aconteceu na China comunista pela primeira vez em 2012.³¹ Às vezes algumas estrelas famosas são contratadas para participar do festejo e dar um tom espetacular a essas festas regadas a champanhe.

No Brasil as revistas costumavam destacar tais ocasiões publicando fotos das moças vestidas de branco. Muito suor ainda é gasto para produzir o debute cujo objetivo é, em última instância, o entrelaçamento de classe. A prática recebeu o nome sério e acadêmico de *prospecção social*, uma atividade que ocupa há muitos anos os casamenteiros.

Às vezes o baile é feito com pobres que imitam a encenação dos ricos. A imprensa dá grande destaque a esta festa benemerente. As moças do arrabalde usam então por algumas horas e nunca mais a tiara, o vestido branco e a luva de seda ou pelica, a que imita a que era utilizada pela nobreza europeia. A encenação remete ao refinamento, um sentimento desperto nos eventos da aristocracia inglesa

²⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=NdaZSQZbpPc>

³⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=4xVQAR24BYA>

³¹ <https://www.youtube.com/watch?v=ST3buBgGEPU>

do século XVIII. Naquele tempo a debutante era apresentada à corte no evento chamado de *The St. James Bow*. Ela se curvava, gesto delicado que deu nome à festa.

Para auxiliar os emergentes existe no Brasil a moda burguesinha.³² A web ajuda os que desejam se parecer com a patricinha.³³ Recomendações usuais incluem ter ou parecer ter uma vida graciosa, explodir nas redes sociais, participar de eventos beneficentes e ter ou parecer ter um estilo de vida inacessível aos demais.³⁴ O *New York Times* calculou que a socialite Bea Grande inventada pelo periódico teria que gastar em 2013 entre 80 e 500 mil dólares anuais para viver este papel de mulher fatal.³⁵ Uma melodia canta seu charme e carisma³⁶ e vários vídeos mostram sua aparência e atitude,³⁷ a que imita os tiques e rebiques das modelos das passarelas da moda e do cinema.

Quanto mais ampla for a combinação de fatores que impactam a popularidade do socialite mais poderosa é sua imagem pública. Para isso acontecer a aparição do figurante em bailes, em concursos de beleza, nos chás beneficentes e principalmente nos programas de televisão e nas páginas da imprensa é decisivo à proeminência de sua figura e de seu nome.

A imprensa rosa

Ocorre que ser conhecido não basta. Com a repetição exaustiva de uma mensagem o agente consegue moderar o espírito crítico do receptor. Ele acaba cedendo e comprando o que não deseja, cantando a música que despreza e cultuando a personalidade de um ator irrelevante. Sem a *imprensa rosa* ao seu lado todo o resto não vale nada ao objetivo de a dama da sociedade ser reconhecida pelo público como diva, prima-dona ou vamp (vampe) – chamada às vezes de *perua* (sic) e de *dondoca* (sic).

³² <https://serramodaonline.com.br/categoria?pagina=1&lojis=497&ord=mais-novos>

³³ <https://www.wikihow.com/Look-Preppy>

³⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=rjM2TOplSco>

³⁵

<https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/interactive/2013/06/21/fashion/socialcosts.html?ref=fashion>

³⁶ <https://www.vagalume.com.br/louie-austen/glamour-girl-traducao.html>

³⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=Xgm17Li1BfU>

Exemplos do passado recente são Bianca Jagger, Iolanda Figueiredo, Ilde Lacerda Soares, Regina Marcondes Ferraz, Helo Amado, Marta Rocha, Pia de Nascimento, Glorinha Sued, Carmen Mayrink Veiga, Teresinha Leal de Meirelles, Lilibeth Monteiro de Carvalho, Greta Garbo e Régine Zylberberg, a rainha da noite que inventou a discoteca.³⁸

O mesmo vale para o homem. Exemplos são David Niven, Truman Capote, Claus von Bülow e Jorginho Guinle, um baixinho que usava sapato alto e de quem se diz foi batizado com uma gota de champanhe na testa e que decidiu bem cedo nunca trabalhar na vida. Foi um mimado cuidado por governanta trazida da Europa como se fosse um monarca ou um *sheik* acostumado a frequentar o palácio dos governos. Ia convidar os políticos a suas festas, o que eles fizeram até ele perder todo o dinheiro.

Foi dito à época de sua falência que Guinle era o novo integrante do proletariado brasileiro. Ele teve que vender suas propriedades, seu requintado apartamento, o mobiliário, os quadros pintados com a imagem dos pais e os quadros do filho artista para ter recursos para viver no fim de sua vida. Dizem que ele pensava que sua riqueza nunca acabaria. Por isso nunca falava de dinheiro. Esgotou a parte que lhe coube do tesouro acumulado nas três gerações da família durante os 88 anos de sua vida regada a festas e na companhia das atrizes famosas que trazia ao Brasil para lhe fazer companhia. Foram os casos de Veronica Lake, Lana Turner, Rita Hayworth, Susan Hayward, Hedy Lamarr, Jayne Mansfield, Anita Ekberg, Romy Schneider, Zsa Zsa Gabor, Kim Novak e Marilyn Monroe. Morreu em 2004, deitado numa cama do Copacabana Palace, o hotel que sua família construiu. Mereceu uma página de obituário no New York Times, o jornal americano que publicara seu perfil em 1982.

³⁸ Revista Manchete, 1994/n. 2219

Todo *socialite* sabe que a fama é efêmera. Este tormento abate quem se envolve num escândalo, quem envelhece e teme chocar a audiência com sua aparência e também quem perde ou gasta a riqueza que tinha. A elite econômica também entende que produz em muitos observadores a raiva e a inveja.³⁹ A politização dessas emoções é truque persuasivo utilizado por atores políticos variados em suas encenações públicas. Tais sentimentos aparecem na crítica social, mas não no colunismo que atua de forma laudatória.⁴⁰ Em última instância a mídia serve de vitrine aos que se valem do circuito da fama.

Decorre do interesse das pessoas pela corte a atenção que é dada pela dramaturgia e pelo cinema ao tema. Exemplos de programas e de filmes que celebram a riqueza são *O Lobo de Wall Street*, *American Hustle*, *Vegas*, *O Aprendiz*, *The Bachelor*, *Gossip Girl*, *Love e Hip-Hop*. Odete Roitman, a vilã de *Vale Tudo* (1988) interpretada por Beatriz Segall, tornou-se símbolo de figura esnobe da teledramaturgia brasileira.

A elite econômica dos países republicanos acabou ocupando o espaço da nobreza monárquica. O glamour cultivado neste ambiente foi batizado de esnobe em 1820 na Inglaterra. Originalmente o termo nominava quem estudava na Universidade de Cambridge e no Eton College, uma escola secundária de elite. Hoje ele significa o cidadão modesto que deseja parecer rico. *Para tanto ele se comporta com arrogância para se distinguir de outros considerados menos cultos, mais pobres, menos viajados e menos em muitas outras coisas. Esta é a imagem estereotipada do burguês na cultura popular.*

*É um qualificativo pejorativo que denota um julgamento de valor feito pela pessoa que observa esta figura à distância. Isso acontece porque o esnobe para ser esnobe precisa frequentar locais exclusivos; usar um léxico bossal; se vestir com um figurino elegante; se distinguir pelo cardápio e borbulhantes que consome e pelos apetrechos que usa, entre eles, conforme Gilberto Freyre – “o bule de chá de prata”.*⁴¹

³⁹ <https://www.theguardian.com/world/2012/jan/03/mulheres-ricas-brazil-rich-women>
<https://www.bloomberg.com/news/articles/2012-05-24/mulheres-ricas-the-surreal-housewives-of-brazil>

<https://www.dailymail.co.uk/news/article-2081994/Made-Rio-Reality-exposes-champagne-Chanel-lifestyles-rich-women-Brazils-booming-economy.html>

⁴⁰ <https://www.scielo.br/j/soc/a/9GT88yGxNSzTNhwxRzNs46Q/?format=pdf&lang=pt>

⁴¹ O Cruzeiro, 1960/n.22

Hoje o termo é utilizado para referir ruas esnobes, esportes esnobes, cidades esnobes e ambientes esnobes. Um lugar sempre mencionado como esnobe é a Sociedade Hípica. Neste local as mulheres aparecem de chapéu enfeitado e os homens de black tie para assistir corrida de cavalo. É o que acontece no Royal Ascot londrino.⁴² Tudo leva a crer que os disfarces são desculpa para o desfile dos que almejam desta forma animar as fofocas.

Com o passar do tempo os critérios utilizados pelo observador para enquadrar o sujeito na categoria dos refinados variaram. É o caso agora da figuração dos que andam de avião particular,⁴³ fumam charuto à vista de todos e têm muitos títulos honoríficos.⁴⁴

Exemplo de exibido é Sammy Davis Junior. O astro americano reuniu em sua vida os símbolos mais odiados pela Ku Klux Klan – era negro, judeu e casado com uma atriz loura e sueca. Era soberbo, caolho e deslumbrado. Ele entrava num grande alfaiate e mandava fazer 10 ternos. Comprava joias de alto preço, automóveis de luxo, dava gorjetas malucas, jogava fortunas na roleta, achando que assim é que devia viver um astro. Perder dinheiro num cassino ajuda a fama do socialite até hoje.

Outras inúmeras personalidades estão incluídas nas listas de esnobes divulgadas pela imprensa. É o caso de Margareth Thatcher, Di Cavalcanti, Alfred Hitchcock, Richard Burton, Norman Mailer, Casanova, Nancy Reagan, Saint Laurent, Grace Kelly, a travesti Rogéria e Mariosinho de Oliveira, o fundador do Clube dos Cafajestes. Naturalmente, há o caso dos tímidos que passam por esnobes por engano.

Diz-se que o garfo foi inventado no La Tour d'Argent. Isso aconteceu porque um esnobe recusou sujar os dedos com a coxa do pato embebido no molho, a principal atração do cardápio deste restaurante que existe e funciona até hoje. A invenção do artefato foi um sucesso e foi adotado pelo rei da França Henrique III (assassinado em 1574) tornando-se então um sinal de requinte.

O escritor dândi francês Philippe Simounet, conhecido pelo público por seu pseudônimo Philippe Jullian (1919-1977), aconselhava em seu primeiro livro,

⁴² <https://www.vogue.com/article/an-etiquette-guide-to-royal-ascot-dos-and-donts>

⁴³ O Cruzeiro, 1972, n. 31, pg.9

⁴⁴ Cruzeiro, 1971/n. 56 pg. 46

Dictionnaire du snobisme de 1958, os que desejavam frequentar a corte não ter automóvel americano (porque eram populares); frequentar hotéis de classe; ter empregado bodoso; inscrever-se na Ação Católica; ter um cão de guarda mimado; tratar os escritores, os músicos e os pintores como trabalhadores gratuitos; convidar amigos para jantares exóticos e ter um túmulo reservado no cemitério Père-Lachaise, o endereço final de muitas celebridades.

Jogo de Cena

Raquel de Queiroz dizia a propósito que "a gente se admira quando um homem nascido na humildade ganha dinheiro, adquire hábitos de rico e de tal modo se acostuma aos refinamentos de luxo que talvez morresse de desconforto se o destino o atirasse à casa modesta onde nasceu". ⁴⁵ Os mais críticos chamam este tipo de existência de vida postiça.

A atitude da pessoa sábia é oposta à do esnobe. Ele evita o jogo cênico cujo objetivo é impressionar os outros. Seu culto à modéstia se expressa pela discrição autêntica. ⁴⁶ Foi o caso de Carl Jung. Ele escolheu viver na Suíça como os menonitas da Pensilvânia, sem eletricidade e numa choupana distante. Explicou que não era fácil ser e parecer ser simples.

A origem presumida do termo esnobe é a de que ele seja uma abreviatura de sine nobilitate. The Book of Snobs, o livro publicado em 1868 menciona a presença desta figura no ambiente clerical, universitário, literário, militar e político. A verdade é que o esnobe está por todos os cantos desde então e até hoje. O fato é que muitos querem ser o que não são – marqueses, duques, princesas, condessas e barão.

Outra obra, The Duke of Bedford's Book of Snobs, publicada em 1965 por George Mikes (1912-1987) dava receita aos que desejavam se comportar como um Lorde.

⁴⁵ Vida Nova, Alma Velha. 1946/ n.39

⁴⁶ <https://vimeo.com/332219878>

O importante é ter dinheiro
George Mikes

É preciso muito dinheiro, montes do próprio. Quando se está no campo, deve-se usar roupa bem velha e sempre que possível fora de moda. O calçado, entretanto, deve ser obrigatoriamente de primeira classe. No que se refere a transporte, o bom esnobe é extremado: ou bem usa um Bentley – se não tiver um Rolls-Royce – ou recorre a um minicar, tipo Romi Iseta.

O bom esnobe é obrigatoriamente esportivo, mas deve ter o maior cuidado para não praticar esportes vulgares. As únicas exceções permitidas – com muita cautela, moderação e boa companhia – são a caça à raposa e o iatismo. Viajar é muito bom. De preferência para locais de difícil acesso. Moscou é um bom lugar. Pequim e Leningrado, excelentes. Estados Unidos, França e Itália não servem. Além disso, o bom esnobe só cruza o mar em seu iate particular ou em transatlântico. Avião, nunca. Para morar, quando o interessado não dispõe de um velho castelo, com muito ar encajado e um ou dois fantasmas de família – a residência ideal – o jeito é reconstruir uma velha casa ou apartamento vitoriano. Mas o principal mesmo é ter dinheiro. Um esnobe rico pode passar algum tempo por cavalheiro. Um esnobe pobre jamais poderá fazer-se passar por *gentleman*.

A moda é fator adicional que permite distinguir as pessoas. As debutantes dizem *The dress is key*. O fato explica o inusitado interesse dos esnobes pelo *design*. O tema é especialmente grave para a jovem adolescente que observa os estímulos disseminados pela mídia online. Predomina o desconforto causado pela comparação frequente que ela faz de sua figura com a das modelos. Em muitos casos a sensação de imperfeição abate a rapariga que se percebe disforme. Este sentimento não desaparece facilmente. Os costureiros agora chamados de estilistas ficam famosos quando sua clientela é recheada de colunáveis que buscam socorro em seus ateliês para o aperfeiçoamento da silhueta.

A aparência é discernível no jogo de cena que as convenções sociais admitem e exigem dos envolvidos nas interlocuções sociais. Em algumas sociedades do passado foi maior o prestígio dos cavaleiros que desfilavam a caráter. Noutros ambientes foram e ainda são os guerreiros, os anciões, as mulheres fecundas, os caçadores, os xamãs, os curandeiros e os feiticeiros. Cada ator interpreta um papel que demanda a combinação adequada de signos que servem ao propósito da construção da imagem desejada (Anderson et al., 2015).

Os que vivem hoje imaginam como será o amanhã. Foi o que aconteceu em 1893 com uma edição sobre o futuro da revista *Strand*.⁴⁷ Se pensava que nos séculos vindouros os seres humanos se vestiriam como no medievo para recuperar a estética e a aparência da dignidade das cortes.

Como a interação social também é um jogo de aparências a luta entre elas é intensa. Os mais tradicionais se rebelaram, por exemplo, contra o surgimento da navalha. Ela colocava em perigo a barba e o bigode, um símbolo tradicional e milenar de gente séria. Surgiria uma obra, a *Filosofia das Barbas*, escrito por Thomas Gowing em 1854 dedicado integralmente à sua defesa.⁴⁸ Este fato ajuda explicar a preferência dos tradicionalistas huteritas, amish, salafistas, hassídicos, ortodoxos e monges pelas barbas.

Outro exemplo histórico deste jogo de imagens foi o momento no qual o ato de fumar se tornou símbolo de libertação da mulher. Em 1929, o publicitário Edward Bernays contratou modelos para desfilarem e fumar numa avenida central de Nova York. Com esta encenação ele desejava quebrar um tabu social persistente que impedia seus clientes, as empresas de tabaco, auferir lucros maiores. O cigarro foi então maliciosamente batizado pelos jornais de “tocha de liberdade”.⁴⁹

Em resumo, toda e qualquer cena resulta da adequação e da combinação do figurino, do léxico, do cenário, da entonação da voz do ator e da sua gestualidade.⁵⁰ As atuações distintivas fazem uso desses elementos. Isso é discernível em sociedades estratificadas nas quais as diferenças de classe são marcadas teatralmente (Benne & Sheats, 1948).

O efeito emocional da interpretação é, com frequência, detectado graças às pistas prosódicas do discurso, ou seja, a entonação, o ritmo e acentuação tônica das palavras. A fala de Mussolini é bom exemplo disso. Acompanhava-lhe o verbo autoritário sua postura: os braços ora abertos e ora na cintura; suas mãos batendo na mesa; os lábios cerrados e seu queixo empinado.⁵¹ Este traço arrogante não escapou aos observadores que logo relacionaram sua imagem a de Donald Trump.

⁴⁷ http://www.forgottenfutures.com/library/fashion/fut_fash.htm

⁴⁸ <https://publicdomainreview.org/collection/the-philosophy-of-beards-1854>

⁴⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=SRjbXiwNVDc>

⁵⁰ https://en.wikipedia.org/wiki/Expressions_of_dominance

⁵¹ <https://www.youtube.com/watch?v=yTPqI2J2nPc>

O desempenho cênico decorre da aprendizagem feita pela pessoa ao longo da vida. O que se faz na frente dos demais varia de cultura a cultura. O sujeito desenvolve com o tempo a capacidade de adequar seu corpo aos diversos contextos. Nos mais requintados, por exemplo, se exige uma atitude especial e melindrosa. É o que se observa (com algum espanto) nos rituais de aconchego dos aristocratas remanescentes. Não é qualquer um e de qualquer jeito que se consegue penetrar neste tipo de ambiente.

O Luxo e Sorriso

O fato explica porque surgiram ao longo do tempo manuais que orientam as pessoas sobre a postura adequada a ser adotada socialmente. Às vezes a gestualidade é politizada, algo que os diplomatas sabem e praticam com esmero. Entre essas fontes estão o *Manual of Gesture* de 1875 escrito por Albert M. Bacon⁵²; *Chirolgia, or the Natural Language of the Hand* escrito por John Bulwer⁵³ em 1644, e ainda *A System of Elocution, with Special Reference to Gesture*, escrito em 1846 por Andrew Comstock.⁵⁴

O que está sendo comunicado, embora interdito, diz respeito à distribuição do poder, da honra, da credibilidade e do prestígio de cada indivíduo. A desigualdade se manifesta dessa forma. Em última instância, a aparência se consolida em crenças compartilhadas sobre quem é o melhor, o mais poderoso, o mais hábil e o mais sábio, entre outras qualidades humanas (Ridgeway, 2013).

O prestígio é escalar. Isso depende de quão perto o desempenho do ator se aproxima do ideal estabelecido nas convenções para certa posição social. Com o auxílio dos apetrechos de honraria ele projeta aos outros a imagem que deseja e faz de si. Decorre que o status é comunicado através de símbolos utilizados às vezes de forma fraudulenta pelos que fingem ser o que não são. Este é o caso típico do alpinista social. Quanto mais alto ele chegar mais escassos serão os apetrechos que simbolizam sua ascensão de classe (Goffman, 1951).

⁵² <https://publicdomainreview.org/collection/a-manual-of-gesture-1875>

⁵³ <https://publicdomainreview.org/collection/chirologia-or-the-natural-language-of-the-hand-1644>

⁵⁴ <https://publicdomainreview.org/collection/the-postures-of-the-mouth-1846>

O mercado do luxo é frequentado por quem busca e necessita sustentar um estilo de vida compatível ao status pretendido. Os adereços comunicam aos outros o tipo de gente que a pessoa é ou imagina ser ou que deseja ser. Em última instância este comércio vende símbolos de prestígio (Levy, 1959; Stepien, 2018). Para tanto é necessário exibir algo exclusivo.⁵⁵ Isso acontece, por exemplo, com medalhas, com o ouro e com o diamante, com insígnias e uniformes de gala e roupas de festa cheias de adereços.

Tal consumo de ostentação foi assinalado pelo historiador Thorstein Veblen (1857-1929) que percebeu o gasto supérfluo que ocorria no alvorecer do século XX nos Estados Unidos. Denominou tal atitude de *consumo conspícuo* (Veblen, 1899/2021). Ele reflete o desejo do sujeito obter o reconhecimento através do desperdício.

O hábito de dilapidar o patrimônio em rituais como banquetes e festas era usual na figuração dos aristocratas ingleses e franceses. Ser incapaz de fazê-lo representava nos séculos XVII e XVIII descrédito social e eventual ostracismo do convívio de classe. Para financiar esta demanda as famílias vendiam parte do que tinham. É o que hoje se chama de *noblesse oblige*, ou seja, as responsabilidades sociais que advém do fato do sujeito ter dinheiro. Algumas famílias amenizavam as perdas sofridas ocupando posições de destaque na diplomacia e no exército entre outros postos do governo reservados aos aristocratas (Elias, 2001, pg. 85).

Algo similar acontece entre os indígenas da América do Norte durante o festejo denominado *potlatch*. Na cerimônia o homenageado entrega aos amigos e parentes bens materiais acumulados ao longo de sua vida. Quanto maior for o valor e a qualidade das oferendas maior será o prestígio do doador que assim empobrece. Esta é uma prática cultural similar à filantropia. Ela favorece a distribuição de renda e modera a saliência social dos muito ricos.

Portanto, o status pode ser compreendido como a posição relativa do sujeito na hierarquia social (Swencionis & Fiske, 2018) e a maneira como alguém é admirado pelos demais (Gregg, Mahadevan, & Sedikides, 2018). É menos relevante o caso particular deste ou aquele figurante do que o surgimento de tipos sociais como o

⁵⁵ https://www.spcbrasil.org.br/uploads/st_imprensa/mercado_de_luxo_analise1.pdf

socialite e o esnobe na sociedade do espetáculo. O que vale neste caso é a *persona*. O ambiente social acaba contaminado pela epidemia narcísica dos candidatos ao estrelato. Neste caso o jogo dos disfarces é constante.

A coluna social é um dos poucos espaços que assegura ao leitor a certeza de encontrar um sorriso, a aparência do sucesso e da riqueza à sua espera. No passado distante isso era incomum. Mesmo nos encontros íntimos da aristocracia os participantes cuidavam para não mostrar os dentes. Eles eram malcuidados e não contribuíam à boa aparência dos fidalgos. Sorrir de boa aberta era uma violação da etiqueta. O manual *As Regras para o Decoro Cristão e Civilidade* de 1703 escrito pelo sacerdote João Batista de La Salle dizia

Tem gente que levanta o lábio superior tão alto que os dentes ficam quase totalmente visíveis. Isso é totalmente contraditório ao decoro que proíbe que se descubram os dentes, pois a natureza nos deu lábios para ocultá-los (Jeeves, 2013).

Nessa época quem ria mesmo gargalhando eram os pobres, os bêbados e os animadores que divertiam os que andavam nas ruas, nas feiras e nos parques sem abrir a boca.

Como mencionado, a mídia é agora uma variável independente (Hjarvard, 2012) considerada seriamente por quem precisa administrar sua inserção social mostrando confiança, riqueza, felicidade e os dentes. Estes ensinamentos foram considerados ainda em 1887. Guias repletos de orientação foram publicados para atender a demanda das patricinhas.⁵⁶ Exemplo mais recente é *Manners and Rules of Good Society or Solecisms to be Avoided* publicado em 1924 por um anônimo "membro da aristocracia".⁵⁷ Seu objetivo era ensinar a etiqueta e o refino necessário para ser enquadrado como membro dessa classe.

⁵⁶ <https://publicdomainreview.org/collection/fancy-dresses-described-or-what-to-wear-at-fancy-balls-1887>

⁵⁷ <https://www.gutenberg.org/files/33716/33716-h/33716-h.htm>

Os que admiram os esnobes ressaltam que sem eles não haveria o mercado da arte. Foram eles que também estimularam o movimento modernista. Eles foram louvados na obra de Puy de Clinchamps, um nobre francês autor de vários livros e que publicou *Cahiers Nobles*, uma série que listava famílias da burguesia francesa com títulos de nobreza.

Ocorre o contrário com milionários que preferem a invisibilidade. Esta atitude é mais comum na Alemanha⁵⁸ do que nos Estados Unidos. Este país tornou o *self made man* um herói.⁵⁹ É exemplo a ser imitado pela juventude que aprendeu a idolatrar seus nomes de família - Rockefeller, Trump, Mellon e Morgan. Os bem-ricos deste país frequentam com desenvoltura os espaços públicos, a televisão e a política.

É clara a preferência pela discrição dos 160 bilionários brasileiros.⁶⁰ A suntuosidade da vida dos que dominam o capitalismo nacional é pouco aparente. Eles raramente participam de programas de televisão. Não escrevem artigos para jornais. Dão raras entrevistas à imprensa. Não frequentam as reuniões de entidades de classe. E se encontram pouco com políticos. Suas doações filantrópicas são anônimas.

Fica claro que a figura pública é pública porque sua exposição não é acaso. Ela autoriza o diz-que-diz-que, algo que não acontece quando o sujeito opta pela discrição. Este é o escudo que protege sua intimidade e lhe assegura o direito ao silêncio e de não ser incomodado pelos comentários. Resulta que o *nouveau riche* ocupa o espaço da badalação e das festas.

Os que preferem outro estilo de vida apelam agora ao direito de serem esquecidos. Este desejo é o oposto do cultivado pelos que desejam saltar do anonimato à fama. O anonimato é considerado pelos juristas como um direito subjetivo ligado à imagem pública de um cidadão. Isso envolve também sua reputação, a honra, a intimidade e sua memória privada (DINIZ, 2017). O tema é controverso e o debate emergiu em vários países onde pessoas exigiram que informação sobre si fosse retirado dos bancos de dados utilizados em diretórios da web. Não queriam deixar para trás este tipo de rastro que perdura para sempre

⁵⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=NXaVLXSZdEw>

⁵⁹ https://www.youtube.com/watch?v=JBWp3HR4jrU&list=PLgHW4Yq6QfNNZuzv8c0ct_UX8lZRxqfoW

⁶⁰ Lurdete Ertel. Revista Forbes. https://www.youtube.com/watch?v=baodm_ffT3A

e que pode ser utilizado para fins diversos inclusive o da estigmatização e do que agora é chamado de cancelamento. Isso ocorre com mais frequência nos ambientes polarizados nos quais acontece um boicote organizado contra um ator por causa de alguma declaração dada, de sua atuação pública ou em decorrência de outra causa qualquer.

O direito à intimidade virtual tornou-se assim a nova fronteira dos direitos humanos. Como demonstrado ele não poderá ser aplicado facilmente à censura da conversação apesar da tentativa feita em 2019 na cidade de Binalonan e em sete povoados próximos nas Filipinas de banir por completo a fofoca. Uma lei tornou o mexerico uma prática ilegal por ser considerado algo cruel e nocivo ao bem-estar social. A decisão, a primeira deste tipo no mundo, chamou a atenção da imprensa internacional já que em muitos lugares o fuxico é tratado como um fato inevitável da vida social.

Indigeneidade

Em 2022, a população indígena brasileira era estimada em 900 mil pessoas divididas em 305 etnias.⁶¹ Elas fazem parte da categoria povos originais. Estes grupos são integrados por 476 milhões⁶² de indivíduos que vivem em 70 países.⁶³ A preservação de suas culturas é um dos motivos dos movimentos que militam na defesa e na valorização de suas identidades (WORLD BANK GROUP, 2015), uma causa que é denominada ora de indigenismo e ora de indigeneidade (HARRIS & WASILEWSKI, 2004).⁶⁴

Em vários lugares do continente latino-americano o controle tribal dos territórios nos quais esses grupos habitam está ameaçado por invasores interessados em suas riquezas - madeira, gás natural, petróleo e minerais (ouro foi descoberto no território Yanomami em 1986). Esta ocorrência criminal é elemento adicional à controvérsia que persiste sobre a afirmação que os indígenas desejam

⁶¹ <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/ultimo-censo-do-ibge-registrou-quase-900-mil-indigenas-no-pais-dados-serao-atualizados-em-2022>

⁶² Este total varia dependendo da fonte consultada.

⁶³ Dados do Banco Mundial em 2020.

<https://www.worldbank.org/en/topic/indigenouspeoples#:~:text=There%20are%20an%20estimated%20476,percent%20of%20the%20extreme%20poor.>

⁶⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=LEw7n-v6gZA>
<https://www.journalofglobalindigeneity.com/>

na atualidade. A nova Internacional solidária formada em apoio às suas reivindicações políticas se inspira na Declaração aprovada em 2007 na ONU. Ela reconhece os direitos dessas pessoas que vivem de forma contínua suas terras, ou seja, desde antes da chegada dos colonizadores europeus.

Povos indígenas na AL e Caribe. 2014

País	Número de Povos Indígenas
Argentina	32
Bolívia	39
Brasil	305
Chile	9
Colômbia	102
Costa Rica	8
Equador	34
El Salvador	3
Guatemala	3
Honduras	7
México	78
Nicarágua	9
Panamá	8
Paraguai	24
Uruguai	2
Venezuela	57
Total	826

Fonte: Economic Commission for Latin American and the Caribbean (ECLAC), 2014

Os reclames em favor dos direitos dos grupos autóctones foram apoiados por Evo Morales, o representante aimará que se elegeu três vezes presidente da Bolívia entre 2006 e 2019. Seu grupo étnico constitui 42% da população do país. Outros 45% são quéchuas. Trinta e quatro pequenas tribos constituem o restante dos habitantes. Este caso se destaca porque a presença de um indígena à frente de um governo é uma ocorrência excepcional neste continente povoado por 826 povos originais e que possui a maior população indígena do mundo – cerca de 45 milhões de pessoas que falam 500 línguas.

O despertar étnico estimulado pela figura de Morales ocorreu também noutros locais. É o caso do Peru (URIARTE, 1998) onde é forte a militância etnonacionalista⁶⁵.

⁶⁵ <https://web.archive.org/web/20191022225410/https://etnocacerismo.wordpress.com/>

A ideologia etnocacerista reivindica um lugar ao sol para a raça cobriza. O grupo que a defende almeja o renascimento de um estado baseado nos princípios incas. Os militantes afirmam seu direito de lutar contra o que chamam de genocídio cultural e racial promovido pelos brancos ocidentais. Eles são referidos de forma irônica como super-homens, "pois medem 20 centímetros mais que os indígenas, pesam 30 quilos mais, vivem 40 anos mais e ganham 50 vezes mais" (SCHROEDER, 2003).

Este tipo de clamor em favor do *Indian Pride* aconteceu nos Estados Unidos na década de 1970 e passou a existir no Brasil a partir dos anos 1990 (CANESSA, 2007). Ele lembra o pronunciado em *Black is Beautiful*, o movimento cultural criado na década de 1960 em favor da negritude. Este revival acontece na Colômbia com populações rurais que buscam ressignificar antigas alianças étnicas com os povos originais. Este é o caso dos *kankuomo* constituído por 15 mil pessoas que falam um dialeto local (ARIZA, 2020).

A identidade dos indígenas é tema complexo porque inexistente uma definição operacional que esclareça os critérios que permitem enquadrar uma pessoa nesta categoria.⁶⁶ O censo é o instrumento utilizado para identificar essas e outras pessoas. Às vezes o dilema identitário é resolvido à moda antiga. Árvores genealógicas são feitas para mostrar a origem de um indivíduo. Utiliza-se também a autodeclaração (LÓPEZ, 2019) já que o pertencimento a um grupo depende de fatores subjetivos (DELORIA, 1988). Nos Estados Unidos 25% do crescimento populacional dos indígenas locais entre 1960 e 1970, 60% do crescimento entre 1970 e 1980 e 35% do crescimento entre 1980 e 1990 aconteceu devido a mudanças nas autodeclarações dos sujeitos (THORNTON, 2002, p. 76; MAYBURY-LEWIS, 1999, p. 873; POOL, 1985). Esta é uma tendência que ocorre também na Austrália e na Nova Zelândia. Nos Estados Unidos um terço das pessoas que se declarou indígena não pertence a tribos (ROWSE, in BENNETT & FROW, 2008, p. 406-426).

No Brasil muitos sertanejos vivem este dilema, pois passaram à condição de índios. Isso aconteceu principalmente na região nordeste do país. Nos anos 70 houve um ressurgimento da identidade indígena no local. Grupos variados começaram a

⁶⁶ <https://theconversation.com/stolen-identities-what-does-it-mean-to-be-indigenous-dont-call-me-resilient-podcast-ep-8-transcript-166252>

solicitar o direito à propriedade das terras tribais. Pelo menos 30 obtiveram da FUNAI resposta positiva à solicitação de serem considerados indígenas em 1979.

É o caso da tribo Kariri-Xocó do Sergipe. Este grupo de mestiços indianizados é formado por um número estimado entre 1700 e 2500 pessoas. Estão aprendendo o que é ser índio sem abandonar a cultura de onde se originaram. Dançam agora o toré tradicional e estudam a história dos grupos nativos. Ou seja, estão inventando uma tradição para se aliar a ela para assim lutar pelo controle e posse da terra.

O fato é que o termo indigenismo se popularizou no mundo. Ele denota também certo grau de desconfiança aos valores da sociedade capitalista considerados uma ameaça à sobrevivência dos descendentes dos maias, dos comanches, dos astecas, dos incas e dos charruas e tapuias entre outros povos do continente americano.

Os indígenas de hoje não são mais tutelados. Em muitos lugares adotaram a retórica política dos brancos, integram partidos, se aliam nas disputas com outros grupos⁶⁷, integram ONGs, participam de encontros e de seminários, se manifestam nas ruas das cidades, lutam pela reforma agrária como aconteceu em 1994 com os zapatistas do México. Às vezes encenam autenticidade aos turistas e às câmeras fotográficas e dos cineastas que circulam na floresta e noutros lugares em busca do exótico e do natural intocado⁶⁸. Cantam então seus cantos, dançam em roda e apelam teatralmente nesses espetáculos aos seus deuses e xamãs mágicos. São vistos e celebrados nos documentários pelos preservacionistas como guardiões da natureza⁶⁹.

Outros que visitam os indígenas com assiduidade são os antropólogos. Exemplo clássico deste tipo de jornada é o realizado por Claude Lévy-Strauss, autor de *Tristes Trópicos*, a obra publicada em 1955 sobre os nambiquaras, uma das tribos que ele visitou no Mato Grosso e na Amazônia no período em que viveu no Brasil. Este explorador desejava encontrar em sua missão de 1938 os remanescentes dos tupis que os franceses haviam visto no Rio de Janeiro quando invadiram a cidade no século XVI.

⁶⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=Yf3oyramLHo&t=33s>

⁶⁸ Este é o caso de *The Last Forest* (2021). <https://www.youtube.com/watch?v=2tK-5dydqp8>

⁶⁹ <https://www.povosdafloresta.eco.br/?gclid=EAlaIqObChMI5rbG3bDY-wIVAc6RCh1v>

Pregadores religiosos há bastante tempo perambulam igualmente nessas regiões inóspitas. Eles mergulham na floresta para observar os índios, proteger seus corpos e converter suas almas. Esta tarefa foi cumprida por franciscanos, dominicanos e jesuítas, principalmente. Foi o caso do frade Bartolomeu de las Casas (1484-1566) considerado um protetor dos indígenas e dos africanos. Ele se opôs à visão de que os índios eram bárbaros e que mereciam por isso ser escravizados pelos encomenderos, os espanhóis donatários das encomendas, um sistema administrativo similar às sesmarias adotadas no território brasileiro pelos portugueses.

Na parte lusitana do continente os índios eram considerados livres. Segundo o decreto real de 1570, chamado de Lei Sobre a Liberdade dos Gentios⁷⁰, só poderiam ser escravizados os nativos que praticassem o canibalismo ou se fossem aprisionados numa guerra justa. Esta decisão foi tomada graças à pressão dos missionários jesuítas chegados ao Brasil em 1549 e em 1553. Esta posição em favor dos povos originais foi expressa na bula *Sublimus Deus* de 1537. Nela o papa Paulo III proclamou a humanidade dos índios que mereciam a liberdade e o direito a suas posses.

Resulta desses encontros e desencontros entre o hispanismo, o lusitanismo e os povos originais que as identidades tribais também foram e continuam politizadas. Evidência disso é o katarismo, o movimento criado por Tupac Katari, o líder que cercou La Paz em 1781 durante sua revolta contra os colonizadores. Sua figura é central à ideologia étnica que apareceu na Bolívia a partir de 1960. Em 1899, o líder aimará Zárate Willka comandaria outra rebelião com a exigência de estabelecer um governo autônomo (IKEMURA, 2014). Ele também contribui ao ânimo dos militantes de agora.

A ideologia racial chegaria à Bolívia descreditando essas populações e suas reivindicações tribais ao salientar a incapacidade indígena para se adequar aos valores da modernidade. Nesta visão a alternativa é a assimilação dos nativos a uma nova matriz identitária cujos fundamentos são a experiência cultural europeia.

⁷⁰ https://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/2018-04/Lei_de_1570.pdf

O Tratado de Versalhes que estabeleceu num pacto a Liga das Nações em 1919 foi o primeiro documento que afirmou o conceito de Povos Indígenas e lhes assegurou tratamento especial em decorrência de sua vulnerabilidade às transformações havidas no mundo. O termo referia-se então principalmente aos habitantes dos territórios do sudeste da África e das ilhas do sul do Pacífico. Gradualmente o número de grupos considerados indígenas pelos órgãos da ONU foi crescendo até incluir populações latino-americanas, norte-americanas, canadenses, africanas, australianas, russas e siberianas, entre outros.

O tema central tornou-se a sobrevivência dessas populações. No Peru, por exemplo, ela decaiu de 3.3 milhões para 600 mil entre 1520 e 1630. Somente um décimo dos guaranis sobreviveu no Paraguai à invasão colonial. Na primeira metade do século XVII o número de caribenhos também caiu de 120 mil para 20 mil.

No primeiro Congresso Indigenista Interamericano realizado em Pátzcuaro no México em 1940, grupo indígena algum esteve presente. Foi aprovada então a Convenção de Pátzcuaro que estabeleceu vários princípios, a maior parte deles objetivando a incorporação das tribos na cultura mestiça. Dessa maneira os índios acabaram envolvidos nas disputas políticas que aconteciam em torno da implantação da reforma agrária. Somente a partir da década de 1960 eles começaram a se organizar de forma autônoma em vários países começando pelo Equador.

Neste país a demanda indígena floresceu. A constituição de 2008 definiu o país como plurinacional e intercultural. Acabaria incluindo um preceito em favor da defesa da natureza. Esta era uma das queixas do Movimento de Unidade Plurinacional Pachakutik, o grupo indigenista formado em 1995. Rituais que incluem despachos e missas em favor de Pachamama como a natureza é chamada localmente tornaram-se comuns também na Bolívia.

Doutrinas contraditórias sobre o indigenismo continuam vivas e a disputa entre elas não cessaram em vários lugares. No Brasil é usual a referência ao agronegócio e a setores das forças armadas como promotores da ideologia assimilacionista. Esta solução é sugerida há bastante tempo. Em *Apontamentos para a Civilização dos Índios Bravos do Império do Brasil* o ministro de Dom Pedro I,

José Bonifácio de Andrade, apresentou essa solução. Sugeriu a mestiçagem. Ela possibilitaria o surgimento de uma nova raça e a criação de uma cultura comum na qual o branco seria o elemento civilizador preponderante.

A invisibilidade e a posição social subalterna e pacífica dos sete milhões de índios peruanos (24% da população) explicam agora a reivindicação dos militantes em favor de sua representação política. Outros propõem a assimilação desses grupos nativos aos fundamentos culturais dos colonizadores europeus (URIARTE, 1998).

Os simpatizantes do Sendero Luminoso costumam comparar a rebelião armada deste grupo maoísta com a revolta de Túpac Amaru, o imperador inca que lutou e perdeu em 1572 aos espanhóis o que restava do seu antigo domínio. Como se sabe da história seu nome foi utilizado para batizar os Tupamaros, o grupo marxista que lutou entre 1973 e 1985 no Uruguai.

Neste país, em 2002, o resto mortal do líder charrua Vaimaca Perú chegou da França. Foi sepultado no Panteão Nacional como herói. Os pouquíssimos indígenas remanescentes no país recuperaram dessa forma seu lugar na história local. Este era o principal objetivo do movimento nativista uruguaio que iniciara suas atividades em 1989 com a missão de restaurar a memória de suas populações originais (GASPERIN, 2020).

3. NEGRITUDE E BRANQUITUDE

O estudo da negritude é exemplo adicional de tema que se tornou frequente neste campo dos estudos identitários. Decorrem os tópicos correlatos da discriminação racial e da opressão geralmente dos brancos contra os negros. O desinteresse pelo tópico oposto, o da branquitude, acontece como consequência do entendimento de que os brancos não têm raça.

A escravidão dos brancos foi feita por piratas, pelos vikings, por senhores feudais e por comerciantes que frequentavam os mercados de escravos que existiram no norte da África entre os séculos XV e XIX (Jr. DAVIS, 2004). Tais exemplos não são consequência de um preconceito racial estrito no sentido que o termo é utilizado hoje em dia. Geralmente os brancos escravizados eram cativos, ou vítimas do tráfico humano que se expandiu no século XIX e que acompanhou as levas migratórias de habitantes dos vilarejos pauperizados que partiam da Europa rumo à América. Em alguns casos grupos mafiosos tomaram conta deste comércio humano que trouxe ao Brasil mulheres brancas para servir ao comércio sexual (NOTTINGHAM & FROTA, 2012).

Os estudos sobre a branquitude examinam as crenças dos brancos sobre os brancos e as consequências deste tipo de pensamento. Usualmente, a identidade escondida do grupo dominante é tratada como algo trivial (DOANE, 1997). Alguns porta-vozes da branquitude falam em genocídio dos brancos¹, uma teoria conspiratória que cai ao gosto de milícias norte-americanas, entre elas o Freedom Revival², o Oath Keepers, o Three Percenters, o Proud Boys, o Patriots Arise, o QAnon e o Boogaloo. Na Austrália os militantes supremacistas formaram o Stormfront.org³ (BLIUC, 2019). O bordão deste grupo é *White Pride World Wide* (Orgulho Branco em Todo o Mundo). Em 2022, o movimento alemão Reichsbürger (Cidadãos do Reich) inspirou-se no QAnon para tentar realizar o já mencionado golpe de estado. Estima-se que são 20 mil militantes. Alguns são filiados ao AfD. Este partido fundado em

¹ Em setembro de 2022, os Estados Unidos tinham em seu território um milhão de pessoas em busca de asilo. <https://www.nytimes.com/2022/09/06/us/politics/asylum-biden-administration.html>

² <https://freedomrevival.org/>

³ <https://www.stormfront.org/forum/>

2013 conquistou 15 por cento dos votos nacionais e se tornou em alguns lugares a principal força política.

A tese do genocídio dos brancos tem servido de justificativa ideológica a vários ataques terroristas de lobos solitários contra judeus, negros e hispanos em localidades dos Estados Unidos e noutros países (MOGELSON, 2022). O argumento foi utilizado por Andres Behring Breivik que matou 77 pessoas na Noruega. Seu manifesto "Uma Declaração de Independência da Europa" de 1500 páginas divulgado na Internet elabora esta ideologia contra a sociedade multicultural. Diz que "a razão da nossa preocupação e oposição se deve ao fato de que a imigração massiva, a mistura racial e a adoção de não europeus são uma ameaça à unidade da nossa tribo". Afirma que "um país que tem culturas competitivas vai se dilacerar ou vai acabar como um país disfuncional, como o Brasil e outros países".

Este ativismo existe no Brasil desde os anos 50 quando agia no Rio Grande do Sul a *Ordem Secreta dos Primadistas*, movimento conhecido também pelo nome *Domus do Cruzeiro do Sul*.⁴ Era racista, anticomunista e xenófobo. Seus militantes armados usavam capuzes similares ao da Ku Klux Klan e atuavam às vezes de forma violenta contra seus alvos preferenciais, negros e nordestinos entre eles.

Seus sucessores atuam hoje e na web. As páginas de grupos neonazistas proliferam também no Brasil. Eram 42 em maio de 2018. Um ano depois este número cresceu para 204.⁵ Em 2022, a estimativa era de 530 células, um aumento de mais de 270% em relação a 2019⁶. No final de 2019, a antropóloga Adriana Dias, da Universidade de Campinas, identificou 344 células ativas no país.

Uma das frequentes queixas dessas pessoas é contra as cotas raciais que "está tirando o lugar dos brancos nas universidades".⁷ Entre seus símbolos está o copo de leite e o personagem *Pepe, o Sapo* que acabou apropriado pela tendência. Outros grupos vinculados ao orgulho branco utilizam a bandeira do grupo paramilitar de extrema direita da Ucrânia.

⁴ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59760992>

⁵ Safernet

⁶ Uol Notícias, 18 de janeiro de 2022.

⁷ observatóriobranquitude.com.br

Racismo reverso é o termo utilizado para mencionar a aversão dos negros contra os brancos. Este conceito provocou controvérsia e refinou o debate. Uma corrente afirma que este preconceito existe em certos ambientes, mas que o fato é insuficiente para classifica-lo de racismo já que os negros não dispõem de poder político para o exercício de uma ampla política de discriminação. O fato é que os supremacistas do movimento norte-americano Nação do Islã dizem que os brancos são amaldiçoados, que Deus é negro e que todos os negros pertencem ao Islã, a fé que deve reinar sobre o mundo. Afirmam ainda que os brancos estão imunes à virtude e que os negros estão imunes ao pecado. Segundo o escritor James Baldwin, este sentimento discriminatório é antigo. "A cor é que é nova".⁸ Já o Black Power tornou-se proeminente nas décadas de 1960 e 1970. O principal objetivo desse movimento político era a autodeterminação dos negros americanos. Sua mensagem ecoou em vários países. Na Grã-Bretanha, por exemplo, o British Black Power (BBP) tentou unir os negros, os imigrantes do Caribe e da Ásia em sua luta contra o racismo.

Guerra cultural

Os imigrantes chegados de países de fala espanhola aos Estados Unidos são chamados de hispanos. O termo étnico La Raza⁹ foi escolhido para distinguir essa população dos caucasianos. Tornou-se vocábulo controverso, pois refere ideias de um autor mexicano, José Vasconcelos, que desenvolveu uma teoria sobre o mestiço indígena-espanhol por ele classificado de raça superior.

A identidade deste imigrante tornou-se ainda mais complexa neste novo ambiente multicultural. O número de refugiados da Guatemala e de outros locais envolvidos em conflitos e com a pobreza tem crescido o que torna esta comunidade de expatriados diversa, numerosa e cada vez mais visível. Mesmo assim a percepção dos outros não é refinada o suficiente para detectar a singularidade de cada nacionalidade. A mídia tende a tratar do tema de forma estereotipada, algo que

⁸ <https://www.discoursemagazine.com/culture-and-society/2021/08/02/what-james-baldwin-can-teach-us-about-the-problem-of-race-in-america-today/>

⁹ <https://constitutionwarrior.wordpress.com/tag/aztlan/>

acontece também com os indígenas americanos apresentados nos filmes como selvagens, guerreiros e incapazes de se adaptar à modernidade.

Personalidades como Saul Alinsky, Herbert Marcuse e outros marxistas ligados à Escola de Frankfurt contribuíram à formação de vários movimentos de grupos minoritários como é o caso dos americanos-asiáticos. Estes aglomerados agem eventualmente em bloco para enfrentar opositores (HUNTER, 1991). Exemplo é a Marcha sobre Washington liderada por Martin Luther King em 1963 em favor dos direitos civis dos negros norte-americanos que reuniu pessoas vinculadas a diferentes grupos raciais, étnicos e religiosos.

O termo guerra cultural foi utilizado originalmente para descrever a colisão entre a Igreja católica e o governo de Bismarck na Prússia na década de 1870. Ele se popularizou com o impulso dado pelos movimentos de contracultura contemporâneos. É o caso dos clubes universitários americanos que reúnem gays, lésbicas e queers que lutam juntos para serem reconhecidos e admitidos em instituições avessas às definições de gênero¹⁰.

Este tema da identidade sexual se tornou proeminente no século XXI muito embora ele frequente a pauta dos debates desde o início do século XX. Destaca-se a figura do sexólogo alemão Magnus Hirschfeld, chamado de o Einstein do Sexo¹¹ por seu trabalho pioneiro sobre a homossexualidade humana. Sua figura é celebrada como uma das primeiras personalidades a defender os direitos dos homossexuais e dos transexuais. Seu Comitê Científico-Humanitário lançou uma famosa petição em favor do cancelamento da penalização imposta pela lei alemã às relações homoafetivas. Ela contou com o apoio de cinco mil personalidades. Entre elas estavam Albert Einstein, Hermann Hesse, Käthe Kollwitz, Thomas Mann, Heinrich Mann, Rainer Maria Rilke, August Babel, Max Brod, Karl Kautsky, Stefan Zweig, Gerhart Hauptmann, Martin Buber, Richard von Krafft-Ebing e Eduard Bernstein.

Na atualidade do mundo interconectado tais desencontros se tornaram globais. Vários deles começam nos países centrais e se espalham rapidamente pelo mundo. O confronto é polarizado e a linguagem com frequência é estereotipada e

¹⁰ af48c5_6436fe81474045e2b5c47b567063a3ef.pdf (thereap.org)

¹¹ <http://shtetlmontreal.com/2014/01/31/s-hirschfeld-the-most-famous-gay-jewish-sexologist-youve-never-heard-of/>

agressiva. O diálogo sucumbe e as posições radicais se fortalecem. A consequência tem sido a prática do cancelamento. Isso significa boicotar socialmente alguém e fustigar sua imagem.

Cada sociedade tem a sua lista de dilemas que motivam esses enfrentamentos. Exemplo brasileiro é o debate sobre o papel que a religião assumiu na política nacional. Este tema se tornou mais saliente depois que grupos evangélicos se tornaram ativos na defesa de seus candidatos. O desafio protestante à hegemonia católica foi uma novidade que surpreendeu os formadores de opinião. A veemente contestação dos pregadores à homossexualidade, ao aborto, ao comunismo e ao feminismo animou as disputas culturais. Elas ocorrem principalmente no ambiente acadêmico, no interior das comunidades religiosas organizadas, entre grupos militantes e nas redes sociais. Por fim o embate chegou à mídia que relata, interpreta e com frequência se posiciona apoiando ou contestando ora a tradição e ora a pretendida inovação.

Nos períodos de eleição os candidatos tentam atrair eleitores com base na sua definição identitária particular. Às vezes o político perde apoio quando é visto pelos votantes como alguém que se afastou de sua comunidade original. Tal atitude é interpretada como traição. Foi o caso do americano Herschel Walker, conhecido por sua carreira esportiva bem-sucedida, mas deprezado pelos votantes negros americanos porque "se esqueceu de onde veio".¹² Acabou perdendo a eleição para o senado americano pelo estado da Geórgia.

Esta política identitária tornou-se uma realidade brasileira. A eleição de 2022 foi a primeira na qual os partidos que receberam mais votos em candidatos negros e em mulheres candidatas à posição de deputado federal passaram a receber cotas maiores do Fundo Especial de Assistência Financeira aos Partidos Políticos e do Fundo Especial de Financiamento de Campanha (fundo eleitoral). Naquele ano foram registrados 4886 candidatos negros em todo o país. Este total equivalia a 47% das candidaturas a deputado federal. Em 2018, ele tinha sido de 42%. Considerando os demais cargos a deputado estadual, senado federal e governador 3695 pessoas se declararam pretas e 10.182 pardas.

¹² <https://www.nytimes.com/2022/10/02/us/politics/herschel-walker-georgia-senate-race.html>

O relevante no caso é o apoio estatal aos negros a despeito da filiação de cada candidato à causa da negritude. Os claramente vinculados à pauta antirracista receberam apoio de 250 organizações que se uniram na campanha Quilombo nos Parlamentos. Esta ONG ajudou 36 candidatos negros ao Congresso Nacional e 84 candidatos às assembleias legislativas.

Tal iniciativa aconteceu também no apoio concedido pelo coletivo VoteLGBT aos candidatos comprometidos com a valorização desta comunidade. Foram pelo menos 256 pessoas representando 21 partidos. Já os indígenas foram estimulados a participar da eleição na campanha lançada com o nome Aldear a Política pela Articulação dos Povos Indígenas. Pelo menos 182 candidatos autodeclarados indígenas pertencentes a 45 povos concorreram às eleições em 24 estados. Outros 480 candidatos eram deficientes físicos. E um total de 53 mulheres competiu por uma vaga ao senado em 2022. Este total representou 22,5% dos concorrentes. Em 2018, ele tinha sido de 17,6%.

Negros, mulheres, deficientes físicos, LGBT e indígenas são, portanto, alguns dos grupos minoritários mais ativos da sociedade brasileira. Suas causas se tornaram temas que ocupam a atenção da academia, dos partidos políticos e dos debates públicos. O termo minoritário não se refere ao número de seus integrantes. Ele diz respeito ao grau de vulnerabilidade do grupo e à sua condição de alvo de ódio, desprezo social, discurso persecutório e intolerância.

Dificuldade

Em muitos lugares parcela significativa da população entende a prática da política segundo esses critérios das identidades grupais. Resulta que na atualidade um eleitor pode escolher um candidato por ser mulher, negro, gay, índio ou branco, independentemente de suas ideias e propósitos. Ocorre também que muitos movimentos sociais se tornaram híbridos e hifenizados - feminista, chicano e lésbico, por exemplo. Por consequência, o léxico tem dificuldade para capturar a essência pretendida por cada grupo (BERLIN, 1968-1969). Exemplo bastante conhecido deste tipo de dúvida é a clássica pergunta sobre quem é o judeu? As

respostas apelam às vezes para os fundamentos da fé religiosa e noutras oportunidades à história, aos costumes, à memória, à literatura e cultura e até mesmo à culinária.

Jean Paul Sartre formulou seu diagnóstico sobre este tema em seu ensaio *Réflexions sur la question juive*. O filósofo francês formulou em 1944 a tese de que a identidade dos judeus era produto do antissemitismo. Disse que "se o judeu não existisse, o antissemita teria que inventá-lo". Dessa forma o filósofo francês reduziu ao mínimo a autoestima dos integrantes dessa comunidade que desde o início de sua dispersão em 70 EC viu-se obrigada a enfrentar o tema agora contemporâneo da identidade coletiva.

Considerado um povo errante os judeus experienciaram interações com maiorias diversas fato que os obrigou a elaborar um sofisticado sistema de sobrevivência simbólica, uma obra iniciada por lochanan ben Zacai, o tanaita fundador do judaísmo rabínico. Hoje esta pergunta é geral e muitos se questionam sobre o que é ser americano¹³, o que é ser canadense e o que é ser brasileiro.

Esta dificuldade aparece também na formulação dos quesitos utilizados nos censos. Os hispanos são agora identificados nos Estados Unidos como centro-americanos, mexicano-americanos, cubanos, etc. Ou seja, o que a pessoa é depende em boa medida do enquadramento que o observador faz de si. O fato é que 63% dos censos nacionais realizados no mundo incorporaram algum tipo de questão relacionada à identidade étnica ou nacional dos respondentes¹⁴. As regiões que mostram maior propensão a tratar da temática são América do Norte, América do Sul e Oceania. Os termos utilizados nos questionários incluem raça, origem étnica, nacionalidade, ancestralidade, nativo, tribal e aborígene. Ou seja, há certa ambiguidade no emprego destes termos. Por vezes eles se confundem¹⁵.

A necessidade de identificar a pessoa e os grupos humanos foi uma iniciativa política dos estados. Dessa maneira eles podiam fazer censos, organizar a coleta de impostos e o recrutamento dos soldados de uma maneira mais eficiente. Usualmente

¹³ Samuel Huntington escreveu a propósito o livro *Who are we? The challenges to America's National Identity*.

¹⁴ United Nations Statistical Division, 2003

¹⁵ <https://unstats.un.org/unsd/demographic/sconcerns/popchar/Morning.pdf>

as pessoas não tinham sobrenome. Em muitos lugares dizia-se que este é filho daquele. Os primeiros sobrenomes foram documentados na França, Espanha, Itália e no norte da África ainda no século X. Na Europa Central e Oriental eles apareceram no século XVI, especialmente no meio das famílias ricas. Ter sobrenome dava status social. O costume se popularizou no século XVIII. Os súditos do império austríaco tiveram que adotar sobrenomes em 1787. Cada pessoa escolhia o seu de uma lista apresentada pela autoridade. Vários foram inventados. Entre eles estão Drachenblut, Ochsenchwans, Nachtkäfer, Ladstockschwinger, Pulverbestandtheil e Temperaturwechsel. Noutros casos as famílias se inspiravam em nomes bíblicos e em apelidos. Klein, em alemão, e Zairi, em árabe, foram usados para nomear uma pessoa baixa. Roth, em alemão, referia o ruivo. Tawil, em árabe, foi utilizado para nomear alguém alto. Noutros casos ainda o sujeito escolhia a profissão para denominar os membros de sua família.

Com o passar dos anos o sobrenome tornou-se pista saliente da história familiar e da identidade da pessoa, um efeito similar ao produzido pelo sotaque que perdura na fala de um imigrante e do habitante de uma região ou nação. Este fato fez com que alguns tomassem a decisão de alterar o nome e assim maquiarem esta origem. Às vezes tratava-se da adequação do sujeito ao novo território ou da celebridade que desejava tornar seu novo nome uma marca comercial¹⁶. É o caso brasileiro de Silvio Santos, nascido Abravanel; de Juca Chaves, nascido Czaczkes; de Clarice Lispector, nascida Chaya Pinkhasivna e de George Soros, cujo sobrenome era Schwartz.

Os estados modernos começaram igualmente a classificar as populações. A tipificação de seus grupos internos permitia uma governança mais eficiente. O nacionalismo e o colonialismo sentiram também necessidade de apontar os seus e identificar os outros com maior nitidez. O censo assumiu esta tarefa listando a nacionalidade, a descendência, o lugar de nascimento, a religião, a língua falada e a raça das pessoas entre outros critérios de classificação. Desta maneira podiam ainda controlar o movimento interno das populações emitindo passaportes e documentos de identidade.

¹⁶ <https://people.com/movies/celebrities-who-changed-their-names/>

Monumentos

Fluidez, termo utilizado com frequência pela comunidade queer para referir o self flexível das pessoas, é usado por autores como Zygmunt Bauman para descrever o que ocorre com a subjetividade humana na vida real. Isso significa dizer que a pessoa é várias coisas para si e para os outros.

Esta crise alcançou os pronomes pessoais. Antes de usá-los, e por medida de cautela, é recomendável ao falante perguntar ao interlocutor o gênero de sua preferência. Na cidade de Nova York, por exemplo, a legislação refere 34 transgêneros e o direito de cada um ter um pronome específico. O tema é detalhado em documentos e guias oficiais que orientam os funcionários públicos como tratar essas pessoas¹⁷. São exemplos de pronomes e vocábulos neutros desse tipo em português Elu, delu, nelu, aquele, elu mesmo, amigue e bonite. No Canadá a determinação que impôs essa forma de expressão foi recusada por Jordan B. Peterson. Este intelectual público se rebelou contra a determinação da legislação que tornou crime racial o caso no qual o cidadão não se conforma à demanda do interlocutor em favor do pronome de sua preferência¹⁸. A medida foi por ele classificada de supremacismo linguístico¹⁹.

O reconhecimento de múltiplas cidadanias é atitude adicional que reflete as identidades mistas que surgem na atualidade em consequência das andanças que os sujeitos fazem pelo mundo. Os transnacionais (ou pós-nacionais como também são chamados) se sentem ligados a mais de um estado em decorrência de suas identidades híbridas. Isso acontece frequentemente com membros das diásporas nacionais, entre elas a formada por mais de quatro milhões de expatriados brasileiros²⁰. Além disso, há nações espalhadas em mais de um estado e há estados com mais de uma nação. Há também povos sem estado. Este é o caso dos ciganos e dos curdos, por exemplo.

¹⁷ https://www1.nyc.gov/assets/acs/pdf/lgbtq/FINAL_06_23_2014_WEB.pdf

¹⁸ https://www.youtube.com/watch?v=SijjS_9hPkM

¹⁹ https://www.youtube.com/watch?v=s_UbmaZQx74

²⁰ <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/porta-portal-consular/arquivos/ComunidadeBrasileira2020.pdf>

O tortuoso e desconhecido caminho que as identidades tomam tenta ser contido através do esforço que se faz para fixar e congelar a memória coletiva em museus, nos rituais, nos templos majestosos, nas cantigas populares e nas estátuas. São meios utilizados para eternizar a figura de algum personagem ou fato da história.

Há casos nos quais a imagem do celebrado migra de um extremo ao outro. As avaliações dos que julgam seu comportamento se alteram e o que se considera meritoso numa época é abandonado noutra. Por exemplo, em 2021 a estátua de Cristóvão Colombo perdeu o encanto e foi derrubada em Barranquilla, na Colômbia. Os protestantes passaram a chama-lo de 'assassino'. Em seu lugar eles ergueram a Wiphala, a bandeira dos povos indígenas. O mesmo aconteceu no Chile, na Bolívia, na Argentina e nos Estados Unidos. Nesse país mais de 130 cidades adotaram o feriado que homenageia os nativos do país eliminando do calendário a data que era dedicada ao descobridor da América, o Columbus Day. A celebração em favor dos indígenas existe também no Canadá que tenta dessa forma se desculpar pela mortandade dos indígenas causada pelos brancos e por sua assimilação forçada no período colonial.



Resultado deste arrependimento é a descrição agora crítica da imagem construída do primeiro encontro intercultural da história das Américas. Ela foi

produzida por Theodore de Bry, um artista gráfico que inovou ao produzir a partir de 1590 até 1634 em Frankfurt capas de livros com figuras gravadas em alto relevo em cobre. A temática dos desenhos era as viagens marítimas de descobrimento na África, na Ásia e na América.

O quinto volume da série publicada em 1594 foi ilustrada com a gravura que mostra Cristóvão Colombo acompanhado por dois auxiliares armados no momento em que os três encaravam pela primeira vez os indígenas do continente americano. Colombo é apresentado como autoridade bem vestida e poderosa que se impunha aos frágeis nativos nus do lugar. Como forma de apaziguar o dominador os índios são mostrados com suas oferendas sendo dadas aos recém-chegados. O mastro com a cruz mostra o domínio cristão. Fica claro que o poder mudara de mãos. Um lado era o civilizado. O outro era o selvagem. Esta imagem foi reproduzida inúmeras vezes desde então e acabou simbolizando o colonialismo que os movimentos rebeldes de agora abominam.

Esta revisão da história tem demolido e erguido monumentos em várias partes do mundo. As estátuas dos líderes confederados estão sendo atacados em várias cidades dos Estados Unidos. As imagens de George Washington e Thomas Jefferson foram ao chão em Portland. No Reino Unido a estátua do traficante de escravos, Edward Colston, foi destruída em Bristol. Na Bélgica o ativismo anticolonial pôs a pique os monumentos do rei Leopoldo II. No Iraque caiu a estátua de Saddam Hussein. Em 2007, na Estônia o monumento Soldado de Bronze erguido na capital Talin pelos soviéticos para homenagear seus militares acabou transferido para o interior de um cemitério. A última estátua construída em homenagem à Lênin na Finlândia foi retirada de sua destacada posição num parque em setembro de 2022. Ruas da Virgínia e na Bósnia que homenageavam colaboradores nazistas foram renomeadas. Uma cidade belga removeu em 2022 um monumento celebrando soldados lituanos que lutaram ao lado dos soldados alemães na Segunda Guerra Mundial. Em 2021, a estátua de Cecil Rhodes estava sendo ameaçada no Oriel College da Universidade de Oxford por manifestantes que protestavam contra seu papel na expansão do império britânico.

A perseguição aos monumentos malditos continua em andamento.²¹ Também acontece que um mausoléu é erguido numa época com um objetivo, mas é interpretado noutra tempo de forma distinta. Este é o caso clássico da Estátua da Liberdade que visava simplesmente celebrar a amizade entre a França e os Estados Unidos (GLAZER, 2022). É agora símbolo de uma ideia.

Cultura material

O folclore é recurso adicional utilizado para identificar, cultuar e fixar a identidade coletiva na mente das pessoas. O termo foi cunhado por William Thoms (1803-1885), um escritor inglês que mencionou o verbete numa carta endereçada à revista literária *Athenaeum* em 1846. O folclorista se ocupa de coletar e preservar antiguidades variadas, entre elas a história oral de um povo ou comunidade. Por isso mesmo sua atividade é tratada como um ramo da antropologia. Na origem esses investigadores pretendiam catalogar as evidências que mostravam a essência de um povo. Surgiria por decorrência o *The Journal of American Culture*. No Brasil este interesse fez surgir os estudos sobre Folkcomunicação.

Nesta visão as provas de uma identidade coletiva são os artefatos culturais produzidos ao longo do tempo pelos membros de uma comunidade e que são transmitidos de geração em geração. São consideradas coisas vivas porque documentam uma tradição. É o que se chama agora de cultura material (BUCHLI, 2002), um objeto que tem afinidade com a arqueologia e com os estudos sobre tecnologia e sociedade na tradição inaugurada por Harold Innis e Marshall McLuhan²² (RUBLECKI & BARICHELLO, 2013).

O folclore serviu e continua a servir aos propósitos do nacionalismo e do regionalismo. Seu interesse inclui uma variedade de recursos que incluem, por exemplo, a literatura, a música e a arte. Este labor foi feito originalmente por Franz Boas em suas investidas nas comunidades do Ártico e por seus alunos que se espalharam pelo mundo nas expedições que fizeram a comunidades indígenas,

²¹ <https://forward.com/news/462648/-many-monuments-honor-fascists-nazis-and-murderers-of-jews-youll-be/>

²² <https://www.media-ecology.org/>

africanas, na América Central, na Ásia e em lugares isolados da Papua-Guiné e da ilha de Samoa, por exemplo. Este esforço pioneiro fez surgir a antropologia, uma atividade que sofreu para mostrar a que veio e para se consagrar no ambiente acadêmico. Com o passar do tempo seu objeto primordial, a diversidade cultural humana, se consolidou tornando-se uma das principais marcas dos estudos das ciências humanas e sociais da atualidade.

4. LEMBRAR E REPARAR

Lembrar não é fácil e muito esforço é gasto para tornar uma mensagem inesquecível à pessoa. Disso depende a preservação da identidade de um grupo. É o caso do esforço evangelizador da Igreja católica que no passado buscava formar uma Europa cristã unificada e homogênea a despeito dos impérios multiétnicos que se formavam e se diluíam com o passar do tempo.

Algo similar aconteceu com a expansão do Islã. Ele foi obrigado a lutar e a conviver com minorias religiosas e nacionais de todos os tipos. O orgulho grego de Péricles se contrapôs à globalização helenizadora do império alexandrino. Ou seja, apesar do vigor emocional gerado pelo slogan - um povo, um estado - o pluralismo se tornou a marca registrada das sociedades contemporâneas, situação que nem sempre é bem-vinda por todos.

ALESINA et al. (2002) referem 650 grupos étnicos. FEARON (2003), por sua vez, menciona 822 distribuídos em 160 países com uma população equivalente a um por cento dos habitantes do mundo. Já o Banco de Dados do Ethnic Power Relations inclui 800 grupos étnicos (VOGT et al., 2015)¹. Até 1971, o Atlas Etnográfico produzido pela revista *Ethnology* tinha catalogado 1264 culturas. Uma amostra de 563 grupos distribuídos em seis áreas geográficas é descrita no *Atlas of World Cultures*².

Embora o vocábulo etnicidade seja polissêmico ele é usado com frequência para referir a raça e também a nacionalidade e a língua, apesar de existirem grupos distintos que falam o mesmo idioma. O termo inclui também a cultura, ou seja, os costumes e a religião. Raça se refere ao fenótipo, à cor da pele e a outros traços físicos hereditários. Segundo FEARON (2003) estes fatores são mais decisivos à identidade pessoal que os referentes à classe social.

A diversidade cultural dos países do mundo foi calculada em 2013 pelo pesquisador alemão Erkan Gören³. Seu estudo mostra que o Brasil é um dos países culturalmente menos diversos do mundo apesar de ser multiracial. Ele mostra por

¹ <https://icr.ethz.ch/data/epr/core/>

² <https://digital.library.pitt.edu/islandora/object/pitt%3A31735057895496/viewer#page/1/mode/1up>

³ Economic Effects of Domestic and Neighbouring Countries' Cultural Diversity

comparação que a situação é diferente na República dos Camarões que possui 250 grupos nativos que falam 200 idiomas e cultuam diferentes religiões.

As distinções raciais caíram em desgraça em consequência principalmente do uso que o Terceiro Reich fez do termo. O termo é abominado devido ao seu uso político para desqualificar as pessoas, justificar a escravidão e para diferenciar os indivíduos entre superiores e inferiores. No passado a ideologia racial dizia que o fardo do homem branco era administrar a vida dos não-brancos considerados menos desenvolvidos e primitivos.

Em 1790, o fator raça foi incluído no censo nacional dos Estados Unidos, a despeito do fato de que até então era mais importante saber se a pessoa era livre ou escrava. Mais tarde, a partir de 1887, o governo do país começou a considerar o percentual de sangue para definir quem era índio ou não. E as cortes judiciais foram acionadas para definir quem era branco. Desta decisão dependia a concessão da nacionalidade aos estrangeiros chegados ao país.

Franz Boas testemunhou em favor dos armênios que foram acolhidos na categoria da raça branca. Aos japoneses isso foi negado. Foram classificados mongolóides. A confusão se alastrou a outros grupos também. Qualquer neto ou bisneto de negro passou à categoria de mulato. Qualquer pessoa com $\frac{1}{4}$ de descendência negra foi chamada de coloured. O imbróglio atingiu os mexicanos considerados brancos numa época e não-brancos noutra. Os chineses foram classificados de não-brancos, assim como os havaianos, os índios, os filipinos e os coreanos.

Ao fim de sua vida Boas se tornou no paladino da causa antinazista ao contrariar a tese então popular de que a raça era um marcador indiscutível da identidade humana. Como assinalado, este critério se tornara popular no meio científico e acadêmico e passou a orientar as políticas públicas de vários países do mundo, entre eles os Estados Unidos. Neste país o censo de 1890 incluiu os termos quadroon (a pessoa mestiça) e octoroon (1/8 preto) para distinguir as tonalidades da cor da pele. Hexadecaroon referia alguém 1/16 preto e $\frac{3}{4}$ europeu. Noutros lugares se dizia cognato ou mourisco para referir alguém cuja origem era $\frac{3}{4}$ branca e $\frac{1}{4}$ preta. Castizo era a pessoa $\frac{3}{4}$ branca e $\frac{1}{4}$ indígena. Predominava então em

muitos estados norte-americanos as Leis de Jim Crow que implantavam um regime de segregação racial. Uma extensa literatura abordava a prática e justificava o esforço de separar as raças com base na suposição de que havia grupos superiores e grupos inferiores.

Como se sabe dos esforços de Franz Boas e de seus alunos e seguidores como Margareth Mead, Melville Herskovits, Edward Sapir e Ruth Benedict esta qualificação e desqualificação foram desmentidas empiricamente⁴. Esta conclusão foi acolhida com entusiasmo pelo jornal The New York Times que em sua edição dominical de 11 de outubro de 1911 dedicou uma página para apresentar as conclusões do livro "The Mind of Primitive Man" escrito por Boas. Noutra edição publicada em 27 de junho de 1914, o jornal divulgou pequena nota na qual expôs a opinião de Boas em favor do casamento de brancos com japoneses e com outros orientais. Por esta e por outras ideias seus livros juntamente com os de Albert Einstein, Sigmund Freud, Emile Vandervelde, Karl Marx, Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo, Nikolai Lenin e Leon Trostsky foram queimados pelo regime nazista.

O prejuízo racial contra os negros e os judeus perdurou nas ideologias supremacistas favoráveis à eugenia. Divulgou-se também em várias partes do mundo o alerta contra "o perigo amarelo". Este preconceito ajudou o encarceramento de boa parte dos japoneses que viviam nos Estados Unidos no período da Segunda Guerra Mundial.

No passado distante a religião, a classe social e a língua eram fatores identitários considerados mais importantes que a raça. O já mencionado termo bárbaro, por exemplo, foi usado para referir a pessoa gaga, ininteligível e que não falava grego. Os estrangeiros que aprendiam esta língua eram aceitos como cidadãos gregos a despeito de sua aparência física.

Cotas

As cotas reservadas para jovens educados em escolas públicas brasileiras é exemplo de ação afirmativa que visa remediar os abusos cometidos ao longo da

⁴ Ver King (2021)

história contra minorias e em apoio aos desfavorecidos socialmente. Em 2004, o Supremo Tribunal Federal aprovou esta medida tomada pela Universidade de Brasília que reservara 20% das vagas para alunos negros e mulatos. No Senado Federal somente um voto se opôs à nova Lei das Cotas Sociais aprovada em 2012. Ela determinou que as 59 universidades federais do país se adequassem à medida. Tendência oposta acontecia em 2022 nos Estados Unidos onde medida similar aplicada pelas universidades de Harvard e da Carolina do Norte estava sendo fortemente contestada na Suprema Corte americana.

Considera-se hoje que todo e qualquer pessoa atingida por violação aos direitos humanos têm direito à reparação. Isso explica a existência de políticas afirmativas aplicadas não só em favor dos negros como também aos povos nativos de várias regiões do globo. Entre eles estão os aborígenes da Austrália e os maoris da Nova Zelândia.

É fácil perceber que há, portanto, tipos distintos de reparações. Um deles visa compensar o prejuízo causado a uma pessoa plenamente identificada. Outro tipo atende um grupo definido com base em critério econômico, social, cultural, religioso, racial, étnico ou nacional.

No Brasil a forma de resolver a controvérsia sobre os critérios identitários utilizados nas políticas afirmativas do governo foi aceitar a autodefinição da pessoa. Exemplo é o grupo de 33 deputados candidatos à reeleição em 2022 que tinha se declarado branco em 2018 e que mudou a escolha para pardo com o objetivo de melhorar a arrecadação na distribuição de recursos públicos a seus partidos. O candidato derrotado em 2022 ao posto de governador da Bahia, ACM Neto, também modificou sua autoclassificação de branco para pardo. Sua vice, Ana Coelho, mudou sua declaração de parda para branca.

Esta ambiguidade é comum noutros lugares onde cresce o número de pessoas que se enquadram na categoria multirracial. Nos Estados Unidos três em casa dez pessoas de origem asiática, um em quatro latinos e um em cada cinco negros estão casados agora com alguém de um grupo étnico ou racial distinto do seu. Mais de três quartos é com um companheiro branco. Um em cada dez bebês nascidos naquele país crescem numa família racialmente mista. Resulta que muitos jovens se

consideram brancos e membros de uma minoria ao mesmo tempo. Com frequência os familiares de uma pessoa estão distribuídos em grupos distintos. Fica a conclusão de que à medida que a sociedade se fragmenta e se torna culturalmente plural cresce a dificuldade na precisão da caracterização de seus membros.

Mesmo no caso da África do Sul, país no qual se fez um dos mais dramáticos experimentos de controle racial, o que obrigava a autoridade discernir quem era quem, houve situações de indefinição e confusão devido aos critérios utilizados para esta classificação e diferenciação. Exemplo é o caso de 300 japoneses que viviam no país. Foram considerados “brancos honorários” numa deferência ao poder econômico do Japão. Ou seja, essas pessoas podiam andar de ônibus com o status de europeu. Mas não podiam casar com pessoa branca. Nos restaurantes os garçons pensavam que eles fossem chineses e se recusavam a servi-los. Outra história contada pela revista Realidade⁵ diz que dois cearenses chamados de Natalício e Antenor não receberam vistos para irem a África do Sul porque as autoridades consulares pensaram que fossem índios. Eram artistas e trabalhavam com o nome artístico de *Los Indios Tabajaras*. Para evitar este tipo de confusão os negros da África do Sul carregavam uma caderneta com mais de cem páginas com dados de sua vida visando facilitar a identificação.

A comparação entre os achados dos censos norte-americanos realizados em 2000 e 2010 mostram que neste período de tempo 6.1% dos respondentes (9.8 milhões de pessoas) modificaram sua escolha racial ou étnica. A escolha por duas identidades foi mais comum entre os indígenas, os nativos da Alaska, do Hawai, das populações das ilhas americanas do Pacífico e dos hispanos (LIEBLER et al., 2017).

Resulta dos desencontros verificados nas interações de interlocutores pertencentes a grupos distintos o surgimento do campo de estudos sobre comunicação intercultural. Ele se desenvolveu em consequência da evidência histórica da brutal incitação dos nazistas contra alvos étnicos e raciais como são os casos dos judeus e dos ciganos, entre outras vítimas. Esses fatos tornaram urgente a necessidade de se encontrar paliativos à hostilidade étnica, racial, política, cultural e religiosa.

⁵ Revista Realidade, n. 54, p. 64, 1970

Tais estudos se desenvolveram também em virtude da tensão causada pelos encontros internacionais entre pessoas de origens nacionais e culturais distintas. Isso significa dizer que o entendimento mútuo surge no caso em que esforço é feito de forma honesta entre os interlocutores para moderar suas idiossincrasias e compartilhar valores. Isso implica na escolha adequada da linguagem e da comunicação não verbal, entre outros fatores (HECHT, WARREN & KRIEGER, 2005; HANGARTNER et al., 2021).

O objetivo desses estudos é aplicado, pois visa melhorar o que agora é denominado de competência intercultural das pessoas (HOA, 2019). Esta qualidade é considerada um requisito decisivo às iniciativas favoráveis à comunicação para a paz. Tal habilidade demanda o controle do etnocentrismo e a sanitização da linguagem, por exemplo. Isso significa dizer que expressões pejorativas devem ser ou eliminadas do discurso ou positivadas.

Exemplo é *indiada* e o uso de *judiar* para significar *maltratar alguém*. Outro caso é o uso maligno do verbete *negro*. Exemplos são lista negra, peste negra, dia negro, magia negra, câmbio negro, mercado negro, ovelha negra e humor negro. A cor preta, ao contrário, refere na linguagem cotidiana coisas boas. Exemplos são feijão preto, café preto e nota preta. Esforço realizado por vários movimentos sociais em favor da negritude despojou o termo *negro* do referido significado malévolo. Isso significa dizer que o tema em pauta não é semântico, mas pragmático. Diz respeito ao uso social da linguagem. Dito de outra maneira, o problema não são as palavras, mas o contexto do discurso e a intenção dos falantes.

Embora esta prática do uso da linguagem politicamente correta desagrade muitos por censurar a livre expressão do pensamento ela é utilizada porque seu efeito político é desejado por quem deseja evitar o conflito identitário. O resultado desse esforço de engenharia linguística é considerado um traço de civilidade necessário à convivência social humanizada. Ela se contrapõe à linguagem do ódio que utiliza estereótipos e anima preconceitos sociais e individuais⁶. Eles resultam dos esquemas mentais que estruturam o pensamento e permitem classificar a realidade em categorias cognitivas pré-estabelecidas.

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=GxYimeaoea0&t=1637s>

Em virtude das colisões que acontecem entre os grupos 60% das pessoas no mundo pensam que é necessário mudar o vocabulário impróprio utilizado nas interações sociais. No Brasil este indicador é de 70%.⁷ Vários atores políticos e sociais do país passaram a exigir também uma política de comunicação inclusiva na teledramaturgia. Apesar dessa demanda alguns programas de humor continuaram a se valer na TV de personagens caricaturais. Chico Anísio, por exemplo, se consagrou ao criar figuras deste tipo. Algumas delas acabaram reunidas em sua popular Escolinha do Professor Raimundo. Cada aluno funcionava como protótipo de um segmento da população brasileira – o imigrante, o favelado, a mulher sexy, o homem sarado e o índio, entre outros. Jô Soares, por sua vez, popularizou o personagem Capitão Gay, o Defensor das Minorias. Este tratamento satírico das identidades humanas se enquadra no que é chamado de efeito bumerangue. Há muitas evidências que mostram que o esforço rumo ao consenso faz aumentar a controvérsia e o fortalecimento da posição adversa. A reação é explicada como um ato de rebeldia e de contestação à linguagem politicamente correta. Exemplo disso⁸ foi a campanha divulgada em 2022 através de anúncios publicitários promovidos por militantes do Partido Republicano norte-americano nos estados de Wisconsin e Novo Mexico nos quais os negros foram descritos como “diferentes” e “perigosos”. Essas mensagens ecoam o ressentimento de alguns brancos e se parecem aos discursos que noutros países hostilizam os imigrantes.

A França tenta ignorar o tema. A palavra raça foi abolida dos documentos oficiais por ser considerado um termo inócuo. Mesmo assim ele continua sendo aplicado na prosa do dia a dia para referir traços hereditários que se confundem com atributos sociais e psicológicos. Ou seja, a posição crítica faz uma distinção entre o fato biológico da hereditariedade e o racismo⁹.

Este país se define como república secular e por isso proíbe os levantamentos sobre a distribuição étnica, racial e religiosa de sua população. Alega-se que tal posição deriva do trauma vivenciado pelos franceses no regime de Vichi. Como se sabe da história, este governo apoiou a política nazista de perseguição aos judeus.

⁷ Political correctness. Ipsos. Inquérito realizado entre 23/12/2020 e 08/01/2021.

⁸ 25 de outubro de 2022.

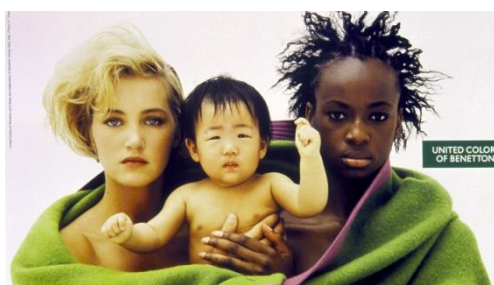
⁹ <https://www.britannica.com/topic/race-human/The-decline-of-race-in-science>

Políticas afirmativas também são desconsideradas com o argumento de que elas são discriminatórias.

A classificação racial dos grupos humanos foi abandonada igualmente noutros vários países europeus devido às más recordações da experiência colonial. Vários povos foram então subjugados, perseguidos e discriminados. São os casos dos Herero e Nama da atual Namíbia, por exemplo. O termo raça é polêmico igualmente na Austrália (FOZDAR, 2022).

Shockvertising

O marketing identitário utiliza modelos que tipificam minorias. Exemplos são as campanhas publicitárias realizadas por empresas como American Apparel, H&M, Makeup Forever, Adidas e J.C.Penney¹⁰. Os anúncios que vinculam a marca Benetton tornaram-se célebres em todo o mundo ao tratarem do tema racial e étnico de uma forma surpreendente, algo que acabou sendo chamado de shockvertising (ADISOVA, 2021).



A comédia é recurso adicional que permite tratar deste tema de forma branda. O egípcio Khaled Khalafallah faz isso ao brincar com a dificuldade que os ocidentais têm em pronunciar seu nome e com os estereótipos ocidentais que abominam os árabes. Russel Peters, um humorista nascido no Canadá de descendência hindu, faz piadas étnicas. A identidade grupal é objeto das apresentações do comediante Samson Kolekar, um judeu hindu de Mumbai pertencente ao grupo Bnei-Israel

¹⁰ https://www.youtube.com/watch?v=qGj_E6iO9uI

(WAINBERG, 2017). No Brasil, o grupo Portal dos Fundos foi acusado de gordofobia devido ao conteúdo de suas sátiras.

Isso significa dizer que a imagem que alguém constrói dos outros e a visão de mundo cultivada pelos sujeitos é feita não só através da experiência individual como também através do discurso e da comunicação simbólica em geral. O que se diz e o que se repete publicamente de várias maneiras tem um impacto cognitivo e afetivo coletivo. Este resultado explica a existência da indústria da identidade constituída por profissionais de diferentes áreas que se ocupam da administração da reputação de seus clientes. É o caso também dos que produzem uma identidade visual às corporações e aos seus produtos. Estas atividades incluem as relações públicas, a publicidade, o marketing, o branding, o design de produtos, os cosméticos, a moda e as artes gráficas.

A multiplicidade de identidades individuais fez com que a mídia contemporânea abandonasse gradualmente o conceito de comunicação de massa. A ideia de segmentação floresceu aos poucos. Nos Estados Unidos, ainda em 1905, surgiu o cinema negro chamado então de race films. Desde então as revistas dirigidas a públicos específicos se multiplicaram assim como os canais de televisão a cabo. O mesmo aconteceu na produção radiofônica e na oferta streaming. Canais étnicos podem ser assistidos numa variedade de países. E a imprensa comunitária atende uma infinidade de grupos em várias partes do mundo. Exemplo antigo é o jornal *The Forward* fundado em 1897.

Narrativas

As correntes e os movimentos reformistas das religiões tradicionais, como é o caso no catolicismo do Pfarrer-Initiative da Áustria, atenderam à demanda social em favor das minorias com políticas flexíveis de acolhimento. Esta atitude tem sido adotada apesar do conflito e das cisões que tal liberalidade teológica provoca entre os fiéis. Esse tipo de mal-estar aconteceu na Igreja Anglicana¹¹. O Papa Francisco

¹¹<https://www.theguardian.com/world/2022/jul/26/justin-welby-forced-to-allow-anglican-bishops-to-reject-statement-on-sexuality>

também fez declarações amenas sobre o tema da identidade sexual¹² fato que enfureceu a corrente conservadora da Igreja¹³ que se rebela às transformações produzidas pelo Concílio Vaticano II¹⁴.

Por vezes as identidades são desacreditadas por fontes que ridicularizam as demandas particularistas. Dizem que elas são irrelevantes, pois se baseiam em narrativas fictícias e mitológicas. O folclore que celebra tais histórias é por isso chamado ironicamente de *fakelore* (DORSON, 1977; p.4). É o caso exemplar do tradicionalismo do Rio Grande do Sul que absorveu traços da cultura pampeana e transformou um assaltante de gado no herói agora glorificado nos CTGs (Centro de Tradições Gaúchas). Fomentou também a corrente separatista que alimenta o desejo de fazer renascer a república farroupilha do Piratini. Outro exemplo ainda de *fakelore* é a data de *thanksgiving* denunciada pela revista *The New Yorker*¹⁵.

Verifica-se que esse tipo de história que funda e sustenta a identidade de uma comunidade adquire vigor com o passar do tempo. Ela se transforma na verdade subjetiva das pessoas, algo que incomoda os mais arredios que se esforçam em desconstruí-la.

A difusão de tais lendas e alegorias que eram feitas através da interação oral nos encontros tribais é realizada agora através da educação escolar e da mídia. O que esses meios divulgam estabelece o alicerce simbólico da comunidade. Isso explica as lutas políticas travadas entre atores diversos sobre o que se diz nesses meios sobre a realidade presente e a passada. É o que se observa, por exemplo, na voz dos revisionistas e também no reclame de grupos minoritários¹⁶ que exigem sua incorporação e presença na narrativa de senso comum.

Unidade política tem sido ambição estratégica do estado brasileiro que desde o tempo de Getúlio Vargas se preocupa em animar o imaginário coletivo nacional com motivos simbólicos deste tipo capazes de afastar a tentação do regionalismo. Isso explica o suplício sofrido por Allyrio Meira Wanderley, autor de *As Bases do*

¹² <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/apoie-seus-filhos-caso-eles-sejam-gays-diz-o-papa-francisco-aos-pais/#:~:text=O%20Papa%20Francisco%20disse%20nesto20filhos>.

¹³ <https://www.theguardian.com/world/2014/oct/18/catholic-bishops-backtrack-on-gay-welcome>

¹⁴ Opinion | How Catholics Became Prisoners of Vatican II - *The New York Times* (nytimes.com)

¹⁵ <https://www.newyorker.com/magazine/2019/11/25/the-invention-of-thanksgiving>

¹⁶ <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2021/06/estebanico-first-africans-618714/>

Separatismo publicado em 1935. Considerado um dos principais porta-vozes críticos à forma através da qual se constituiu a federação brasileira acabou processado pelo regime varguista por difundir esta mensagem no exato momento em que o regime se esforçava em criar uma indústria cultural no país cuja missão era a de criar um imaginário verde-amarelo (BONAMIM, 2011). Naquela época o governo tomara medidas para conter a exaltação de símbolos que não fossem os da federação.

É visível este tipo de esforço que se faz em vários lugares para fortalecer a identidade nacional através de iniciativas que incluem a educação cívica e a difusão cultural. A solidariedade interna entre os grupos de uma sociedade é condição à sua estabilidade política. Isso depende do sentimento de pertença que cresce à medida que os indivíduos se sentem irmanados em torno de um propósito comum e de elos simbólicos como a língua e a tradição. Este processo de mobilização social exige certo grau de intervenção dos policy-makers. Os atores formulam políticas capazes de forjar uma fronteira subjetiva. Benedict Anderson (1983) e Hobsbawn & Ranger (1983) popularizaram a propósito deste tema os conceitos *comunidades imaginadas* e *tradição inventada*. O ideal nacionalista ressurgiu na política de vários estados europeus que no século XXI se sentem acossados pela chegada massiva de estrangeiros e pela dificuldade sentida na absorção de grupos arredios à acomodação cultural e religiosa.

Impacto

Embora o termo *nation building* seja utilizado para descrever a intervenção de uma força estrangeira em certo território com o objetivo de reconstruir suas instituições¹⁷ o termo é aplicado aqui à maneira que faz Wimmer (2018). Trata-se de esforço que visa oferecer à população estímulos capazes de solidificar a percepção de que cada pessoa integra uma comunidade maior. Isso significa dizer que a missão da política cultural é permanente e que seu objetivo estratégico é formular marcadores simbólicos de relativo impacto coletivo. Quando isso não acontece cresce a tendência à desagregação.

¹⁷ https://www.rand.org/pubs/research_briefs/RB9241.html

O ranking do Fragile States Index¹⁸ mostrava em 2022 que os 10 estados mais frágeis do mundo eram, por ordem decrescente, Iêmen, Somália, Síria, Sudão do Sul, República Centro Africana, República Democrática do Congo, Sudão, Afeganistão, Chad e Mianmar. Entre os 179 países listados o Brasil estava na posição 71 decaindo da posição 101 que mantinha em 2006.¹⁹ A Finlândia foi considerada o país mais estável do mundo. A ameaça à coesão interna de uma sociedade é moderada com o arrefecimento das disputas políticas, com o desenvolvimento de uma indústria cultural e de uma mídia nacional, entre outros fatores.

Crises profundas e dramáticas tem o poder de alterar o crençário divulgado ao longo do tempo pela cultura estabelecida. Em tais momentos excepcionais há demanda por novas histórias. Ocorrências traumáticas similares à escravidão provocam emoções dissonantes (MOHATT, 2014). Elas autorizam e motivam as pessoas a modificarem o padrão moral e comportamental consolidado pela inércia. Em alguns casos o desequilíbrio atinge a pessoa. Noutras a vítima é a comunidade. Às vezes alcança um povo e a humanidade. Nesses momentos de instabilidade valores tradicionais são descartados. O drama cria a crise de significado e obriga a ação retificadora. Este é o berço potencial das novas identidades coletivas, as que perduram no tempo e através das gerações (HIRSCHBERGER, 2018).

Com frequência as identidades humanas são ancoradas em referências simbólicas que motivam peregrinações massivas (HOLLANDER, 2009). São os casos célebres de Meca, de Roma, da cidade italiana de Assis, de Santiago de Compostela na Espanha e de Jerusalém. Tais jornadas assumem um caráter místico que inebria o sujeito (FAHEY, 2002). É o caso também das localidades que acolhem e animam o espírito dos expatriados e de seus filhos nascidos no estrangeiro. Isso acontece no interior das diásporas portuguesa, italiana, polonesa, ucraniana e taiwanesa, entre outras.

A indústria turística consolidou rotas capazes de oferecer às pessoas o desfrute emocional desejado aos que buscam alimentar essas raízes (COHEN, 1992). Neste caso, o destino tem que ser capaz de preencher a lacuna do self do visitante.

¹⁸ <https://fragilestatesindex.org/2022/07/13/fragile-states-index-2022-annual-report/>

¹⁹ <https://fragilestatesindex.org/2022/07/08/brazil-distrust-and-fragmentation/>

Isso implica na visitação a localidades, mausoléus, museus, prédios e castelos, campos de batalha, túmulos e cemitérios, entre outros lugares com poder magnético. Esta lista de destinos é infinita porque ela depende do tipo de pessoa e de sua necessidade. A investida cumpre um papel (HEATHER et al., 2014) que inclui a recordação, o ritual, a celebração e o sagrado. Estes fatores fazem parte também dos cultos identitários que acontecem nos festivais folclóricos, nas disputas esportivas, nas paradas cívicas e na devoção das pessoas aos seus heróis vivos e falecidos.

Exemplo é o Panteão da Pátria que celebrava em 2020 a figura de 44 personalidades brasileiras. Esta lista oficial incluía, entre outros, Euclides da Cunha, Marechal Rondon, Joaquim Nabuco, Heitor Villa Lobos, Getúlio Vargas, Hipólito da Costa, Sepé Tiaraju, Marechal Osório, Santos Dumont, Dom Pedro I e Zumbi dos Palmares.

O turismo se tornou um meio que facilitou os contatos interculturais e a compreensão da pré-dica em favor do cosmopolitismo e do pós-nacionalismo. Sua principal atração é a diferença e o contato do viajante com ela se dá em condições de controle. Isso significa dizer que sua aproximação com o estranho ocorre de forma cautelosa. Mesmo assim as narrativas de retorno do turista estão impregnadas de impressões sobre hábitos e costumes até então desconhecidos. Dessa maneira o etnocentrismo é moderado e um grau razoável de fascínio e interesse pela diversidade acontece. Apesar de ser superficial tal aprendizado permanece vivo e intenso por um tempo tornando-se depois uma amena recordação que ajuda e torna o sujeito mais tolerante aos estrangeiros.

Este encontro impacta a ambos, os nativos e os excursionistas. Tal efeito às vezes é temido por desafiar a imagem que essas pessoas têm de si e dos outros. Por isso mesmo, em alguns casos, o controle fronteiriço é intenso e as condições da experiência são mais limitadas e vigiadas de perto pela autoridade. Embora o isolamento às influências culturais seja hoje uma prática difícil ela é tentada como nos casos de Butão e da Coréia do Norte. Outros exemplos de países relativamente isolados são Somália, Myanmar, Madagascar, Burundi, Congo, Níger e Timor Leste. Era o que acontecia também na China visitada no passado por expedicionários e exploradores.

De uma forma geral regimes autoritários desejam impedir o choque cultural, algo que acontece não só com o visitante, mas também com o visitado. A prática do turismo implica em comparação constante de si com os outros. O resultado nem sempre é benéfico, pois o olhar do turista é afiado. Ele vê os detalhes que os hóspedes já não enxergam. Esses, por sua vez, ao verem os estrangeiros passarem a sua frente começam a pensar no que pensavam e a fazer perguntas que não faziam. Este impacto pode ser transformador o que explica a desconfiança de muitos com o poder subversivo deste tipo de experiência. Ela lembra o que fazem os etnógrafos em suas imersões em terras estranhas e a fobia que afasta alguns das viagens e aventuras por terras desconhecidas. Outros, como missionários, colonizadores e exploradores, em vez de converterem acabam convertidos. Sua identidade pessoal ao se adaptar ao novo ambiente se transforma. Decorre que muitos viajantes voltam ao lar onde se sentem estrangeiros por um tempo.

5. O PAPEL DAS EMOÇÕES

A politização das identidades é ocorrência relevante porque a emoção acalentada pela pessoa e pelos grupos é uma informação que permite antecipar seus comportamentos futuros. Isso explica o esforço que muitos fazem para controlar e mobilizar os sentimentos dos outros. Esta também é uma das missões da educação e da propaganda. É o que se pretende igualmente com a publicidade, algo que interessa igualmente as organizações sejam elas comerciais ou não.

A relação entre a identidade da pessoa e as emoções é tema que constitui uma larga literatura. Ela trata principalmente da forma como o sujeito se enxerga ao exercer certo papel numa determinada situação e como os observadores percebem seu desempenho. Quando há equivalência entre as duas visões emerge na pessoa um sentimento positivo de agrado e de satisfação. Ela pensa que os demais que a observam concordam com sua autodefinição. A emoção é negativa quando há incongruência (McCall and Simmons 1978) entre o que a pessoa pensa de si e como os outros o vêem.

Como mencionado anteriormente os indivíduos administram suas vidas ativando diferentes identidades de acordo com as necessidades impostas por cada situação que enfrentam. Eles se esforçam para se adequar e atuar de forma compatível ao padrão convencionado para a posição social que assumem.

Ou seja, na interpretação de um papel a identidade individual acionada resulta do tipo de estímulo que o sujeito recebe do ambiente. Segundo esta descrição interacionista ela se torna mais saliente à medida que a identidade escolhida se torna mais relevante à pessoa. Por ser a preferida ela se mantém firme ao longo das mudanças que o sujeito enfrenta. Assim, numa escala hierárquica certos traços do self se destacam e tendem a ser utilizados com mais frequência ao contrário do que acontece com sinais menos relevantes e centrais. A pessoa assume então um compromisso com a identidade proeminente. É assim que ela quer ser vista pelos demais. Este fator une os afins e surgem os grupos.

Em alguns casos a identidade pode ser saliente e proeminente. Noutras oportunidades ela pode ser saliente embora não seja importante. Dito de outra maneira, o sujeito mantém firme certa identidade porque ela corresponde ao padrão

aceito socialmente. Ela media a relação do sujeito com o meio. No caso de haver dissonância a pessoa é forçada a agir de maneira artificial e desonesta. Neste caso suas atitudes são uma farsa. Acaba que não ser sendo é suportável por um tempo, mas não para sempre já que o desempenho falso implica em sofrimento.

As emoções dependem, portanto da saliência da identidade assumida, do compromisso da pessoa com ela e da reação que o sujeito recebe do ambiente sobre o seu desempenho social. Os sentimentos positivos que surgem nessa relação fortalecem as identidades salientes. As emoções negativas as enfraquecem (STETS & TRETTEVIK, 2014).

Outra corrente examina a maneira através da qual a estrutura social influencia a identidade individual ao gerar no sujeito emoções persistentes. Fatores considerados são, por exemplo, status social, raça e gênero. Este tema interacional implica na análise da posição social do ator. Dela depende sua capacidade de administrar recursos simbólicos que sustentam ou não seu status (STETS, 2004; BURKE, 2008). É forte a tendência de as pessoas defenderem suas identidades de ameaças externas, as que são capazes de gerar ansiedade, medo e raiva. Entre elas estão a desinformação e a mentira e as mensagens que desafiam as crenças individuais e grupais (WISCHNEWAKI & KRAMER, 2021).

Embora seja difícil e doloroso o fato é que os sujeitos mudam em consequência do contexto em que estão inseridos, de suas experiências pessoais e de vários motivos subjetivos. Esta alteração é lenta como mostram as difíceis intervenções terapêuticas (BARNETT et al., 2021). As pessoas preferem a estabilidade. Elas se adaptam com vagar às mudanças do ambiente. Verificam então o que são e observam em que medida seu perfil se adequa ao padrão. A verificação é uma medida de controle aplicada pela sociedade que demanda conformidade. Como dito, o stress aparece quando há discrepância entre o que ela é e o que dela se espera (BURKE, 2006).

Embora a constituição de bandos seja conhecida pela adesão voluntária das pessoas que desejam companhia esta regra não equivale à mudança de valores necessariamente. Muitos suportam pagar um preço em respeito ao ser o que são. A conformidade nem sempre traz felicidade. Satisfazer os outros nem sempre é

agradar a si. Muitos preferem manter-se à distância evitando grupos que não satisfazem suas aspirações e desejos (MURTAGH et al., 2012). A mudança de aliança com confrades implica em considerar outros referenciais e abandonar pelo menos em alguma medida os originais. A consequência é ingressar em novos aglomerados observados até então com desconfiança.

Surgem então novas fidelidades, um tema que é psicológico e existencial, mas que em muitas situações tem repercussão política e social. Este é o caso da aculturação dos expatriados (AMIOT et al., 2015). A imersão do sujeito em campo estranho produz um sofrido processo de transformação.

Na sua dinâmica os grupos também mudam e o que era até então confortável aos seus membros deixa de sê-lo para alguns. Torna-se então mais importante a liberdade e o respeito a si. A perda da identidade original lhe soa inadmissível. Esta característica é marcante nas sociedades que valorizam o individualismo e o comportamento autônomo dos sujeitos. É isso que explica os estilos de vida alternativos e a rebeldia, por exemplo.

Pode acontecer também que a aparência do sujeito mude, embora ele seja o mesmo de sempre. Nesse caso a pessoa atua socialmente sob disfarce. É o que se observa facilmente no Instagram, no Tik Tok, no Facebook, na imprensa rosa e noutras plataformas da fama dedicadas a cultivar a figuração das celebridades e de outras personalidades.

Nas interações se espera que a imagem cultivada pelos interlocutores seja fiel a suas identidades. Sabe-se, no entanto, que este nem sempre é o caso. O que a pessoa projeta pode se distinguir de seus valores e crenças, fatores que fazem parte da essência e da autenticidade de um indivíduo. O grau de artificialidade varia em intensidade e no tempo. A falta de transparência é admitida mais facilmente no desempenho dos papéis sociais embora ela seja um obstáculo à intimidade dos pares e às relações fraternas autênticas.

Ou seja, a imagem equivale à ideia de *personal branding*. Subjaz a ideia de que este resultado implica em manipulação simbólica. Ela visa, ao mesmo tempo, esconder certos aspectos da identidade pessoal e realçar outros capazes de tornar as interações do sujeito fluídas e bem-sucedidas. É o que acontece também com

outros atores interessados no sucesso de suas relações, sejam elas comerciais ou políticas, por exemplo. Nestes casos a imagem construída é administrada por relações públicas, marketeiros e outros profissionais cuja missão é moldar a percepção pública e gerenciar a reputação de seus clientes. É o que faz também a diplomacia ao utilizar o que agora se denomina de *soft power* na promoção internacional da imagem de um país.

Em todos estes casos o que está em jogo são as emoções implicadas na modulação das mensagens e na sua recepção. Isso vale também para as marcas comerciais e para atores jurídicos como empresas, corporações e países. Eles acabam sendo antropomorfizados e amados como amigos ou odiados como inimigos.

Sociabilidade

O dito até aqui fez referência a duas contribuições principalmente. O papel da psicologia é desenvolver a formação e o desenvolvimento do self do indivíduo. Já os interesses da Teoria da Identidade Social (HOGG, ABRAMS & HINKLE, 2004) são as relações que os grupos sociais mantêm entre si (TAJFEL, 1982). Esta é uma perspectiva que trata da política identitária.

No segundo aporte subjaz o papel exercido pela cultura na sociabilidade humana. Este é um termo complexo que admite pelo menos 161 definições (KROEBER, 2018). A palavra cultura refere valores, memórias, religião, histórias, línguas, crenças, hábitos, normas e costumes. A educação coletiva e as influências recíprocas criam, animam e eventualmente modificam seus fundamentos. Elas são produzidas pela mídia, pelos grupos de convivência e afinidade, pelas escolas, pelas igrejas e por outras inúmeras instituições e atores. Resulta que a cultura funciona como um filtro perceptivo que faz com que diferentes pessoas entendam a realidade de maneiras distintas. Este fato lhes autoriza comportamentos diferenciados frente a um mesmo desafio.

Embora seja marcante a influência da materialidade na dinâmica da vida social, algo que foi enfatizado pela teoria marxista, chama a atenção o desprestígio

que o tema cultural colheu nesta corrente de pensamento. Várias gerações de intérpretes foram condicionadas a considera-lo dependente da vida econômica e dos interesses de classe. Nessa tradição crítica a subjetividade, a mentalidade, os valores humanos e as trocas simbólicas não foram tratadas como elementos autônomos capazes de gerar transformações sociais. A posição determinista do marxismo foi moderada pela intervenção tardia dos pensadores filiados à Escola de Frankfurt e aos estudos culturais iniciados na Inglaterra a partir da década de 1960. Entre eles estão, por exemplo, Raymond Williams, E. P. Thompson e Stuart Hall. Predecessor desse enquadramento agora chamado de Marxismo Cultural é Antonio Gramsci.

A identidade cultural nomina, portanto, a autoimagem da pessoa e o estilo de vida cultivado por uma comunidade. Resulta que este tema deslocou a luta de classes como objeto prioritário da atenção de diversas áreas de investigação (ALEXANDER, 1988; ANHEIER, 2020; HARRISON & HUNTINGTON, 2001).

O tema da influência cultural no comportamento humano assumiu destaque na atualidade. Ao contrário do esperado com as influências recíprocas intensas que surgiram com a globalização o que se observa em vários lugares do mundo é que o arrefecimento do etnocentrismo não diminuiu. Ele continua sendo a fortaleza simbólica onde uma parte significativa dos sujeitos se refugia. Isso significa dizer que a vizinhança continua a ser fator relevante à formação das identidades.

Deriva a conclusão de que os desenraizados e os hifenizados têm maior dificuldade em precisar seu endereço simbólico. Este é o caso no qual o indivíduo tem que manejar várias identidades simultaneamente, às vezes por um período curto de tempo e às vezes para sempre. Os contatos produzem um nível de aculturação com consequência mais severa nos mais frágeis e desprotegidos. É o que acontece, por exemplo, no Brasil com os indígenas e no Canadá com os aborígenes. A consequência é que a maneira através da qual esses grupos minoritários se definem e se enxergam perde nitidez.

Ou seja, a identidade cultural é dinâmica¹. Ela se impõe aos membros de um grupo, ela se modifica e por vezes a pessoa a descarta. Tal decisão depende de uma

¹ <https://plato.stanford.edu/entries/identity-time/>

série de fatores sendo o grau de estranheza do indivíduo aos seus fundamentos algo decisivo. A autoimagem torna-se assim incompatível ao que lhe é legado pela tradição familiar, étnica e religiosa, entre outras. É o que acontece com inúmeras minorias e filhos e netos de imigrantes, por exemplo.

Este processo de aculturação se diferencia da conversão e das reconversões, atos que simbolizam a modificação das crenças que sustentam a identidade do sujeito. O deixar-de-ser e o voltar-a-ser resultam de um complexo processo subjetivo no qual a pessoa modifica valores e comportamentos, referenciais simbólicos, alianças e grupos de afinidade.

Resulta que a visão interessada na pacificação social sugere (1) a despolitização das identidades, (2) o combate e a eliminação dos discursos de ódio divulgados no espaço público e (3) e a moderação da exaltação impertinente de si (egocentrismo e chauvinismo). Neste esforço de acomodação das diferenças (4) os estereótipos recíprocos precisam ser quebrados de alguma maneira. (5) A educação aos valores universais é vista como estímulo à cooperação mútua (KINNIER et al., 2000).

A fórmula pacificadora sugere ainda (6) o estímulo ao desejo das pessoas romperem as fronteiras dos grupos de referência nos quais elas se refugiam. A expressão a força dos laços fracos que surgiu no âmbito da teoria das redes² refere esta qualidade das relações interpessoais mantidas mesmo que esporadicamente com um estranho (PEIXOTO & EGREJA, 2012). Termo similar nas relações internacionais é multilateralismo.

Uma primeira tentativa feita na direção da proteção das identidades individuais foi a promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948. Ela contou com o apoio de 48 estados signatários a despeito da dissidência ideológica e religiosa que logo apareceu com a oposição de seis países comunistas liderados pela União Soviética, a África do Sul e a Arábia Saudita.

Este é um tema controverso antigo cujo desfecho está longe de acontecer. O relativismo cultural e o historicismo que tanto desgosto causaram a autores como Karl Popper e Leo Strauss amparam hoje a posição dos céticos. Eles reagem à

² <https://turismoadministracaoehospitalidade.files.wordpress.com/2014/10/1973.pdf>

ambição universal dos valores iluministas – a razão e a objetividade científica entre eles. Nessa posição adversa não há natureza humana, somente indivíduos. E nada transcende a circunstância – o contexto, a cultura e a civilização.

Esta é a posição dos autores alinhados à corrente pós-colonial que recusam a predominância dos padrões culturais do Ocidente (LU, 1988). Este argumento diz que há rotas alternativas rumo ao desenvolvimento. Sinal disso é a ojeriza ao difusionismo que a partir dos anos 50, principalmente, divulgava em várias partes do mundo técnicas modernas de produção e o espírito do capitalismo.

A modernização era vista então como um processo que deveria ser aplicada em todos os países a despeito das diferenças culturais. Eles deveriam superar o atraso adotando um estilo de vida marcado pela introdução de novas tecnologias, do secularismo e da educação massiva. Isso significava dizer que a homogeneização dos hábitos, dos costumes e dos valores era requisito ao progresso. As tradições religiosas e seus imperativos morais restritivos eram nessa visão fortemente condenadas. Resulta que os povos da Ásia, da África e da América Latina deveriam imitar o estilo de vida das sociedades dos países capitalistas desenvolvidos. Tal visão afirmava, portanto, um ponto de vista evolucionista (BLACK, 1966). Os povos estavam condenados a passar de um estágio ao outro rumo à sociedade liberal.

A tese foi amplamente difundida por uma série de autores que a popularizaram nos ambientes políticos e acadêmicos. Deriva o argumento de que à medida que o PIB aumenta maior é a probabilidade do surgimento e da consolidação da democracia (EPSTEIN et al., 2006). Esta formulação animou o confronto que se verificava entre o liberalismo político e outras doutrinas políticas, em especial, as acalentadas pela ambição nacionalista dos países recém-libertos do colonialismo. Em sua reação eles foram ajudados por autores que acusavam os valores do capitalismo internacional de destruir as culturas nativas.

Este sentimento de rebeldia cresceu em várias partes do mundo, no Brasil e na América Latina inclusive. Tal oposição se explica pela ambição localista que realçava ora o indegenismo, ora o confucionismo e ora o islamismo como fontes primárias do DNA cultural dos povos. O modelo chinês foi afirmado nesta época (WEI,

2008). A palavra de ordem tornou-se então resistir. A vigilância cultural aumentou até que fosse derrubada pela nova ordem neoliberal.

O modelo chavista que apelou na Venezuela a partir de 1998 à mística de Símon Bolívar é marcador tardio dessa tendência protecionista. Resistir passou a ser também o grito de grupos minoritários e diaspóricos que afirmam e fortalecem suas identidades através da comunicação digital (MARWICK, 2012).

O cientista político Samuel P. Huntington realçou essa posição com sua formulação sobre o choque das civilizações. Desde a publicação em 1993 de seu artigo original sobre o tema na revista *Foreign Affairs* a tese ganhou popularidade. Ela afirma que as identidades culturais são a causa principal dos conflitos contemporâneos.

Este enquadramento foi antecipado por autores como Albert Camus e Bernard Lewis (BELL, 2002, ROSTBOLL, 2010). A nova tendência vem ao encontro das vozes que afirmam o valor da singularidade. O tratamento empírico dessa problemática está sendo realizado por autores que se nutrem dos dados coletados pelo *World Values Survey (WVS)*³. Eles mostram que os povos se distinguem num continuum que vai dos mais tradicionais aos mais seculares. Nos primeiros a religião ocupa um papel central. Por decorrência, neste tipo de sociedade conservadora são cultuados valores como o nacionalismo e o coletivismo, o respeito à autoridade, a rejeição do divórcio, do aborto, da eutanásia e do suicídio assistido. Os mais seculares são descritos como pós-materialistas. Esta sociedade é individualista. Apóia a diversidade, a participação cívica e favorece o ambientalismo.

O tema dos valores universais é, portanto controverso com longa história de debates inconclusos. Um ponto de vista afirma que o relativismo cultural ou social é a única maneira possível de se combater o pernicioso etnocentrismo (MARTÍN, 2009; p. 112). Francis Boas diz a propósito que fenômenos iguais não têm as mesmas causas o que impede a comparação dos grupos humanos. Ele considera os fatos que se relacionam para constituir uma identidade étnica singular. Isso explica o nome de batismo deste campo - a etnologia, e de sua metodologia, a observação participante

³ <https://www.worldvaluessurvey.org/wvs.jsp>

(a etnografia). Sua ambição é potente – o analista deve se libertar das imagens e dos preconceitos que acalenta para poder mergulhar e assumir a vida do outro.

Resulta que a pós-modernidade é a aplicação do relativismo cultural e/ou histórico à filosofia. Entre a natureza física (nature) e a cultura (nurture) a antropologia optou pela segunda alternativa. Nessa formulação não existe uma ciência social do ser humano, mas dos seres humanos.

Ideologia e Tradição

Mudar de ideia é difícil. Nos casos mais dramáticos surge o arrependimento. Decorre o sentimento de luto pelo sonho que se revelou uma ilusão e uma perda de tempo. Às vezes aparece a raiva, a emoção que explica porque muitos conversos militam contra a antiga crença. Este tipo de engano é menos frequente com o que já se sabe. Este é o conforto que as ideias conservadoras oferecem às pessoas. Tal tendência é cautelosa, pois ensina a modéstia de seguir os passos dos já falecidos, mas vivos na memória e nos livros.

O que move os sujeitos ao futuro é o que lhes falta. Resulta que a política não é atividade que surge de um cálculo frio do tipo que as máquinas e os algoritmos fazem hoje em dia. A pessoa escolhe, luta e às vezes morre porque tem fé. Aposta no que acredita pagando às vezes um alto preço por isso. A política é a religião de todos, já que não há descrentes entre os vivos. É o que se vê em vários lugares, na web inclusive. Religião e política são temas delicados, o que justifica a cautela recomendada na conhecida expressão latina 'De gustibus non est disputandum'⁴.

É no momento da incerteza que os pregadores da boa nova são mais ouvidos. As novas ideias e sugestões caem ao gosto do inquieto que também se cerca de novos amigos, os que lhe dão o conforto e o apoio que necessita na hora da transformação. A jornada da esquerda à direita, por exemplo, foi definida pelo articulista americano Irving Kristol como sendo a de um "liberal fustigado pela realidade". A mudança de rumo é sempre consequência do perturbador *insight* que desacomoda o sujeito às vezes num lampejo. Exemplo é a maneira com que

⁴ "Com o gosto de cada pessoa não se discute".

Aleksander Dugin, um dos mais influentes pensadores tradicionalistas contemporâneos, descreve este momento que lhe abateu o espírito após o ocaso da União Soviética⁵.

“Tudo que me cercava - o céu, a terra, o mundo, as pessoas, as relações sociais, os prédios, os mecanismos, os discursos, as disciplinas, os fluxos de informação, as imagens, os cenários – tudo isso foi absoluta e totalmente rejeitado. Foi sentido como um veneno me atacando de todos os lados, uma completa escuridão despojada de sentido e lógica ... Repentinamente me encontrei no meio de uma noite sem fim Foi uma experiência totalmente niilista. O mundo que me cercava estava sendo rejeitado por alguma razão desconhecida, dito de forma simples. E a falta de apoio (e isso é o mais importante!), a falta de qualquer possibilidade não de salvação, mas de qualquer vislumbre da Tradição, era algo que estava no centro do meu ser e colocado como a base de um pensamento sistemático. A partir disso surgiu gradualmente o conceito cristalizado do Sujeito Radical, isto é, a postulação da existência de um portador da Tradição despojado da Tradição em si, fora das tradições, ignorante do próprio fato da existência da tradição, algo que estava além de seus limites”. (DUGIN, 2013; p. 396)

Ser e estar, deixar de ser e se tornar são momentos passageiros, a condição natural das pessoas que fluem em seus pensamentos em todas as direções. Elas às vezes radicalizam e às vezes recuam utilizando para isso estratégias de saída ou escape (MATTSON, 2018). É o que acontece no caso excepcional dos observantes, dos membros arrependidos das gangs, dos adeptos de seitas religiosas, de grupos fundamentalistas e de movimentos extremistas. Em boa medida todas as pessoas são ex de alguma coisa. Foram ativas, se desengajam e abandonam totalmente uma causa. Às vezes perambulam perdidas para construir uma nova identidade (EBAUGH, 1988). Isso acontece com estimados 1,3 mil fiéis da ortodoxia judaica que deixam este estilo de vida todos os anos⁶. São enquadrados pelos antigos companheiros na categoria OTD (Out of Derech), uma sigla que mistura hebraico e inglês e que significa os que se desviaram da rota. Ocorrência adicional e similar é o das monjas

⁵ <http://debateolavodugin.blogspot.com/2011/01/alexandr-dugin.html>

⁶ Jerusalem Post, 6 de agosto de 2016.

(BROMLEY, 1988) e dos membros de irmandades religiosas que sofrem para reconstruir suas vidas noutros lugares.

Naturalmente, há os que fazem o caminho inverso. São chamados de *born again*. Na visão tradicionalista os renascidos dessa maneira se dirigem a um lugar que não deveria ter sido abandonado pelas pessoas. Noutros casos o volver é na direção de algum culto pagão. Neste caso o vazio existencial é resolvido pelo politeísmo, pelo animismo e pelo panteísmo. São tendências caracterizadas pelo encanto dos seguidores à magia.

Marshall Sahlins frequenta este debate ao afirmar que os povos “não são facilmente desaculturados” já que os hábitos e os costumes se mantêm vivos a despeito das influências estrangeiras. O que ocorre na atualidade seria o desenvolvimento simultâneo da integração global e da diferenciação local, um processo que este antropólogo americano denomina de indigenização da modernidade (SAHLINS, 1997).

Essa expressão lembra a ideia de que existem múltiplas modernidades (EISENSDADT, 2000). Para o autor o termo modernização não equivale à ocidentalização do mundo. O que sim é comum às diversas tendências locais que buscam a prosperidade é a fé na autonomia do indivíduo e na capacidade de a pessoa atuar de forma consciente e livre.

A homogeneização cultural é ativamente recusada por um terço da população do mundo. Esta gente prefere o governante autoritário (STENNER, 2005; p. 335; 2009), pois este tipo de ator usualmente favorece o nativismo⁷. No Japão, por exemplo, o resgate da tradição foi o motivo mobilizador das forças políticas que reagiram aos valores do Ocidente disseminados na Ásia pelo imperialismo estrangeiro (RIEU, 2014). Esta atitude culminou em 1868 com a restauração do poder do Imperador, a figura que simboliza hoje a alma da nação. A palavra de ordem dessa corrente era superar a modernidade para assim ampliar a influência do país na região e restaurar os valores asiáticos⁸. A ideia do pan-asianismo foi igualmente cortejada

⁷ <https://www.hopenothate.org.uk/2020/11/01/authoritarianism/>

⁸ <https://www.sacred-texts.com/shi/ioe/>

na China. Um de seus defensores foi Sun Yat Sun, considerado o pai da China moderna, a república fundada em 1912⁹.

Restauração

A competição de ideias envolve na atualidade pelo menos 200 ideologias, entre as velhas e as novas¹⁰. Elas apresentam rotas variadas ao futuro (WAINBERG, 2015), algo que acontece igualmente com os que se refugiam na sabedoria dos antigos. Em alguns desses casos a restauração dos dias gloriosos é desejada e a destruição do presente parece ser o elo que une esses indignados. Alguns, entre eles, chamam o novo mundo de Cidade de Deus e outros de Califado.

A raiva opera no âmbito pessoal. A indignação, por sua vez, é uma emoção social, que surge quando se diz não, perde-se a paciência (CAMUS, 2017; pg. 22) e se quebra o silêncio e a cegueira. Este é um dos principais sentimentos que mobilizam a ação política (SALERNO & PETER-HAGENE, 2013). Este foi o caso do movimento sufragista e também do operário que no século XIX se manifestaram contra a discriminação contra as mulheres e a injustiça social na Inglaterra e noutros lugares.

A República de Weimar é um bom exemplo do que ocorre com um país quando os indignados se enfrentam nas ruas com ideias opostas. Outro caso similar de abalo é a guerra civil espanhola. As tensões sociais e políticas já mencionadas do Líbano atual transformaram o país em campeão mundial de emoções destrutivas (raiva, tristeza, stress, dor física, desprazer, cansaço e mal-humor). Em segundo lugar estava em 2020 o Iraque (raiva, tristeza, dor física e cansaço) e a Turquia (raiva, stress, desprazer e mal-humor). Seguiam dois representantes da América Latina – o Perú e Equador (tristeza, stress e preocupação).

⁹ https://en.wikisource.org/wiki/Sun_Yat-sen%27s_speech_on_Pan-Asianism

¹⁰ https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_political_ideologies

Você sentiu esta emoção ontem? Mundo. 2020

Tristeza	%	Stress	%	Preocupação	%	Dor	%	Desprazer	%	Cansaço	%	Não sorriu	%
Iraque	50	Peru	66	Peru	68	Iraque	56	Líbano	65	Líbano	51	Turquia	57
Peru	50	Líbano	63	Brasil	62	Egito	55	Turquia	61	Ucrânia	48	Bangladesh	56
Congo	47	Equador	62	Equador	61	Senegal	52	Malta	55	Iraque	48	Nepal	58
Líbano	44	Turquia	59	Malta	61	Congo	47	Benim	53	Sérvia	44	Líbano	52
Equador	43	Grécia	59	Portugal	60	Líbano	46	Namíbia	51	Benim	47	Sérvia	50

Fonte: <https://news.gallup.com/interactives/248240/global-emotions.aspx>

Quando não tratada e mitigada, a ira que surge nos enfrentamentos políticos produz o ressentimento. Este tipo de recordação de vivências negativas perdura no tempo. É uma “zanga retida” (SCHELER, 2012, p.45). A amargura que busca reparação vingativa é cantada então em verso e transmitida às novas gerações nas fábulas sobre o passado.

A raiva no mundo. 2020

Ranking dos mais afetados	Você sentiu ontem a emoção da raiva?	% do total dos respondentes	Ranking dos menos afetados.	Você sentiu ontem a emoção da raiva?	% do total dos respondentes.
1	Iraque	51%	1.	Finlândia	4%
2.	Turquia	44%	2.	Islândia	6%
3.	Líbano	43%	3.	Uruguai	7%
4.	Tunísia	42%	4.	Portugal	7%
5	Egito	42%	5.	Estônia	7%

Fonte: <https://news.gallup.com/interactives/248240/global-emotions.aspx>

Você sentiu esta emoção ontem? Brasil. 2020

Emoção	% dos respondentes	Emoção	% dos respondentes.
Raiva	24%	Tristeza	33%
Stress	47%	Preocupação	62%
Dor física	37%	Respeito	91%
Prazer	66%	Tranquilidade	61%
Sorriu ou gargalhou	69%	Aprendizado	66%

Fonte: <https://news.gallup.com/interactives/248240/global-emotions.aspx>

As emoções coletivas impactam igualmente as decisões geopolíticas. Por isso mesmo, elas têm sido consideradas pelos atores que agem em função do que as pessoas desejam, sonham e sentem. Elas ajudam a explicar e entender as revoluções, as alianças estratégicas e os acordos diplomáticos.

A indignação é causada pelo desprezo racial, pelo controle colonial, pela violência física, pela exploração econômica e pelos conflitos políticos, étnicos e

religiosos, entre outros males sociais. Naturalmente, a melhor solução para este tipo de sentimento é perdoar, mas esta decisão não surge facilmente. Usualmente predomina o rancor, o que explica porque é mais fácil fazer a guerra do que a paz. É verdade que os santos sempre perdoam e que os mafiosos sempre traem.

Os dignos e os indignos frequentam listas espelhadas. O herói de um é o vilão de outro. O que é adorável num canto é considerado lamentável noutro. A nominata de piedosos e de desalmados varia dependendo das ideologias professadas e do contexto que enquadra os discursos e os interlocutores. Em 2021, isso era facilmente perceptível na sociedade brasileira polarizada.

A expressão da raiva alivia a pessoa o que explica a popularidade e a frequência deste tipo de mensagem. O dissidente é feliz quando protesta. Em vários lugares, este murmúrio contagioso é cotidiano. Assume várias formas – ruminação na web, discursos coléricos, imprensa alternativa e manifestações de rua.

Boa parte da vida intelectual e política contemporânea gira em torno desses lamentos. A indignação é recurso utilizado para atrair e manter a atenção do público focada num tema e para sustentar certo grau de stress social (BRÁZDA, 2017) com o dissenso (EKLUNDH, 2015). Isso depende da intensidade, do tempo de duração e da frequência da difusão da queixa.

A obra *Indignai-vos!* (HESSEL, 2012) tornou-se popular¹¹ por endossar e exortar a mensagem dissidente dos movimentos sociais, entre eles os Indignados na Espanha, o *Occupy Wall Street*, a Primavera Árabe e o movimento Justiça Global. Em todos esses casos, e noutros, como o ocorrido no Brasil nas manifestações massivas contra o governo em 2014, a indignação foi o sentimento propulsor da agitação. O desgosto une mais facilmente as pessoas que as preferências. Por isso mesmo costuma-se dizer que as emoções negativas são a matéria prima da política (e do jornalismo). São elas que põem em movimento os indivíduos, um poder que a reflexão pura e fria não tem. Hessel sugere a difusão da cultura da indignação por ser este sentimento “o fermento do espírito”. Esta proposição agrada muitos, mas não a todos¹² (HICKS, 2011; 2016). Há quem tema o abalo na coesão social produzida

¹¹ Vendeu mais de quatro milhões de exemplares num ano em todo o mundo.

¹² <https://www.redandblack.com/opinion/opinion-outrage-culture-is-harming-society/baf.html>

pela incessante lamentação, a que estimula o confronto e o comportamento consequente do olho por olho, dente por dente das pessoas.

Platão trata do assunto em sua teoria psicológica apresentada no quarto livro de A República. Ele menciona as três partes da alma humana. A primeira é a razão ou intelecto (nous). É a menor porção das três e está localizada na cabeça do cidadão. Ela adora a verdade e é responsável pelo controle do apetite (epithymia). Esta segunda parte está localizada no estômago. É nele que residem os desejos físicos como a sede e a fome. O controle da vontade é feito com ajuda do thymos, a porção emocional do espírito localizada no peito de todos. Esta terceira parte reúne os sentimentos. Quando o orgulho não é respeitado, por exemplo, o thymos reage de forma indignada com a raiva, uma entre várias emoções inatas dos seres humanos. Exemplos clássicos deste tipo de comportamento são a vendeta, o terrorismo e os crimes de honra.

Conservadorismo

Com os mesmos fatos à frente dos olhos os sujeitos não chegam às mesmas conclusões sobre o melhor percurso a ser seguido rumo ao destino ambicionado por todos. A escolha da rota depende da personalidade de cada sujeito e de seus valores. Os conformistas que gostam de privacidade tendem ao conservadorismo. Seu raciocínio é lento e cuidadoso. Quem é altruísta tende à esquerda e às missões humanitárias. Os que rejeitam a autoridade tornam-se liberais e simpatizam com o anarquismo¹³. Os estudos almejam apontar quem entre eles é o mais sensível (PLISKIN et al., 2014). Um deles conclui que liberais são mais empáticos (HASSON et al., 2018). Os conservadores pensam que são eles os mais leais à autoridade e às tradições legadas aos vivos pelos já falecidos (GRAHAM, NOSSEK & HAIDT, 2012). Isso acontece porque só o passado existe de fato. O presente é fluxo e se esvai em segundos.

O macarthismo, Hitler, as ditaduras latino-americanas e vários regimes autocráticos espalhados pelo mundo contribuíram a má reputação do que se

¹³ <https://www.psychologytoday.com/us/blog/feeling-smart/201505/emotional-ideologies>

convencionou chamar de direita. A luta em desvantagem dos rebeldes contribuiu à imagem de Dom Quixote da esquerda. As pessoas se acostumaram a identificar dessa forma quem é o mocinho e quem é o vilão da política. A esquerda, às vezes chamada de liberal, seria mais sensível às boas emoções. A direita, às vezes chamada de conservadora, seria o reduto do mal. Isso não é verdade como se sabe da experiência humana. Os dois, o belo e o infame, estão em todos os lugares onde há pessoas.

Ideologia não é o mesmo que utopia, mas com ela se parece, pois ajuda a vislumbrar um destino. Não é religião embora ajude o sujeito a distinguir o sagrado do profano. Também não é um mito embora contribua para os sonhos da pessoa. As ideologias contribuem ao sentido dado à vida, pois organiza a visão de mundo da gente de acordo com uma hierarquia de valores.

O tema da utopia atraiu a atenção da juventude dos anos 60, que assumiu com sua radicalidade o desgosto com a sociedade capitalista. O mencionado filósofo Saul Alinsky, por exemplo, ensinava aos jovens em *Regras para Radicais: um Guia Pragmático para Radicais Realistas*¹⁴ táticas não violentas para promover mudanças sociais. Outros inúmeros filósofos tomaram parte nessa incitação. No Brasil, ganhou destaque o *Mini-Manual do Guerrilheiro Urbano*, escrito por Carlos Marighella e publicado em 1969¹⁵.

Alguns autores preferem utilizar o termo mentalidade por considerarem que ele é mais amplo e capaz de abarcar "o que não está formulado e o que permanece como não significativo, o que se conserva encoberto ao nível das motivações inconscientes." Esta tendência é relevante ao presente estudo pois ela refere os "temperamentos coletivos", um tema central às sociedades que estão em busca de suas raízes (VOVELLE, 1991; pp. 19-21).

Esta temática tornou-se saliente com a surpreendente radicalização dos jovens muçulmanos que se lançaram à aventura de conquistar o Levante. Na Europa reação igualmente veemente ocorreu com a saída às ruas de grupos enfurecidos por serem contrários à imigração de refugiados vindos daquela parte do mundo.

¹⁴ <https://infed.org/saul-alinsky-community-organizing-and-rules-for-radicals/>

¹⁵ <https://documentosrevelados.com.br/wp-content/uploads/2015/08/carlos-marighella-manual-do-guerrilheiro-urbano.pdf>

Vive-se no século XXI situação oposta à dos anos 60. Naquela época predominavam as influências marxista e existencialista. Há quem chame o momento pós-libertário de agora de Iluminismo das Trevas¹⁶. Nessa forma reativa de pensar o tempo é cíclico e o que é percebido como positivo e bom no passado distante deve ser recuperado para ressurgir entre os vivos. O grupo de pensadores e de ativistas neoreacionários que se identificam com a marca NRx avalia a democracia como um sistema falido. Afirma também que as civilizações estão em conflito contínuo. O termo é controverso e sua precisão semântica é necessária para esclarecer a reação dos tradicionalistas contra os valores do liberalismo.

Uma forma de descrever o termo civilização é defini-lo como progressão desde um estado natural a outro superior. A complexa sociedade ocidental seria o resultado de uma longa jornada de progresso, outra palavra inventada por Kant. Deriva a conclusão de que a civilização é desejada por ter afastado a ignorância.

Com o tempo, e graças à crítica social levada a cabo em especial pela corrente pós-colonial e pelo construtivismo cultural, o vocábulo passou a ser usado no plural para referir o resultado da variada experiência humana. O Ocidente tornou-se, então, uma entre várias civilizações autoconscientes que produziram saber, estilos de vida, costumes, valores, arte, instituições e moralidade.

Na comparação e, também, no confronto, os traços singulares da civilização ocidental são agora disputados interna e externamente. Entre eles estão marcadores polêmicos como o desenvolvimento tecnológico, a sociedade estratificada, seu apreço pela autocrítica, sua valoração do racionalismo e do conhecimento científico, sua simpatia pela democracia política, seu respeito ao império da lei e seu desejo compulsivo por inovação intermitente. A origem do Ocidente está demarcada principalmente pela contribuição da Grécia e de Roma e pela confluência dos valores do judaísmo e do cristianismo. Este é o sentido compartilhado e usualmente utilizado nas conversações cotidianas.

O termo antimoderno é outro vocábulo polissêmico que precisa ser esclarecido. Ele refere a tendência política reativa que surgiu com vigor no século XXI. Uma forma de apresentá-la é definir o ator NRx como um moderno contrariado.

¹⁶ <http://www.thedarkenlightenment.com/the-dark-enlightenment-by-nick-land/#part1>

Jacques Maritain (1882-1973) esclareceu o conceito à sua maneira na obra *Antimoderne* de 1922.

Ele é utilizado aqui para referir a militância antiliberal, favorável ao resgate da tradição e de sua revitalização no combate ao secularismo e a outros valores, entre eles o racionalismo, a fé no progresso e na capacidade humana de dominar a natureza. A sociedade que emergiu do renascimento divulgou a ideia da evolução, do otimismo, da meritocracia, do humanismo, da democracia política, dos direitos humanos, da igualdade do cidadão perante a lei, da liberdade de expressão, de credo, de movimento e de propriedade. Propôs ainda a separação da igreja do estado e o universalismo.

Este foi um momento de ruptura no qual a pequena burguesia ficou amarrada ao medievo, enquanto o estrato superior, a burguesia urbana e mercantil - originalmente florentina - tornou-se o principal agente da transformação social. A base da modernidade liberal está aqui. Ela incluiu ainda a competição econômica, o poder do dinheiro, a mobilidade social, o espírito empreendedor, a disseminação do conhecimento aplicado, da educação e do empirismo, a emergência da língua nacional e um grau de dinamismo que não se conhecia na sociedade rural. Galileu, Giordano Bruno e Leonardo da Vinci tipificam o herói do novo tempo (VON MARTIN, 1944). O espírito cosmopolita que emergiu do seu humanismo é maldição para os que buscam agora o tribalismo (CARPENTER, 2020).

Decorre a indisposição da doutrina liberal aos dogmas, o seu respeito às diferenças e aos preceitos da ciência. Neste tipo de ambiente, a inovação é constante e as experiências se sucedem num ritmo intenso. É algo muito distinto do que se observa nas sociedades regradas por mandamentos, hábitos e costumes rígidos herdados do passado distante. Sair de um mundo ao outro é como viajar no tempo, uma aventura que muitos fazem por estarem insatisfeitos com o que veem, experimentam e sentem.

O entendimento antimoderno implica em ação contrarrevolucionária. Isso significa dizer hostilidade militante às obras dos filósofos da Ilustração do século XVII e XVIII. Este comportamento recorda a ação restauradora e reativa das

aristocracias europeias que se uniram no combate às consequências políticas, culturais e morais da Revolução Francesa após o debacle de Napoleão.

Desde então foram agregados ao termo antimoderno significados novos. Um deles diz que esta formulação é uma reação à decadência da sociedade ocidental. Este é o sentido dado ao verbete por Dugin na Rússia e por Sayyid Qutb (1906-1966) que inspirou, no início do século XX, a ação da Irmandade Muçulmana no Egito. Isso ocorreu após seu retorno ao país chocado com o que observara nos hábitos da sociedade norte-americana no período de 1948 a 1950.

Com frequência as fontes conservadoras mencionam 'a queda' para referir o que lhes parece ser o apocalipse. Alguns tradicionalistas utilizam a expressão hindu Kali Yuga. Este verbete se refere à etapa derradeira da história humana. É considerado um período de degradação profunda. Ideia similar foi apresentada em O Declínio do Ocidente por Oswald Spengler em 1918. Este autor foi um dos porta-vozes da corrente que se distanciou da prosa política do nazismo e de seu antissemitismo biológico para advogar a causa de um socialismo à moda prussiana. Nesta concepção, as elites tradicionais deveriam ser restauradas e a nação unificada sob o comando de um líder autoritário.

Antimodernismo

O medo à decadência civilizacional existe também no mundo islâmico que debate o assunto há longo tempo. A controvérsia tomou folego após a derrota das tropas muçulmanas contra os cristãos na batalha de Lepanto em 1571; após o fracasso da tentativa de conquistar Viena em 1683 e após a invasão de Napoleão ao Egito em 1798. E alcançou o auge com a derrota do Império Otomano na Primeira Guerra Mundial. Este fato motivou as iniciativas reformadoras de Kamal Atartuk na Turquia. Elas seriam imitadas pelo Xá do Irã, por Muhammad Ali Jinnah no Paquistão, por Gamal Abdel Nasser no Egito e também pelos líderes da Síria e do Iraque. Elas agora estão sendo revertidas pelo governo autocrático e tradicionalista de Recep Tayyip Erdogan na Turquia e pelos governantes xiitas do Irã.

São muitos os autores de correntes diversas envolvidos neste debate filosófico e mencionados como fontes inspiradoras do pensamento antimoderno atual (PEDROZA & FLÓREZ, 2012). Entre eles estão Nietzsche, Heidegger, Althusser, Hans Jonas, Bourdieu, Schopenhauer, Luc Ferry, Horkheimer, Theodor Adorno, Leo Strauss, Alain Finkielkraut e Alain Renault, Edmund Burke e Louis de Bonald (COMPAGNON, 2011). É o caso também do já mencionado Joseph de Maistre, autor que iria influenciar Charles Baudelaire (1821-1867) e Jackson de Figueiredo, o fundador da revista católica e conservadora brasileira *A Ordem* em 1920 (CARRIÈRES, 2006).

Subjazem nas palavras e nas ações dos militantes tradicionalistas emoções variadas (SEDGWICH, 2020), entre elas a esperança que reage ao orgulho nacional ferido pelo imperialismo e pelo cosmopolitismo (ROBINSON et al., 2014). Este é um traço que acompanhou o movimento romântico que desejava assegurar às pessoas a segurança perdida com a revolução industrial. A antiga lealdade devida pelo cidadão às casas monárquicas migrou para os sindicatos, ao culto místico do sangue e do solo e para atores e instituições que passaram a simbolizar e evocar os sentimentos e os desejos das multidões. Surgiu também a identidade supranacional. Exemplo é o pangermanismo compartilhado por austríacos e alemães.

Aleksander Dugin está fortemente envolvido nesse *imbróglio* e rotula os liberais de intolerantes por aplicarem o que ele julga ser a prática do cancelamento. Diz que esta atitude anula toda e qualquer proposição que não coincida com a prédica em favor dos direitos humanos. A prosa do filósofo russo é favorável a uma revolução mundial contra o ateísmo e o materialismo. “A modernidade ocidental é uma doença”, diz ele. Um crime contra a humanidade, pior que o fascismo e o comunismo. Diz que “o liberal é um assassino”. Afirma que a ordem mundial estabelecida em 1648 com o acordo de Vestfália está em decadência e que o globalismo que dele resultou está em colapso.

Esta luta está viva na academia e noutros lugares nos quais a defesa da modernidade se arma com argumentos contra inimigos posicionados nos extremos do espectro político, os tradicionalistas à direita e os pós-modernos à esquerda. Ambos recusam o legado do Iluminismo.

A proclamação dos liberais atacados pelos dois lados diz que os benefícios da era das luzes são evidentes ao terem sepultado o irracionalismo e o obscurantismo. Um *Manifesto Contra os Inimigos da Modernidade* publicado em 2017 pelos autores de *Cynical Theories* (2020), James Lindsay e Helen Pluckrose, reage ao queixume desses adversários¹⁷. A modernidade é um conceito desenvolvido originalmente por Baudelaire. Seus escritos descreviam o novo estilo de vida então nascente no ambiente urbano. Seu personagem, o flâneur, era o burguês dândi, o ator que perambulava alegre e despreocupado pelas avenidas de Paris no meio da multidão¹⁸.

Os tradicionalistas almejam recuperar o prestígio de seus autores preferidos. Entre eles estão Hegel criticado pelos opositores por seu apelo ao estatismo, Platão por seu idealismo, Nietzsche por seu vislumbre do *Übermensch* (Super-Homem), Heidegger por sua simpatia ao nazismo e Aristóteles, que se declarou favorável à escravidão e contra as mulheres¹⁹.

Dugin e seus seguidores afirmam que a modernidade é uma catástrofe. A pós-modernidade é ainda pior, pois aprofunda o clamor por mais liberdade, igualdade e outros objetivos da moral liberal, "que deve ser insultada sem cessar". Ele afirmava em 2020 que as forças do globalismo queriam destruir Putin, matar Xi Jinping, mudar o regime iraniano, envenenar o turco Erdogan, desacreditar o populismo conservador europeu, acabar com a resistência islâmica e destruir as tendências antiglobalistas na América Latina. Afirmava que a censura imposta pela ordem liberal impede o anúncio do Grande Despertar. Ela preconiza na atualidade uma frente do Resto contra a dominação do Oeste; a destruição da atitude servil do Oriente em relação ao Ocidente; a aceitação da pluralidade de civilizações, a multipolaridade (DUGIN, 2014) e a revisão dos ditames da geopolítica.

Seu panfleto *A Guerra entre os Continentes* de 1991 argumenta que há um conflito inevitável entre dois tipos de potências – a terrestre, que Dugin denomina de Roma Eterna, hoje representada pela Rússia, e a marítima, que ele chama de Cartago

¹⁷ <https://areomagazine.com/2017/08/22/a-manifesto-against-the-enemies-of-modernity/>

¹⁸ Charles Philipon. *Les ridicules* series, ca. 1825.

<https://publicdomainreview.org/essay/charles-baudelaire-and-the-convalescent-flaneur>

¹⁹ <https://www.nytimes.com/2020/07/21/opinion/should-we-cancel-aristotle.html>

Eterna, hoje representada pelos Estados Unidos. Embora seja antiocidental, antiliberal e contrário à aliança transatlântica sua posição não é antieuropeia, pois ele deseja formar um bloco com as populações brancas e cristãs da massa geográfica do Velho Mundo.

Formulação similar à de Dugin foi elaborada por Halford John Mackinder ainda em 1904. Em sua visão de futuro, uma batalha aconteceria por causa dos interesses imperiais da Grã-Bretanha, a potência marítima de seu tempo, e das ambições territoriais da Rússia. Essas previsões ressurgiram com a invasão das tropas de Moscou na Geórgia em 2008 e na Ucrânia em 2014 (CLOVER, 2017)²⁰.

O Grande Despertar tradicionalista quer lutar contra a política de gênero, o feminismo e o pós-humanismo. Propõe voltar à escatologia cristã, à esperança no segundo retorno de Cristo para uma final e decisiva luta contra o mal. Dugin e seus seguidores manifestam mal-estar com a ciência e com as novas tecnologias. Dizem que o 'corpo místico de Cristo' acabou substituído por seitas protestantes. A hierarquia social desapareceu e o poder supranacional do Papa foi substituído pelo da burguesia.

A crise de valores

Como dito, as emoções que as ideologias geram nas audiências são a pólvora deste tipo de discurso (YANG et al., 2018). Sem esta capacidade de agitar o público as ideias não serviriam ao objetivo de promover um comportamento coletivo. Isso significa dizer que a ideologia nasce e se desenvolve não só porque é a favor de algo, mas também porque enfrenta os inimigos (DENEEN, 2018; PORAT et al., 2016).

Na atualidade do século XXI, a busca pela essência cultural ganhou popularidade. Isso é surpreendente para os que acolheram como certa a previsão feita sobre a secularização do mundo (BERGER, 1967; TAYLOR, 2010). Exemplo relevante é a longa história da doutrina salafista inspiradora da Al Qaeda e do Estado Islâmico. Estes grupos jihadistas atuam em lugares como Arábia Saudita, Indonésia, Egito, Paquistão, Iraque, Síria e em vários países africanos. Em 2014, foram mortas

²⁰ <http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/21132>

14 mil pessoas na Nigéria em decorrência da insurgência do Boko Haram. Este processo de radicalização começou em 1804 e permanece em ação até hoje neste país (FYANKA, 2021). O salafismo quer preservar a autenticidade do Islã e lutar contra o laicismo, o feminismo e a democracia.

Estes objetivos identitários são compartilhados pelo movimento talibã de inspiração deobandi²¹ que em 15 de agosto de 2021 declarou vitória em sua luta contra o governo do Afeganistão. Na época predominava o temor de que a radicalização islâmica prometida pelo novo Emirado Islâmico se alastrasse pelos países vizinhos²² o que, aos olhos de muitos comentaristas locais representaria “a destruição do estilo de vida do mundo livre”²³.

A esperança acalentada pelos mais otimistas de que um islamismo ilustrado pode surgir para remediar as relações internacionais é interpretada pelos críticos como wishful thinking. Esta jornada, que enquadra a religião no contexto da sociedade democrática foi dolorosa e longa na Europa e noutros lugares. Os pessimistas dizem que o prognóstico de um conflito prolongado, interna e externamente, parece ser o mais indicado para descrever o que ocorrerá com os indignados que buscam reviver o califado com a intenção de impô-lo ao resto do mundo (OWEN & OWEN, 2015).

Este propósito foi anunciado no alvorecer das ações da Al Qaeda em 1988. Sua “revolta metafísica” (CAMUS, 2017) continuou com o ataque suicida levado a cabo pelo braço do ISIS local (ISIS-K)²⁴ no aeroporto de Cabul em 26 de agosto de 2021, no exato momento em que a batalha entre as forças ocidentais e o movimento Talibã era dada como terminada.

O ISIS-K (Estado Islâmico da Província de Khorasan) é mais um rebento de indignados antiliberais. Foi fundado pelo paquistanês Hafiz Saeed Khan, um comandante do movimento Tehrik-e Taliban Pakistan (TTP) em 2015. Sua versão do Islã é bem mais radical do que a do Talibã. A organização desrespeita as fronteiras

²¹ Movimento muçulmano sunita surgido no século XIX na Índia e no Paquistão.

²² <https://www.memri.org/tv/qatari-sociologist-abd-aziz-khazraj-ansari-taliban-gained-victory-waging-Jihad-problems-world-resolved-force>

²³ https://twitter.com/_GhulamMustafa_/status/1420656902325915648?s=20

²⁴ O ISKP foi fundado pelo paquistanês Hafiz Saeed Khan, um comandante do movimento Tehrik-e Taliban Pakistan (TTP) em 2015.

políticas e sua ação militar se concentra em partes do território do Irã, do Afeganistão e do Paquistão.

Um dos marcadores mais salientes da disputa entre os reformistas modernizadores e os diversos grupos tradicionalistas islâmicos é o status social da mulher. Decorre que, na Arábia Saudita e noutros países, a fonte da indignação não é conservadora, mas liberal. Esta crítica existe no Líbano, na Turquia, no Irã e no Egito, embora seus porta-vozes, com frequência, sofram ataques físicos da 'patrulha' moral.

Reinvidicação reformadora deste tipo se expressa visualmente nos cartuns de Abd Al-Rahman Al-Zahrani publicados no Al-Watan²⁵, um diário que começou a circular no ano 2000 na Arábia Saudita.²⁶ Sua série "Ele e Ela" era bastante popular, pois tratava de temas tabu do cotidiano. Entre eles estavam a poligamia, o casamento temporário (*misyar*), o *dress code* imposto às mulheres, o mercado de trabalho feminino e o direito das senhoras de dirigir automóvel²⁷.

O lugar da mulher neste tipo de sociedade conservadora continua sendo definido pelo homem. Ele pode impedir a esposa de viajar ao exterior; um pai pode forçar a filha casar contra sua vontade e só o homem tem o direito de se declarar divorciado da esposa. Esses valores tornam impossível um acordo com interlocutores educados com outros valores. As mudanças que ocorrem neste ambiente são lentas e calculadas para não provocar as poderosas forças inquisidoras (CAMUS, 2017, p. 78) que resistem às mudanças.

Além do esforço militar que os jihadistas têm feito para assumir o controle político dos países em que atuam, eles se ocupam também das madrassas²⁸ e de mesquitas que realizam o trabalho de evangelização conhecido por Dawa. Conseguem assim atrair um largo número de jovens em lugares como Paris, Bruxelas e Londres. O relativo sucesso deste recrutamento é agora objeto de teorias que tentam explicar o que ocorre. Apela-se a hipóteses sociológicas como o desajuste

²⁵ <https://www.alwatan.com.sa/>

²⁶ <https://www.memri.org/tv/saudi-islamic-scholar-ahmed-ghamdi-women-appointed-judges-muftis-lawyers-shura-authority>

²⁷ <https://www.memri.org/reports/women-and-gender-saudi-arabia-through-cartoons-abd-al-rahman-al-al-zahrani>

²⁸ Academias islâmicas.

cultural e a segregação social e econômica dos jovens, filhos desajustados que nasceram na Europa de famílias de imigrantes, mas que se rebelaram e pegaram em armas para fazer renascer algo que não viveram, mas que imaginam ter existido no passado. Predomina nesses casos a constatação da crise de identidade dos que decidem ir à Síria e ao Iraque e a outros lugares em busca de ação. O que a modernidade promete não é alcançada por eles que se refugiam então no afago dos velhos costumes e da tradição.

Não é acaso a simpatia de Dugin pela ortodoxia islâmica que observa ao pé da letra a sharia e, também, pelos hareditas, que reúnem 1.6 milhão de judeus ultraconservadores no mundo. Este segmento segue o que determina a lei religiosa que emana dos preceitos talmúdicos. Dugin se aproxima de quem se afasta dos liberais que ele abomina. Ele e seu grupo desprezam toda e qualquer igreja reformada, pois julgam que ela faz um jogo de cena para compatibilizar a modernidade com os mandamentos supremos da divindade.



A regra geral diz que a atividade política dos atores é triangular. É o que diz Fritz Heider na conhecida passagem de sua Teoria do Equilíbrio (HEIDER, 1958):

“Grosso modo a hipótese implica que as atitudes dos membros de um grupo tendem a mudar de posição de tal forma que os amigos dos amigos tendem a se tornar seus amigos e os inimigos dos seus inimigos serão seus amigos, e os amigos dos inimigos e inimigos dos amigos tendem a se tornar inimigos entre si e, além disso, essas modificações tendem a ocorrer nos casos de outras

remoções (os inimigos dos amigos dos amigos dos inimigos dos inimigos tendem a se tornar amigos por um processo repetitivo). "

Tal formulação ajuda a análise da intervenção russa na Ucrânia. Moscou apoiava em 2021 os separatistas que desejavam integrar uma fração do território ucraniano à Rússia. O pró-ocidental governo de Kiev se aproximou reativamente da OTAN para poder enfrentar as tropas de Moscou posicionadas em sua fronteira. Ou seja, na política não existem amigos ou inimigos. Este fato que revela a precariedade das alianças políticas fez surgir o neologismo aminimigo. O verbete tenta capturar a relação de amor e de ódio implícita neste tipo de ligação passageira.

6. REVOLUÇÃO CONSERVADORA

O argumento tradicionalista está presente nos escritos de vários autores. Entre eles está Mircea Eliade, um dos mais célebres estudiosos da religião. Desde sua morte em 1986, ficou esclarecida sua simpatia ao movimento neofascista romeno Guarda de Ferro (WEITZMAN, 2020). O renomado autor manteve interesse e, às vezes, contato com personalidades que são hoje referência da reação. Entre eles, estão o Prêmio Nobel de Fisiologia de 1973, Konrad Lorenz; Ernst Jünger e os filósofos Carl Schmitt e Martin Heidegger¹.

Estas fontes fazem parte de uma rede tradicionalista reunida e apresentada no site <http://arcto.ru/>. Este é um dos principais endereços dessa corrente na Rússia e no mundo. Repete a fórmula utilizada na divulgação das ideias de Julius Evola no site <http://www.fondazionejuliusvola.it/>. Nessas fontes o mal-estar com a modernidade é saliente. Esta confraria é larga e inclui atores que se entrelaçaram ao longo do tempo. A lista inclui, por exemplo, o neofascista italiano Claudio Mutti, os americanos Greg Johnson e Paul Gottfried e o economista E. F. Schumacher.

Embora existam muitas semelhanças entre conservadores e tradicionalistas, o que difere um do outro são a ênfase e as prioridades de cada grupo. Os conservadores usualmente são definidos como pessoas que preferem a estabilidade e a manutenção do status quo, a liberdade econômica, o governo mínimo, a obediência e a conformidade. Os tradicionalistas são mais agudos e dramáticos em suas afirmações sobre o que pretendem. Revelam um grau superior de desespero com a realidade vigente. Querem retornar a um momento do passado que lhes parece ser o mais digno de respeito. Não desejam só resistir à mudança, mas mudar a realidade radicalmente.

Na perspectiva tradicionalista todas as religiões compartilham uma mesma verdade original. Este enquadramento ganhou projeção em 1945 na obra *A Filosofia Perene* (sophia perennis) de Aldous Huxley, o famoso autor de *Admirável Mundo Novo*. A difusão da Filosofia Perene está sendo promovida no Ocidente pela *Temenos*

¹ file:///C:/Users/dell/Downloads/Alexander_Dugin_on_Martin_Heidegger_Inte.pdf

*Academy*², pela *The Muhyiddin Ibn Arabi Society*³ e pelas revistas on line *Sacred Web*⁴ e *Sophia*⁵. Em língua portuguesa a editora Sapiencia igualmente difunde este conteúdo⁶. No Brasil, destaca-se a obra do ensaísta Mateus Soares de Azevedo a respeito do tema⁷.

Essa resposta ao materialismo e à sociedade de consumo foi acolhida por uma variedade de personalidades interessadas no platonismo, no sufismo, no taoísmo, na cabala judaica e no misticismo da escola Advaita Vedanta do Hinduísmo⁸. Entre elas estão o acadêmico Houston Smith (1919-2016), autor de *As Religiões do Mundo*, e William C. Chittick, especialista em filosofia islâmica.

O sufismo que atraiu Olavo de Carvalho foi difundido pelo suíço Frithjof Schuon (1907-1998) na França e em seu país de origem antes da Segunda Guerra Mundial. Sua influência chegaria aos Estados Unidos, local em que o iraniano Seyyed Hossein Nasr, professor da Universidade de Georgetown, se tornou seu principal representante.

O renascer do tradicionalismo é estimulado na atualidade por particularidades que no caso da Europa é o desafio oferecido pelo multiculturalismo, pela imigração massiva do Oriente ao Ocidente e pela recusa ou dificuldade dos recém-chegados de se acomodarem ao padrão moral e aos usos e costumes do novo ambiente (CONWAY, 2004).

Às vezes a atividade tradicionalista é secreta. Seu formato soft ocorre nas lojas maçônicas. Mas há uma versão hot. Este fato obrigou o governo alemão a colocar sob vigilância as lideranças e os militantes do AfD, o partido de extrema-direita do país⁹. Na porção oriental do seu território surgiu uma dissidência, o Der Flügel, cujos membros são igualmente monitorados pela polícia.

Em 2020, foram cometidos 44.692 crimes de ódio na Alemanha. Foi um recorde histórico desde 2001, ano no qual esses dados começaram a ser coletados

² <https://www.temenosacademy.org/>

³ <https://ibnarabisociety.org/>

⁴ <http://www.sacredweb.com/>

⁵ <https://www.springer.com/journal/11841/editors>

⁶ <https://web.archive.org/web/20110825033450/http://www.sapiencia.com.br/apresentacao.htm>

⁷ https://web.archive.org/web/20110706154237/http://www.sapiencia.com.br/msa_perfil.htm
https://pt.wikipedia.org/wiki/Mateus_Soares_de_Azevedo

⁸ <http://www.estudiostradicionales.com/>

⁹ <https://www.nytimes.com/2021/03/03/world/europe/germany-afd-surveillance-extremism.html>

pela BKA, a polícia criminal. Daquele total, 23.604 ocorrências foram atribuídas à extrema direita, a principal responsável pelos crimes raciais. Os demais atos de violência foram cometidos pela extrema-esquerda, grupos jihadistas e por militantes de outras ideologias.

A militância neonazista cresceu igualmente no Brasil. O número de células filiadas ao movimento aumentou de 75 para 530 no período de maio de 2015 a maio de 2021¹⁰. A tendência foi verificada também na Central de Denúncias de Crimes Cibernéticos que registrou 1282 queixas em 2015 e 9004 em 2020 contra sites deste tipo. O número de inquéritos na Polícia Federal subiu de seis em 2015 para 110 em 2020.

O ambiente político nacional estimulou em 2021 o ressurgimento desse tipo de ideologia que fora popular entre 1928 e 1938 no país. Naquela época grupos de simpatizantes do nazismo existiam em 17 estados brasileiros. O país tinha 57 núcleos organizados que somavam três mil membros, a maioria imigrados da Alemanha. Muitos deles acabaram atraídos à Ação Integralista Brasileira, movimento fundado em 1932. O Partido Nazista brasileiro era o maior entre os 83 países que tinham agremiações deste tipo. O governo de Getúlio Vargas mostrou-se simpático à tendência até modificar sua posição em favor dos Aliados. A Gestapo chegou a treinar policiais que então perseguiram os comunistas no território nacional.

Os tradicionalistas têm simpatia pela obra de René Guénon, um francês místico envolvido com ocultismo e convertido ao sufismo. Passaria a viver recluso no Egito até 1951, ano em que faleceu (JAFE, 2018). Seu livro *A Crise do Mundo Moderno* (1927/1996)¹¹ aponta os sinais de decadência da sociedade liberal. Outra personalidade de referência do grupo, Julius Evola, autor de *Revolta Contra o Mundo Moderno* (1934), idealizou uma sociedade na qual o poder divino e o terreno são a mesma coisa.

¹⁰ Dado coletado pela antropóloga Adriana Abreu Magalhães e divulgado pela Folha de São Paulo. 15 de agosto de 2021. Ver também <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2018/09/28/um-mergulho-no-universo-neonazista>.

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/594557-e-preciso-soar-alar-me-sobre-a-expansao-do-neonazismo-no-brasil-entrevista-com-a-antropologa-adriana-dias>

¹¹ <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=N6gm2XCVje4C&oi=fn=true>

Julius Evola (1898-1974) tornar-se-ia referência dos terroristas de direita que atuaram na Itália nos anos 1970 e 1980 e de alguns grupos racistas norte-americanos como é o caso do já mencionado neonazista e líder do Alt-Right (direita alternativa) Richard B. Spencer.

Desde março de 2015, a corrente tradicionalista tenta atuar no mundo de forma orgânica. No passado, a Rússia liderou os partidos revolucionários de esquerda e coordenou as atividades dos partidos comunistas através do Comintern. Agora isso é feito com grupos, movimentos e partidos ultraconservadores de várias partes do mundo. Eles se reuniram em março de 2015, em São Petersburgo, num evento definido por observadores como a fundação de um bloco internacional cujas posições são favoráveis à política externa de Moscou, contrárias à globalização e ao liberalismo servindo também de canal para a difusão das ideias de Dugin¹².

No Brasil, um dos núcleos difusores do pensamento tradicionalista é ou foi liderado pelo ex-ministro das Relações Exteriores, Ernesto de Araújo. Em 29 de março de 2021, ele solicitou demissão do posto devido à rebelião dos diplomatas brasileiros, de senadores e de outros segmentos políticos e sociais que se indispuseram à sua forma de pensar e de atuar.

Ernesto Araújo alinhou a política externa do país aos grupos ultraconservadores internacionais, se indispôs com a China e firmou forte parceria com o trumpismo. Foi apelidado pelos opositores de Beato Salú, personagem da novela Roque Santeiro por seu apoio frequente a monarquistas, terraplanistas, pastores evangélicos e ativistas da extrema direita. Em maio de 2021, acusou o governo liderado por Jair Bolsonaro de ter perdido a alma e o ideal transformando-se, disse ele, "numa administração tecnocrática".

Araújo recomendava em 2021 aos leitores do seu blog Metapolítica¹⁷¹³ os textos de Guénon e de Julius Evola¹⁴. Como vários outros pensadores dessa tendência, ele também se manifestou contra o globalismo. Denunciou o que declarava ser uma trama articulada de seus inimigos. Ele incluíam "a mídia, o narco-

¹² https://www.academia.edu/22097785/The_Spectre_of_a_Black_International_in_Europe_past_and_present

¹³ <https://www.metapoliticabrasil.com/>

¹⁴ Cadernos de Política Exterior, 3, n.6, 2017, pp. 323-357

socialismo, o politicamente correto, o climatismo, o racialismo, o covidismo, o terrorismo, o multilateralismo, o abortismo, o transhumanismo, a cristofobia, o anticristianismo e o marxismo”.

Colapso

Em 2009, foi estabelecido o Movimento Intertradicional liderado pelo filólogo e filósofo russo Maxim Boroznets. O grupo resultou dos contatos mantidos informalmente por integrantes desta tendência ao longo do tempo. Olavo de Carvalho e o americano Steve Bannon, por exemplo, reuniram-se algumas vezes. Os dois conversaram com Aleksandr Dugin igualmente¹⁵.

Depois de assessorar o presidente Donald Trump, de ser preso e condenado nos Estados Unidos por fraude, Steve Bannon é hoje figura saliente nas hostes conservadora e tradicionalista dos Estados Unidos atuando principalmente como lobista. Seu papel como estrategista foi marcante na consolidação da figura do ex-presidente como candidato vencedor à presidência dos Estados Unidos. Na reveladora entrevista que concedeu ao programa *Frontline* da televisão pública PBS¹⁶ ele conta a transformação que produziu nas hostes do Partido Republicano ao conduzir uma campanha populista, nacionalista e apaixonada capaz de engajar os simpatizantes preferenciais de sua corrente, os trabalhadores americanos que perdiam seus empregos para os chineses. Explica que Trump assumiu a ideia de que o país estava em declínio e que sua missão era resgatar a grandiosidade americana perdida e sua soberania. Este alarme tinha sido divulgado pelo documentário *Generation Zero* que Bannon produzira e no qual explicava o colapso financeiro americano de 2008¹⁷.

A aproximação e a busca de afinidade com doutrinadores conservadores estrangeiros foram objetivos constantes das viagens internacionais iniciadas em 1989 por Dugin. Ele encontrou aliados na Itália, na França e na Rússia. Neste país a extrema-direita atua hoje sob influência do nacionalismo russo (LARUELLE et al.,

¹⁵ <http://debateolavodugin.blogspot.com/>

¹⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=pm5xxlajTW0>

¹⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=eCxHwyj6Hw0>

2015). Os falangistas espanhóis, por exemplo, influenciaram o que agora é descrito como sendo o nazismo esotérico de Dugin. Outros preferem a expressão ocultismo folclórico ou *völkisch* para descrever a bricolagem que o pensador russo faz de ideias místicas e políticas.

A fonte original de inspiração de Dugin foi um grupo underground e boêmio que operou entre os anos 60 e 80 conhecido como Círculo Yuzhinsky (ou luzhinskii) (JAFE, 2019). Muitos comentaristas relacionam sua forma de atuar com a de Grigori Rasputin, que agiu como conselheiro na corte de Nicolau II, o último imperador do país. Por isso Dugin é rotulado por alguns de bruxo e por outros de “o cérebro de Putin” (BARBASHIN & THOBURN, 2014), uma avaliação que não é compartilhada por todos os observadores (LARUELLE, 2015). Para esses trata-se de uma aliança de conveniência e passageira entre o Kremlin e Dugin. Esta atitude de prestígio os governantes de Moscou concedem igualmente a outros intelectuais e grupos do país (ANTONOVİČ, 2014). É o caso celebrado de Ivan Alexandrovich Ilyin (1883-1954), um ideólogo nacionalista, anticomunista exilado, simpático ao nazismo e fascismo, redescoberto e amplamente referido agora pelas autoridades do país.

A verdade é que há uma verdadeira obsessão com a figura de Dugin, tanto no Oriente como no Ocidente. Ele é chamado de teórico conspirador, maquiavélico manipulador, guru, o mais perigoso filósofo do mundo e uma das 100 personalidades mais influentes da atualidade, conforme a revista *Foreign Policy*. Lembra o desempenho de Noam Chomsky e de Jean Paul Sartre entre outros intelectuais que sabem ou souberam espalhar com algum espalhafato o que pensam ou pensavam sobre temas polêmicos contemporâneos. Dugin tornou-se famoso ao formular em 1997 uma doutrina política baseada no Eurasianismo, uma visão que se tornou popular a partir de 1999, ano da queda do liberal Boris Iéltsin¹⁸.

Sua obra *Fundamentos da Geopolítica: o Futuro Geopolítico da Rússia* é agora referência das academias militares do país. Em boa medida é uma resposta às ideias de Zbigniew Brzezinski, o estrategista americano de origem polonesa que ajudou a definir a política dos Estados Unidos contra a União Soviética.

¹⁸ <https://agdugintranslate.gitbook.io/foundations-of-geopolitics/>

O autor russo sugere às autoridades de Moscou retomar a guerra fria. Ela parecia ter começado com a intervenção dos hackers russos nas eleições que elegeram Joe Biden ao governo dos Estados Unidos, com a troca de mensagens agressivas entre o novo presidente americano e Vladimir Putin, com as sanções econômicas impostas por Washington à Moscou em 2021 e com o apoio ocidental à Ucrânia em seu embate militar com as tropas de Moscou.

Dugin vislumbra a Eurásia como o espaço geográfico que une os povos do leste da Europa. Esta ideia tinha sido apresentada em 1920 por vários pensadores, entre eles o renomado linguista e príncipe exilado Nikolai Trubetskoy. Em seu livro *Europa e a Humanidade* diz que a Rússia é uma entidade distinta da Europa, pois une em sua história o legado do império mongol e a tradição bizantina.

Tal interpretação da história reapareceu nos discursos das autoridades russas que manifestavam em 2020 o desejo de retomar o controle de vários territórios da Ásia. Uma primeira iniciativa nesta direção promovida pelo neossovietismo foi o estabelecimento em 2015 da União Econômica Eurasiana. Ela se inspira nos padrões comerciais estabelecidos pela União Europeia. Aliança militar similar à OTAN existe hoje entre seis estados que pertenciam à antiga URSS.

As ideias de Trubetskoy renasceram na década de 1980 graças ao historiador Lev Nikolayevich Gumilev. O espaço político deixado por sua morte em 1991 foi logo ocupado por Dugin que defende uma visão de mundo antiamericana. O bruxo russo prevê a absorção da Finlândia e a modificação completa do mapa político do leste europeu e da Ásia. Sugere uma aliança com o mundo muçulmano sunita e com o Irã xiita, algo que parecia estar acontecendo em 2022 como decorrência da guerra contra os vizinhos ucranianos. Dugium diz como tratar a Armênia, o Azerbaijão, a Geórgia, os curdos e outros povos e estados vizinhos ao seu país. Quer estimular o separatismo político da população negra dos Estados Unidos. Vislumbra igualmente uma profunda modificação nas fronteiras da China.

Sua luta é definida como ideológica. Nomeia como inimigo Aleksei Navalny preso ao retornar à Rússia, recém-chegado da Alemanha onde se recuperou do envenenamento realizado por agentes secretos do governo de Moscou. Acabou condenado a dois anos de confinamento numa colônia penal. Ele é o único opositor

a Vladimir Putin que em 2021 restava de uma lista de fortes antagonistas que incluía o liberal Boris Nemtsov, assassinado em 2015; o comunista Sergei Udaltsov; o nacionalista Alexander Potkin; o ex-primeiro ministro Mikhail Kasyanov e o campeão mundial de xadrez Garry Kasparov.

A forma autoritária de governar a Rússia, a que existe desde os tempos dos Czares e da ditadura comunista, estava sendo chamada em 2021 pelos cronistas políticos de putinismo. É uma maneira de nominar a democracia iliberal de Vladimir Putin e de seus aliados, os siloviks, os funcionários da elite burocrática recrutados no aparato militar e de segurança do país.

As principais características do putinismo são o autoritarismo, o nepotismo, a pompa imperial, o conservadorismo moral, o expansionismo político, a beligerância armada, o nacionalismo ideológico, o culto à personalidade, a censura à imprensa, o antiocidentalismo, o jingoísmo, a nostalgia ao passado e a ligação estratégica da autoridade política com a Igreja Ortodoxa Russa. Esta forma de operar foi descrita de forma épica em abril de 2015 num documentário de 150 minutos transmitido pelo canal VGTRK.¹⁹ Algumas dessas marcas ecoam as sugestões de Dugin sobre a formação do novo império russo. Elas recordam também o conceito de espaço vital desenvolvido no século XIX pelo alemão Friedrich Ratzel, pelo inglês Halford John Mackinder, pelo general alemão Karl Haushofer e mais recentemente pelo russo Pyotr Savitsky.

Em 2020, o pan-eslavismo estava sendo utilizado por Dugin e pelas autoridades para justificar a incorporação à Rússia de regiões da Ucrânia. Ele afirmava então ser impensável ver seu país sem colônias.

Em seu texto, *Da Sagrada Geografia à Geopolítica*²⁰, Dugin diz que o Leste é herdeiro da tradição e que o decadente Oeste é profano. Ele elabora uma visão mágica do território russo descrito como a Nova Roma²¹. Hoje em dia, o Movimento Internacional Eurasiano atua como ONG e declara ter filiais em 22 países. Entre eles estão os membros da Comunidade dos Estados Independentes, vários países europeus, Estados Unidos, o Chile e cinco países do Oriente Médio. As ideias deste

¹⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=HyNcbVuDJyA>

²⁰ <https://eurasianist-archive.com//alexander-dugin-from-sacred-geography-to-geopolitics/>

²¹ <http://evrazia.org/modules.php?name=News&file=article&sid=1886>

movimento são divulgadas, em inglês, na revista *Journal of Eurasian Affairs* fundada em 2013²².

Para Dugin, a Rússia é uma ideia. Este fato explica porque sua doutrina tem sido enquadrada pelos comentaristas no campo da geopolítica teológica (MOSBEY, 2020). Sua obra está sendo publicada no Ocidente pela editora Arktos, fundada pelo ex-nazista sueco Daniel Friberg. Seu tradutor para o inglês, Michael Millerman,²³ sofreu forte represália de acadêmicos por ter realizado estudo doutoral sobre sua obra na Universidade de Toronto²⁴.

No debate que Dugin manteve com o francês Bernard Henry Lévy, com o búlgaro Ivan Krastev e com o americano Fukuyama disse que a liberdade, para seu povo, é o estabelecimento de uma identidade coletiva²⁵. O país preferiu no passado o czarismo, depois o comunismo, a seguir a ortodoxia religiosa seguida agora do eurasianismo, mas não do individualismo, considerado por ele como o valor supremo do liberalismo. Esta opção não surpreende, pois, as crenças fundamentais de um povo resistem a súbitas mudanças (LEWIS, 1996). Segundo este autor, os traços comportamentais dos russos após a perestroika são similares aos dos tempos czaristas (p. xii).

Encantamento

O Laissez-faire econômico produziu a liberdade moral e legal que assegura à pessoa o direito de assumir o estilo de vida de sua preferência e a pensar e a expressar sua opinião livremente. O traço antiautoritário deste tipo de entendimento é saliente. Certamente, ele causa repulsa aos que pensam saber e desejam dominar a verdade impondo-a aos milhares de hereges que desafiam as normas estabelecidas pela autoridade. A sociedade aberta abala, com frequência, os ditames da tradição estando disposta a pagar o preço cobrado pelo eventual fracasso de uma inovação.

²² <http://www.eurasianaffairs.net/>

²³ <https://utoronto.academia.edu/Michaelmillerman>

²⁴ <https://www.chroniclesmagazine.org/interview-with-a-condemned-academic/>

²⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=wliKiDnMSFw>

Dugin afirma que, em sua cultura, predomina algo distinto, “a sensação cósmica do todo”. O principal objetivo do tradicionalismo é encantar a vida social da Rússia com os valores culturais e religiosos locais. O pensador russo quer resgatar a antiga proeminência de seu país no cenário internacional, uma ambição que responde ao luto que perdura na opinião pública do país após a derrocada política da União Soviética. Este desejo explica o surgimento de associações militantes, como é o caso do Clube Izborsk fundado em 2012 neste vilarejo localizado na fronteira da Estônia.

Este *think tank* reunia, naquele ano, intelectuais envolvidos em estudos sobre a situação geopolítica do país. O grupo almejava transformar as fronteiras da Rússia com os países do Báltico, do Mar Negro e do Adriático; fortalecer o poder imperial da Rússia e dividir a região em duas áreas de influência, uma alemã e outra russa. Sua ambição era abrir a conflagração no “front cultural”. Para tanto, promoveu a visão denominada de Projeto de Sérgio, uma referência a Sérgio de Radonege (1314-1392), um dos mais populares santos da Igreja Ortodoxa russa. O plano previa recuperar as tradições locais, o império e sua unidade. Dizia também que as fronteiras da antiga URSS são sagradas (LARUELLE, 2016).

O Clube Izborsk é uma entre várias instituições e fundações conservadoras criadas na Rússia contemporânea com o objetivo principal de renovar a ideologia nacionalista, atrair e controlar a intelectualidade e difundir ideias de interesse do Kremlin. Isso explica o financiamento oficial que muitos desses grupos recebem do Estado.

Predomina nesses círculos a nostalgia da era soviética e o desejo de círculos de opinião à ideia de o país retomar sua oposição aos Estados Unidos (LARUELLE, 2019). Porta-voz dessa posição é Vladimir Zhirinovsky, líder do Partido Liberal Democrata, conhecido por suas declarações favoráveis à pureza étnica russa (LARUELLE, 2010; pp. 19–31).

A pesquisa realizada pelo Instituto Levada, em fevereiro de 2020, mostrava que a população russa romantiza a antiga URSS.²⁶ Joseph Stalin é o líder mais

²⁶ <https://3a-cccp.livejournal.com/>

admirado²⁷. Todas as faixas etárias definem o declínio do país como uma tragédia. Desejam que ele volte a ser uma potência e a ter a coesão nacional e o sentimento de confiança que possuía na era comunista. Esta nostalgia atingiu igualmente 51% da população de 11 países que participavam da União Soviética²⁸.

A imagem cultivada da URSS pelos russos. 2020

A União Soviética foi o melhor período da história nacional	82%
Queremos retornar ao que era	28%
A Rússia tem o seu próprio caminho	58%
Prefiro o estilo de desenvolvimento europeu	10%
Lembro da escassez econômica existente na URSS	4%
Lembro a repressão política que existia nos países comunistas	1%

Fonte: Instituto Levada

As ideias de Dugin são difundidas por uma extensa e complexa rede de comunicação em várias línguas²⁹ e também através do Movimento Eurasiano Internacional. Cada país acaba adequando este ideário a suas necessidades e particularidades. Seus escritos desfrutam hoje de alguma popularidade em países como a Turquia e a Grécia onde também atuam grupos e partidos neofascistas. No caso do Paquistão, por exemplo, a obra de Dugin foi adicionada à literatura exigida dos alunos da principal madrassa da cidade de Carachi.

Na Hungria, o líder do partido Jobbik (Por uma Hungria Melhor), Gábor Vona, é próximo desses círculos. Ele compartilha o diagnóstico de Dugin de que a globalização é um processo antitradicionalista, favorável aos interesses das potências ocidentais e uma maneira do liberalismo controlar intelectualmente o mundo (2014). Outras personalidades desta corrente são Russel Kirk, um dos principais líderes do novo conservadorismo norte-americano (HENRIE, 2004); Marco Pallis (1895-1989), autor britânico de obras sobre filosofia perene e budismo tibetano; o teólogo cristão francês Jean Borella; o filósofo britânico Martin Lings (1909-2005), que assumiu o nome de Abu Bakr Siraj Ad-Din depois de ser converter ao Islã durante a visita que fez a René Guénon na cidade do Cairo em 1940; o filósofo suíço-alemão Titus Burchardt (1908-1984), e o historiador e filósofo ceilonês,

²⁷ <https://www.themoscowtimes.com/2013/03/02/poll-finds-stalins-popularity-high-a21998>

²⁸ <https://news.gallup.com/poll/166538/former-soviet-countries-harm-breakup.aspx>

²⁹ <https://traditionalistblog.blogspot.com/2017/08/traditionalism-in-contemporary-russia.html>
<http://austrasia.ru/>; <https://politconservatism.ru/> <http://4pt.su/pt-br/topics/4pt>

Ananda Kentish Coomaraswmy (1877-1947), fundador da Escola Perennialista junto com René Guénon e Fritjof Schuon.

Catolicismo

Jacques Maritain é considerado predecessor dessa corrente. Em *Le Paysan de la Garonne*³⁰, ele manifesta sua contrariedade às reformas liberais adotadas pelo Concílio Vaticano II. Suas ideias exerceram forte influência sobre Gustavo Corção, um dos mais célebres autores conservadores do Brasil convertido à Igreja em 1939 também por influência de Alceu Amoroso e Lima (conhecido pelo pseudônimo literário Tristão de Ataíde) que se tornou católico em 1928. Corção tornou-se oblato e passou a colaborar com *A Ordem* publicada pelo Centro Dom Vital.

Esta entidade conservadora, fundada em 1922 no Rio de Janeiro, se tornou um dos principais centros intelectuais do catolicismo nacional. Reuniu figuras como Nestor Vítor, Tasso da Silveira, Andrade Murici, Plínio Correa de Oliveira, José Barreto, Alexandre Correio, Durval de Moraes, Juarez Távora, Jônatas Serrano, Mário de Paulo Freitas e Heráclito Sobral Pinto além de Amoroso e Lima que assumiu sua direção em 1928.

Para esse grupo, o fascismo em ascensão na década de 1920 era o aliado natural da Igreja católica na sua luta contra o comunismo. Uma de suas campanhas advogou a causa do ensino religioso nas escolas públicas, em especial o catolicismo visto pela entidade como a religião oficial do país. O grupo acabaria se dividindo devido a divergências internas. Mesmo assim, a influência da entidade permaneceu saliente até ela ser compartilhada pela Ação Integralista Brasileira que passou a representar a causa do catolicismo e do tradicionalismo no país. A atividade política de ambas e de outras organizações que surgiram com objetivo evangelizador se expandiu por várias localidades do país. Entre elas está a Editora Vozes fundada em 1901. Ela assumiu o tradicionalismo até mudar de posição e adotar a teologia da libertação, na década de 1980, sob a direção e influência do frei Leonardo Boff. A

³⁰ https://archive.org/stream/ThePeasantOfTheGaronneAnMaritainJacques4738.o/The%20Peasant%20of%20the%20Garonne_%20An%20-%20Maritain%2C%20Jacques_4738.o_djvu.txt

partir de 1942 vários membros do Centro acabaram migrando para a União Democrática Nacional (UDN) e para o Partido Democrata Cristão (PDC). Em 1964, a revista *A Ordem* deixou de circular devido às disputas internas que separaram Gustavo Corção e Amoroso e Lima.

Corção fundaria então o Grupo Permanência e a Editora Presença, apoiada por vários simpatizantes solidários com suas posições políticas. Suas ideias tradicionalistas estão presentes principalmente nas obras publicadas em 1967 (*Dois Amores e Duas Cidades*) e em 1974 (*O Desconcerto do Mundo e O Século do Nada*). Hoje o principal objetivo do Centro Dom Vital é sustentar a restauração católica. O termo expressa o persistente mal-estar causado pela decisão republicana em favor do estado laico e em oposição ao catolicismo como religião oficial do Brasil. O novo regime permitiu também a liberdade de culto e a expansão consequente do luteranismo, algo que desagradou fortemente a Igreja da época. Essa posição foi tomada sob a influência britânica que no século XIX se tornou o principal paladino do liberalismo político no mundo.

A Pastoral Coletiva de 1890, o documento redigido por Dom Antonio Macedo Costa do Pará e assinado por todos os bispos católicos durante o primeiro encontro do episcopado brasileiro se posicionaria contra as diretivas da República brasileira. Ela secularizou os cemitérios, reconheceu somente o casamento civil, cancelou o subsídio aos cultos e igrejas e instituiu o ensino laico nas escolas. A reação da Igreja incluiu o recrutamento de leigos para atuar como "soldados de Cristo". Tal militância, feita através de movimentos e de grupos, tinha como objetivo declarar a infabilidade papal, proclamar novos dogmas, condenar as heresias e lutar contra a modernidade e seus valores liberais, entre eles o positivismo e o anticlericalismo (SOUSA JUNIOR, 2015).

A missão restauradora do papel da Igreja no país implicava em criticar e se opor também à maçonaria (SILVEIRA, 2018). A Ação Orleanista atua agora com objetivo similar.³¹ Ela sucedeu o Pátria Nova, o movimento monarquista fundado em 1928 e que permeneceu ativo até 1964 (com algumas interrupções). Este grupo

³¹ https://www.youtube.com/watch?v=OyS0Mc_ZcSQ

manteve milícias armadas preparadas para combater o comunismo. Muitos de seus membros acabaram migrando para o Movimento Integralista Brasileiro.

A intelectualidade tradicionalista brasileira reuniu-se também em torno das revistas Reconquista e Hora Presente que circularam de 1950 a 1985. Entre todos esses grupos e movimentos católicos os integralistas foram os que mostraram atividade política mais expressiva (CRUZ, 2011). O grupo adotou não só os trejeitos simbólicos do fascismo italiano como também várias de suas ideias.³² Sua doutrina inspira-se no Sílabo dos Erros de Nossa Época, promulgado pelo Papa Pio IX em 1864, como apêndice da Encíclica Quanta Cura. Entre as 80 heresias da modernidade citadas no documento, estão o racionalismo, o socialismo, o comunismo e o casamento civil. Outras duas encíclicas, o Etsi multa de 1873 e o Lamentabili sane exitu de 1907³³, complementam esta interpretação antimoderna do catolicismo. A doutrina diz que

“o integralismo católico é uma tradição de pensamento que insiste que o poder político deve guiar o homem ao seu último fim, rejeitando a separação liberal entre a política e os fins da vida humana. Porém, porque o homem tem um fim eterno e um fim temporal, o integralismo afirma que existem dois poderes que o governam: poder eterno e poder temporal. Por causa da subordinação do fim temporal do homem ao seu fim eterno, o poder temporal é obrigado a ser subordinado ao poder espiritual”³⁴.

Ativistas conservadores de hoje permanecem fiéis aos pressupostos³⁵ antimodernos instituídos pelo Papa Pio X (1903-1914). A encíclica Pasceni dominici gregis (Alimentando o rebanho do Senhor) afirmou que o modernismo era “a síntese de todas as heresias”. Estabeleceu um juramento de fé (Sacrorum antistitum) exigido dos padres, bispos e professores contra a modernidade³⁶. O ato acabaria suprimido pelo Papa Paulo VI³⁷.

³² <https://www.youtube.com/watch?v=sDj9NKZbSPE>

³³ <https://www.newadvent.org/cathen/14368b.htm>

³⁴ <https://thejosias.com/2018/09/03/o-integralismo-em-tres-frases/>

³⁵ <https://www.facebook.com/Ordem.Batalha/>

³⁶ <https://www.papalencyclicals.net/pius10/p10moath.htm>

³⁷ <https://permanencia.org.br/drupal/node/5257>

No Brasil o conservadorismo permanece vivo e forte em organizações como Tradição, Família e Propriedade (TFP) fundada por Plínio Côrrea de Oliveira. Ele se manifestou ao longo da vida (1908-1995) contra a posição progressista do catolicismo que se negou, por exemplo, a evangelizar os índios³⁸. Seu sucessor, o Instituto que leva seu nome³⁹, se mostra alarmado com a crise do Ocidente cristão causada, em sua opinião, pelas posições favoráveis do Vaticano ao multiculturalismo, ao ambientalismo, às demais religiões e à imigração de muçulmanos aos territórios cristãos.

A TFP se posiciona igualmente contra os valores liberais, entre eles o consentimento à homossexualidade, ao aborto, aos direitos das minorias raciais assim como ao comunismo. A crise do Ocidente é em sua visão resultado de um profundo vazio espiritual que a Igreja católica atual se mostrou incapaz de preencher.

O secularismo avançou principalmente no continente europeu tornando os antigos domínios católicos um local onde é escassa a presença da atuação da Igreja, apesar de seus templos magníficos visitados por turistas. Em resposta, os núcleos tradicionalistas remanescentes tentam revigorar a antiga liturgia. Acusam o Concílio Vaticano II de ser a causa da decadência da Igreja e do conseqüente crescimento protestante em várias partes do mundo, inclusive na América Latina.

No mundo cristão, a crise entre os pressupostos da tradição e da modernidade liberal⁴⁰ dividiu igualmente os teólogos de outros ramos cristãos. A Igreja Ortodoxa da Grécia e outras ortodoxias nacionais também avaliaram as novas tendências reformistas como ameaça (ROUDOMETOF, 2014; p. 146). No caso do catolicismo, reação caracteriza a atitude dos 500 mil simpatizantes da Fraternidade Sacerdotal São Pio X, organização católica tradicional fundada pelo arcebispo francês Dom Marcel Lefebvre em 1970.

³⁸ https://www.pliniocorreadeoliveira.info/Tribalismo_last_corre%C3%A7%C3%A3o.pdf

³⁹ <https://ipco.org.br/>

⁴⁰ https://en.wikipedia.org/wiki/Modernism_in_the_Catholic_Church

Neotribalismo

Queixa adicional contra a modernidade, esta surgida no Ocidente, é exemplificada pela manifestação do historiador Lewis Mumford. Ele denunciou o culto à tecnologia. Disse que isso leva a humanidade ao desastre. Esta desconfiança é expressa de maneiras diversas no século XXI pelos simpatizantes do ambientalismo, do anarcoprimitivismo, do neoludismo, do neotribalismo, da teologia da libertação e do indigenismo.

A mecanização e as tecnologias emergentes são alvo das críticas dos humanistas da velha guarda como é o caso também do pensador cristão Jacques Ellul (1912-1994) e do filósofo Langdon Winner. Outros mais recentes, entre eles o antropólogo colombiano Arturo Escobar e o ativista mexicano Gustavo Esteva, fundador da Universidade de la Tierra, se inserem nesta corrente que reage à ideia de que o Sul sofre de atraso cultural como exposto em *Underdevelopment Is a State of Mind: The Latin American Case* escrito por Lawrence E. Harrison (2000).

Para os alternativos de agora⁴¹ o valor supremo a ser considerado é a felicidade, algo que deve ser medido pelo FIB (Felicidade Interna Bruta). O termo foi utilizado pela primeira vez em 1979, durante uma entrevista do (ex) rei Jigme Singye Wangchuck do Butão. Ele disse: "Nós não acreditamos em Renda Nacional Bruta. Felicidade Nacional Bruta é mais importante". O novo indicador (FIB) livra-se assim dos dados macroeconômicos e avalia o bem-estar psicológico, a saúde do povo, o uso do tempo livre pelas pessoas, a vitalidade comunitária, a educação, a cultura, o meio ambiente, a governança e o padrão de vida de uma sociedade, entre outros fatores considerados relevantes pela subjetividade humana (WAINBERG, 2020).

Entre os amargurados de hoje ressurgiu o antigo argumento ludita. Na origem, no século XVIII, este movimento se rebelou contra os efeitos sociais causados pela invenção da máquina a vapor. Ela permitia que a manufatura fosse substituída pelas máquinas. Nedd Ludd, líder dos artesãos, comandou o protesto contra os novos equipamentos de sua época. O grupo floresceu na Inglaterra entre 1811 e 1816.

⁴¹ <https://dark-mountain.net/>

Este sentimento reapareceu no manifesto publicado em 1990 pela ativista Chellis Glendinning (1994)⁴². No ano seguinte nasceria o movimento neoludita com a realização do Fórum Internacional Sobre Globalização no Hunter College de Nova York. Alguns desses grupos já agiam e outros passaram a agir de forma violenta⁴³. São os casos do *Il Silvestre* fundado em 1998 na Itália; do *Obsidian Point Circle of Attack* membro do *War on Society*, uma rede anarquista;⁴⁴ dos *Black Blocks*, que atacam desde a década de 1980 vestidos de preto e mascarados e do *Individualidades Tendiendo a lo Salvaje – ITS*⁴⁵. Outro exemplo ainda é a *Frente de Libertação da Terra* (ELF) fundada em 1992 no Reino Unido. Esta organização utiliza técnicas de ecossabotagem e está presente em 17 países⁴⁶.

O Brasil experimentou, em 2001, este tipo de ação ao observar a destruição de parte da plantação experimental de soja transgênica da empresa Monsanto, em Gouveia, no Rio Grande do Sul, realizada por lavradores liderados pelo francês José Bové. Este tipo de desobediência civil é prática frequente dos atos dissidentes. Tal ideia foi formulada originalmente por Henry David Thoreau (1817-1862) num ensaio escrito em 1849 (THOREAU, 1999). Ele influenciou fortemente o anarquismo, autores como Tolstói, a militância de vários grupos políticos (como o Movimento Solidariedade na Polônia) e ativistas (entre eles Mahatma Gandhi). Foi tática de luta aplicada pelo *Reclaim the Streets*, o grupo surgido em Londres na década de 1990 em protesto ao automóvel; pelo *The International Attack Network*, que luta pela regulação dos mercados financeiros internacionais; pelo grupo ecológico *Earth First*, surgido nos Estados Unidos em 1979 e pela *Confederação Paysanne* francesa. Casos de desobediência civil se multiplicaram também no Brasil nas ações dos militantes da *Via Campesina*.

Outro tema popular na tendência neoludita atual é o debate sobre a concorrência das novas tecnologias aos empregos tradicionais. É clara a indisposição dos rebelados aos robôs, aos aparatos digitais, à TV interativa, à fibra

⁴² <https://theanarchistlibrary.org/library/-notes-toward-a-neo-luddite-manifesto.lt.pdf>

⁴³ <https://www.theguardian.com/world/2012/may/11/italian-anarchists-kneecap-nuclear-executive>

⁴⁴ <https://waronsociety.noblogs.org/?tag=obsidian-point-circle-of-attack>

⁴⁵ <https://theanarchistlibrary.org/library/individualists-tending-toward-the-wild-communicues>

<https://www.nature.com/news/2011/110822/full/476373a.html>

⁴⁶ https://www.youtube.com/watch?v=xmQ_2irkEOo

ótica, à biotecnologia, aos supercondutores, aos supercomputadores, à nanotecnologia e às máquinas inteligentes⁴⁷. Este desenvolvimento tecnológico é avaliado como forma de controle social e julgado como ameaça à sobrevivência humana⁴⁸. Esses militantes advogam a causa de uma vida despojada. Esta tendência é bastante conhecida, pois tem sido praticada pelos Amish, pelos Menonitas, pelos Quakers e por outras comunidades alternativas.

Um estilo de vida ainda mais radical é defendido por uma variedade de pensadores e ativistas que desejam viver sem tecnologia. Reclamam que ela os afasta da natureza. Sua doutrina é o que agora é chamado de ecologia profunda. Nesta visão proposta originalmente pelo norueguês Arne Næss em 1973 a interferência tecnológica abala a delicada teia de relações entre os seres vivos. Difere, portanto, da abordagem da ecologia rasa considerada antropocêntrica. Deriva de sua formulação conclusões que sugerem o controle populacional e o minimalismo. A ecologia profunda se inspira no estilo de vida indígena que soube compatibilizar a existência humana com a sobrevivência da natureza por milhares de anos.

Os anarcoprimitivistas e os neotribalistas observam com interesse os usos e os costumes dos povos Kung e Mbuti que vivem em Angola⁴⁹ e na Namíbia, por exemplo. De certa forma querem imita-los e assim fazer nascer a figura do bom selvagem como proposto originalmente por Jean Jacques Rousseau em sua obra Do Contrato Social de 1762. O termo neotribalismo é utilizado igualmente pelos que desejam recuperar a sensação de pertencimento grupal, seja ele linguístico, religioso, de sangue e/ou de crença.

O grito dos rebelados da atualidade é contra a civilização moderna marcada que é pelas cidades apinhadas de gente, pela poluição industrial e pelo aquecimento global. O cenário distópico de uma Londres sufocada pela poluição industrial foi antecipado em 1880 pela novela *The Doom of the Great City*, escrita por William DeLise Hay. O autor acompanhou a tendência da época de anunciar grandes desastres que transformariam o mundo.

⁴⁷ https://www.ted.com/talks/andrew_mcafee_are_droids_taking_our_jobs

⁴⁸ <https://paleofuture.gizmodo.com/17-jobs-that-robots-were-supposed-to-steal-by-now>

⁴⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=AAJctSKzN-E>

O rancor dos indignados caracteriza também as diferentes vertentes do anarquismo desde o século XIX (GUÉRIN, 2009). O geógrafo Elisée Reclus (1830-1905), por exemplo, diria que "nosso destino é alcançar um estado de perfeição ideal no qual as nações não precisam estar sob a tutela de um governo ou de outra nação; é a ausência de governo, é a anarquia a maior expressão de ordem" (RECLUS et al., 2004).

Sua oposição veemente ao capitalismo tornou o anarquismo uma ameaça à ordem social estabelecida. Emma Goldman, por exemplo, passou vários períodos na prisão por articular uma rebelião política. Acabaria sendo enviada dos Estados Unidos ao exílio soviético de onde partiria rumo à França decepcionada com o que vira no país comunista.

Como no caso tradicionalista atual, o objetivo da utopia anarcoprimitivista não está à frente, mas no passado (EL-OJELI & TAYLO, 2020). A *bete noire* do *establishment* desta tendência é John Zerzan (2012), herdeiro intelectual de Ted Kaczynsk, conhecido por Unabomber. Este codinome lhe foi dado pelo FBI, que o procurou entre 1978 e 1995 em decorrência de seus ataques a bomba contra institutos de pesquisa e cientistas, alvos que ele odiava e desejava destruir por se dedicarem a propor inovações tecnológicas que ele queria evitar. Seu longo e denso manifesto, publicado em setembro de 1995 no Washington Post e no New York Times, tornou-se o documento fundador dessa nova tendência. Em seu primeiro parágrafo, o autor apresenta o principal argumento do documento. Ele diz que "a Revolução Industrial e suas consequências têm sido um desastre para a raça humana"⁵⁰.

Hoje essa queixa é nomeada de "resistência ambiental". Esta concepção, favorável à pequena escala, à habitação simplória e à alimentação natural, se desenvolveu principalmente nos anos 80 e 90. Desde então, ela persiste em várias partes do mundo. Decorre que o primitivismo é herdeiro desta tradição que abomina a ideia de progresso. A vida selvagem é valorizada. É vista como a única que permite a pessoa viver livremente. Este é um tema que interessa também ao movimento indigenista mencionado anteriormente.

⁵⁰ <https://www.washingtonpost.com/wp-srv/national/longterm/unabomber/manifesto.text.htm>

No Brasil, José Lutzenberger, o fundador do movimento ambientalista nacional, nunca se declarou primitivista, muito embora seu discurso fosse altamente crítico do desenvolvimento econômico capitalista. Este é um caso adicional de conversão ideológica. Depois de servir à Basf como engenheiro-agrônomo, rebelou-se contra a degradação do campo e da natureza causada pelas práticas produtivas e por herbicidas e pesticidas. Sua indignação comoveu a geração dos anos 70 que encontrou no tema da preservação do ambiente uma nova maneira de lutar contra o sistema, o que na época significava oposição à ditadura militar brasileira.

A preservação da Amazônia é tema adicional que envolveu seu movimento. Ele mobiliza no país e no exterior vários grupos de revoltados contra o descaso humano com o meio ambiente. Lutzenberger envolveu-se pessoalmente com o tema ao se tornar ministro do governo Fernando Collor de Mello.

Estes fatos explicam porque os termos tribo e rede são hoje intercambiáveis, a despeito da imprecisão semântica. Isso acontece porque a estrutura deliberativa, cooperativa e igualitária é compartilhada. A vida digital é interpretada como um retorno ao estilo de vida original que agora é idealizado. Ele antecedeu os organogramas altamente hierarquizados e as relações livres de mercado, as que são amaldiçoadas por quem deseja outro tipo de sociedade.

Ou seja, a visão rebelde desmontou o modelo linear que prevê uma jornada histórica que parte das famílias aos clãs e depois às tribos, aos bandos, às nações, aos estados, aos impérios e ao mundo hiperconectado e globalizado. Persistiu no imaginário coletivo a nostalgia por um estilo de vida coletivista, o que existiu no passado longínquo e que foi reproduzido em experiências levadas a cabo em pequenas comunidades em várias partes do mundo. Viver dessa forma foi o estilo adotado também nos mosteiros, nas fraternidades e nas irmandades religiosas.

A tribo vista como uma família extensiva é idealizada porque parece oferecer solução à solidão e a outros problemas humanos da atualidade. Além do mais, o tribalizado não sente a necessidade da acomodação à incessante transformação da realidade. A vida é serena porque é pacata. Mantem-se a estabilidade graças à fidelidade do indivíduo ao código de honra e moral do grupo de afinidade.

Isso ajuda explicar porque os estados tradicionais são os mais estáveis no Oriente Médio.⁵¹ São os casos de Omã, do Marrocos, dos Emirados Árabes, da Jordânia e da Arábia Saudita. As ideias liberais estão sendo confrontadas na Turquia. O socialismo foi expulso do Iêmen e do Afeganistão. E a democracia foi deixada de lado no Egito. Na Jordânia, predomina a solidariedade tribal beduína. É ela que assegura a estabilidade do regime monárquico local. A Líbia, depois de Kadafi, voltou a ser palco dos embates de 300 grupos rivais. As alianças políticas surgem e desaparecem facilmente no Líbano, um país dividido entre cristãos maronitas, muçulmanos (sunitas e xiitas) e drusos. Os curdos lutam por independência na Turquia e no Iraque. No Irã, a revolução islâmica expulsou os hábitos e os costumes liberais importados do Ocidente pelo Xá Mohammad Reza Pahlavi.

Retorno ao solo

A tendência de celebrar os hábitos e os costumes do passado tem afinidade com o movimento de Retorno ao Solo (*Back to the land*) popular nos anos 60 e 70.⁵² Ele divulgava a mensagem em favor do abandono das cidades em prol da vida próspera em vilas ecológicas. Os militantes se autodefiniam como refugiados urbanos. Hoje o projeto Global Ecovillage Network⁵³ reúne iniciativas deste tipo em várias partes do mundo.

É fácil perceber, portanto, o que os movimentos políticos conservadores, as correntes filosóficas restauradoras e o tradicionalismo têm em comum. A tendência regressiva é forte em todos. Para eles, o futuro é o passado. As utopias cederam lugar às retropias⁵⁴ cultuadas como sagradas.

Este termo refere a tendência dos intelectuais de esquerda da Europa Oriental dos anos 60 de buscar no estilo de vida dos camponeses da era pré-comunista um caminho novo para a sociedade capitalista. Desejavam resgatar fontes inspiradoras que fossem antiburocráticas, anticonsumistas e socialistas. Essa

⁵¹ Este argumento foi apresentado pelo orientalista Mordechai Kedar da Universidade Bar-Ilan, Israel.

⁵² <https://vimeo.com/142884370>

⁵³ <https://ecovillage.org/region/casa/>

⁵⁴ O termo é grafado também como *retrotopia*.

volta ao passado começou em 1934, quando 2.563 pesquisadores foram enviados para estudar a rotina de 114 vilarejos interioranos da Romênia que então compartilhavam mecanismos de apoio recíproco. Tornou-se naquela época célebre a monografia do sociólogo Henri H. Stahl sobre o vilarejo Nerej localizado no distrito de Vrancea da região da Moldávia (Stahl, 1939)⁵⁵.

Viver como antigamente é, no século XXI, uma alternativa aos aturdidos com os dilemas do presente. Nos círculos desiludidos reina o pessimismo com o estado do mundo, o que favorece a crença de que o ser humano já foi melhor do que agora. O ânimo coletivo dos anos 50 e 60 era o oposto, à exceção dos rebeldes marxistas que tentavam a revolução comunista na África, na América Latina e noutros lugares. Predominava então a fé no progresso tecnológico.

Feiras tecnológicas⁵⁶ chamadas de internacionais ou universais, montadas a partir de 1844 nas grandes cidades da Europa e dos Estados Unidos começaram a divulgar o progresso tecnológico. Para tanto, apresentavam as invenções que fascinavam as pessoas: a eletricidade, o telefone e a siderurgia, por exemplo. Revistas como a *Popular Mechanics*, fundada em 1902, popularizaram a temática da inovação e da ciência.

As feiras etnográficas dos séculos XIX e XX apresentavam aos visitantes grupos humanos que viviam estilos de vida classificados então de exóticos, primitivos e não civilizados. Povos da África, como os pigmeus e o das ilhas da Oceania são exemplos deste tipo de atração. A feira realizada em Paris em 1889, visitada por 28 milhões de pessoas, permitia a pessoa comparar o mundo do progresso com o descrito como selvagem.

Outro recurso utilizado para vender a ideia da modernidade foi a publicidade. Originalmente ela escolheu como ícones do novo tempo equipamentos de transporte e de comunicação como o telefone. Todos eles evocavam no público os motivos da velocidade e da mobilidade. Bens de consumo duráveis divulgados nos anúncios passaram a simbolizar igualmente o novo tempo. Eles ensejavam no público motivos

⁵⁵ Outras referências suas sobre o tema são *Sociologia da aldeia romena Devălmaș* (1946); *Contribuições para o estudo das aldeias devastadas na Romênia* (1950-1965); *As antigas comunidades de aldeias romenas; escravidão e penetração capitalista* (1966).

⁵⁶ https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_world_expositions

adicionais, entre eles o conforto propiciado pela sociedade do consumo que então tomava fôlego com a chegada das galerias de comércio e das lojas de departamentos como é o caso do Le Bon Marché fundada em Paris em 1838.

Mas isso tudo ficou para trás. O que se quer agora nas hostes conservadoras é resgatar no século XXI o que existiu e foi abandonado. A lista de dissabores é tão variada que cada atormentado consegue encontrar no passado o que deseja para justificar seu desejo de andar à frente de costas, olhando o que lhe ensina o legado herdado. Dessa maneira a pessoa romantiza o que existiu ou que imagina ter existido na história.

Na visão iluminista os seres humanos deveriam deixar a superstição de lado para acolher a razão e com ela a tiracolo alcançar a liberdade. O tradicionalismo restaurador é julgado pelos liberais como opressivo. É o que disse Bernard Henry Lévy à Dugin no debate entre ambos. "Suas ideias são mórbidas".

O mal-estar dos tradicionalistas lembra o cultivado pela esquerda que, nos séculos XIX e XX, militou contra o capitalismo e a democracia, considerada então uma invenção burguesa abominável. A fragilidade liberal deriva de sua moderação, pois não vislumbra solução aos problemas humanos na radicalização política e na agitação emocional das massas. É uma atitude anti-heroica indisposta aos gritos de guerra. Eles, no entanto, ecoaram em vários lugares. Esta prática de rotular os adversários é usual na política. É um truque retórico que serve aos fins do enquadramento do pensamento das multidões.

Os dois grupos, a nova direita e a nova esquerda, se enfrentam agora da mesma forma que os paleoconservadores e os paleocomunistas. Eles compartilham o mal-estar com a sociedade liberal de hoje. Isso acontecia em 2021, nos Estados Unidos, na Polônia, na Hungria, na Alemanha, na França e no Brasil, entre outros lugares. A maior parte dos choques era online, a arena da guerra ideológica da atualidade. Exemplo é a Rede Voltaire (www.voltairenet.org) que anunciava a decadência do modelo ocidental que "já não consegue garantir nem o interesse geral, nem a soberania popular. Ao acumular estas duas falhas ela junta os dois ingredientes para uma revolução generalizada. "

Outros endereços deste tipo são Russia Insider (<https://russia-insider.com/en>), uma fonte prestigiada pelos supremacistas brancos americanos e a GlobalResearch (<https://www.globalresearch.ca/>) usualmente descrita como anti-establishment, anti-imperialista, simpática ao governo de Assad na Síria e ao revisionismo negacionista do genocídio nazista contra os judeus. Era pró-Trump, pró-Brexit, apoiador de Viktor Orban, difusor de teorias conspiratórias contra as vacinas do Covid-19 e contra George Soros. Nos Estados Unidos um dos endereços conservadores mais conhecidos continua sendo Breitbart.com. Ele alcança mais de 100 milhões de leitores anuais exclusivos com sua prédica antiliberal. No Brasil são inúmeros os endereços eletrônicos que atuam da mesma forma e com o mesmo objetivo⁵⁷.

Retropia

Zygmunt Bauman denominou este jeito desgostoso de ver a realidade de mal-estar da pós-modernidade (1998). Os retrofóbicos dizem que os tradicionalistas perderam o élan da renascença: sua criatividade, o espírito inovador e seu racionalismo.

Muitos intelectuais exilados assumem a incômoda posição internacionalista por serem fronteiriços e por não se enquadrarem nos padrões culturais estabelecidos (RIBEIRO, 2012). Deriva a desconfiança reativa dos bem estabelecidos. Eles avaliam esta posição marginal como sintoma de infidelidade e de traição à nacionalidade. Dizem que os universalistas são quintas colunas e agentes do mal que contaminam com sua postura desenraizada a coesão grupal.

O mais comum é ver as pessoas se acomodarem nas cercanias de vizinhos que compartilham crenças, hábitos e língua. A tendência à homofilia cultural e educacional cresceu igualmente (McPHERSON & BRASHEARS, 2006). As pessoas interagem facilmente e com frequência com poucos amigos, os que lhe são parecidos, que lhe fazem companhia e lhe dão o conforto e a segurança de não serem

⁵⁷ <https://portalconservador.com/>
<https://brasilsemmedo.com/>

ameaçados pela diferença. Ocorre que a sociedade aberta é permeável e fluída. Com frequência o sujeito é desafiado por novas ideais e por novas crenças. Enfrentar a novidade resulta em angústia, dúvida e às vezes em violência. Nem sempre a moderação e a tolerância conseguem dominar o impulso à agressão mútua.

A força da cultura é programar a mente das pessoas e criar uma zona de conforto psicológico que permite o sujeito percorrer o ambiente conhecido e dominado de forma segura. É mais fácil apelar aos sentimentos de afinidade e de pertencimento a um grupo do que à humanidade geralmente vislumbrada como entidade distante e opaca.

Ocorre, no entanto, que a tendência cosmopolita se tornou urgente, pois os desafios ecológicos, econômicos e políticos só podem ser resolvidos globalmente. Neste tipo de cálculo, a pessoa percebe sua exposição às decisões dos outros (BECK, 2002). O distanciamento geográfico é mais fácil do que o psíquico.

A reverência à tradição deriva deste interesse em oferecer a cada sujeito uma história e um parâmetro moral herdado da experiência acumulada dos antepassados. Isso implica em culto e ritos permeados de riqueza simbólica. O que era antigamente ensinado oralmente migrou para os livros, para as celebrações e para a mídia. Ela mobiliza as massas a aderir aos hábitos estabelecidos, o que não impede a costumeira rebelião dos que desejam inovar e contestar o legado. Neste caso de conflito o que é velho e antigo surge como sagrado e o novo como profano.

Tradição é uma coleção de produtos cujo valor é simbólico e seu efeito é psicológico. Entre eles estão as parábolas, os cantos, os personagens, os fatos, os santos e os malditos e tudo o mais capaz de gratificar a pessoa a aderir a certo grupo e com os demais a cantar os hinos. É o que usualmente se chama de patrimônio simbólico ou cultural de um povo. Edward Shils definiu a tradição como sendo "qualquer coisa que é transmitida do passado ao presente".

O tema da identidade humana foi amplamente tratado por inúmeros pensadores, em especial, os expatriados que sentem na pele este sofrimento de estar num lugar e de pertencer a outro. Svetlana Boym⁵⁸ elaborou sobre sua experiência de refugiada da União Soviética e o sentimento de perda que atinge os imigrantes.

⁵⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=N1Jf5Li43n8>

Seu conceito de nostalgia restauradora é útil para descrever o que acontece com grupos tradicionalistas que buscam, através do ativismo político reconstruir um tempo esquecido e uma experiência perdida. Segundo suas palavras, os nostálgicos restauradores não querem simplesmente contemplar ou aprender do passado, sonhar com ele ou ainda lamentá-lo. “Eles querem reconstruir um lar perdido e conserta-lo”. Para tanto observam com esmero a realidade existente e consideram as mudanças que a realização do sonho requer⁵⁹.

Esta é, portanto, uma emoção histórica e coletiva e “o mal de um século”. Svetlana Boym também sugere a aventura de percorrer caminhos alternativos, algo que ela denominou de off-modern (SVETLANA, 2001, 2008). Este constructo refere um novo pertencimento e a descoberta de uma nova identidade que pode ser a antiga e esquecida. Trata-se de alerta de uma jornada perigosa que pode levar a pessoa a confundir o lar real com outro imaginário e fantasioso pelo qual as pessoas estão dispostas a matar e a morrer. O passado desejado no futuro é assim idealizado.

A nostalgia pode funcionar como uma saída ao abatimento dos que têm dificuldade para enfrentar a pequenez do dia a dia. Naturalmente, entrar no túnel do tempo e percorrer seus corredores é uma forma alucinada, mas frequente, de a pessoa escapar dos dilemas do presente. Este zigzague incessante para o futuro e para o passado explica a mudança de comportamento que ocorre, com alguma frequência, entre os que migram das utopias futuristas ao liberalismo, ao conservadorismo e também à retropia e ao culto à tradição, e vice-versa (BOOT, 2020).

Outra queixa antimoderna é expressa pelo verbete neofeudalismo utilizada por comentaristas. Entre os que usaram ou ainda utilizam o termo estão John Kenneth Galbraith (REISMAN, 1961), Jürgen Habermas (NECKEL, 2010) e Immanuel Wallerstein (2001). Trata-se de um prognóstico distópico que decorre da desigualdade social verificada nos países capitalistas e do consequente domínio das corporações e dos bilionários emergentes das companhias hightech que atuam como os novos senhores do universo sobrepondo-se às autoridades e às regras do estado-nação.

⁵⁹ <http://monumenttotransformation.org/atlas-of-transformation/html/n/nostalgia/nostalgia/.html>

O termo é provocador, caiu ao gosto dos críticos do neoliberalismo, pois se apropria da imagem feudal para mostrar a capacidade da nova classe dos poucos e poderosos ricos de montar e controlar seu próprio território, uma espécie de estado no qual ele age como líder supremo. O cálculo mostra que as 200 maiores corporações do mundo são maiores que as economias de 182 países e têm duas vezes mais influência econômica que 80% da humanidade.

A expressão neofeudalismo é uma forma de manifestar repulsa a este poder concentrado, à privatização de empresas públicas, uma medida que fortalece setores econômicos privilegiados como são os casos do sistema financeiro e corporativo que com seu poder fortalecido protegem seus interesses particulares. Também é uma maneira branda de manifestar o antigo mal-estar contido nos reclames marxistas e de outras ideologias contra o capitalismo e suas regras, as que facilitam o que agora acontece com o recrudescimento dos monopólios e oligopólios, com a manipulação do direito de propriedade e das regras do comércio e com o enfraquecimento da classe média em vários lugares.

Nesta visão crítica, o perigo se alastra com a privatização de bens coletivos e livres como a água, com a cobrança dos pedágios nas estradas e nos parques, com as prisões privadas, com o outsourcing, com o voucher escolar, com a expansão dos condomínios privados e vigiados por milícias particulares, com o uso de mercenários nos exércitos, com o enfraquecimento dos bancos públicos e dos sindicatos e com a chantagem que os investidores fazem para auferir benefícios injustos das autoridades.

A velha e a nova sociedade medieval. % da população	
Monarcas/Banqueiros Centrais	.00001%
Aristocracia/ Banqueiros Privados	.0001%
Clero/Elite Corporativa	.36%
Ministros Reais/Governantes Eleitos	.2%
Mercadores/Elite Burocrática	.2%
Vassalos/Carreiras de Elite	.76%
O Resto/O Resto	98.5%

<https://sharemylesson.com/teaching-resource/neo-feudalism-322762>

O queixume é largo e se expande com o progresso do novo feudalismo desregulamentado e com sua estrutura de castas que se aproveita do jogo financeiro

que se tornou ainda mais complexo com o mercado de derivativos inventado nos anos 80. Quando a autorregulação falha ou é corrompida os novos senhores feudais clamam infantilizados pela ajuda da autoridade e do tesouro, o que parece aos indignados uma solicitação e uma atitude inaceitáveis.

A ideia do novo feudalismo proliferou e assumiu um tom anedótico com a iniciativa tomada por atores que decidiram construir micronações independentes em alto-mar e em águas internacionais sobre plataformas abandonadas ou construídas.⁶⁰ Algumas dessas iniciativas tinham e tem conteúdo político, muito embora a maioria tenha outros objetivos. Sealand, por exemplo, foi levantada numa plataforma antiaérea erguida pelos ingleses em 1942 para fins de defesa contra os nazistas. Ela estava localizada a 12 quilômetros de distância da costa. A República de Rose Island é outro exemplo. Ela se estabeleceu em 1968 a 11 quilômetros da praia italiana. Era na verdade uma boate que atraía aventureiros que ali passavam momentos de lazer e entretenimento.

Entre os 82 casos uma micronação aconteceu no Brasil em 1893, na ilha de Trindade. O americano James Harden-Hickey se apropriou do local e se autoproclamou James I, Príncipe de Trindade. Desejava constituir no local uma ditadura militar. Os britânicos tentaram expulsá-lo para construir uma estação telegráfica no local, mas falharam devido às pressões portuguesas e brasileiras da época. Hoje a ilha faz parte do estado do Espírito Santo e sedia uma guarnição militar da Marinha do Brasil.

As queixas

Como visto a modernidade tem pela frente vários tipos de indignados. Alguns se agitam com o individualismo e o laissez-faire promovido pelo liberalismo e o seu humanismo. Outros abominam o secularismo que se expandiu pelo Ocidente a partir do século XII. Os primitivistas, por sua vez, sugerem um estilo de vida indisposto aos hábitos e costumes da sociedade industrial. Os tradicionalistas querem fortalecer

⁶⁰ https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_micronations

sua posição contra a ocidentalização do mundo. Convém por isso nominar o que une estas tendências reativas em favor da condição pré-moderna.

Em certos casos ela implica na negação irracional dos fatos e do conhecimento acumulado. Esta é uma forma de escapar do que decorre de uma evidência desconfortável. No campo da história isso acontece quando a memória é traumática e está sobrecarregada de culpa e de dor. A nova informação pode também ameaçar uma fé acalentada com fervor. É assim que se assegura a sobrevivência do preconceito, algo que se dissemina não só à direita, mas com intensidade crescente igualmente à esquerda.

O que se viu na pandemia do Covid-19 foi o ressurgimento de algo deste tipo. O negacionismo científico também acontece no caso do aquecimento global e do terraplanismo. Ocorreu em 1904 com a revolta dos brasileiros contra a campanha de vacinação da varíola tornada obrigatória. Mais tarde a negação da AIDS pelo governo sul africano levou 330 mil pessoas à morte⁶¹. O número de vítimas foi infinitamente maior com os malefícios do tabaco negados por um longo tempo pela indústria do cigarro.

Com frequência os atores preferem alimentar a tese conspiratória para escapar da verdade dolorosa. O negacionista tenta assim salvar da condenação algo que ele julga valioso – o orgulho da nação, a fé religiosa, o mistério da criação, um hábito ou vício e os interesses de certo ator econômico.

Exemplo adicional foi a alegação ouvida no passado de que a Revolução Francesa resultou da ação de uma célula maçônica conhecida por Iluminati. Ela foi acusada de planejar a subversão das instituições do mundo civilizado para assim implantar uma tirania sob o controle de seus líderes secretos. Essa história fantástica caiu ao gosto das massas que leram avidamente o livro *Proofs of a Conspiracy against all the Religions and Governments of Europe* publicado em 1797 e escrito por John Robinson, um professor de filosofia da Universidade de Edinburgh. A obra foi um sucesso em várias capitais europeias e ainda hoje serve de exemplo de teoria conspiratória.

⁶¹ <https://www.theguardian.com/world/2008/nov/27/south-africa-aids-mbeki>

Informação falsa como essa é recurso utilizado com frequência para confirmar preconceitos disseminados na sociedade. Quando isso acontece, o seu impacto social é grave. Diaboliza como bode expiatório um alvo escolhido e diminui dessa forma a ansiedade e a angústia moral das pessoas (USCINSKI & PARENT, 2014). Por isso mesmo sua difusão é rápida.

As teorias conspiratórias explicam de forma simplória e infantilizada acontecimentos complexos. São úteis para regular as emoções coletivas (HALPERIN, 2014). Elas “teologizam a guerra e o inimigo se torna um mal a ser erradicado” (KELLEY, 2011, p. 32). Em geral, elas propõem a existência de um golpe (sinistro) realizada por ator poderoso para obter alguma vantagem ilícita (BROTHERTON, 2013). A oferta deste tipo de fábula é enorme no mundo todo⁶².

É algo que acontece com mais facilidade nos ambientes nos quais a politização das emoções é frequente. O embate assume então a aparência de uma guerra de nervos. As táticas utilizadas pelos polemistas lembram as aplicadas nas operações psicológicas – semear a dúvida no público, fustigar a credibilidade dos opositores, provocar discussões artificiais e exagerar ou minimizar na apresentação dos argumentos.

A Revolução Francesa de 1789 foi um momento de ruptura profunda propícia à difusão deste tipo de mal-estar. O mesmo aconteceu com o renascimento entre os séculos XIV e XVI, com a Revolução Industrial dos séculos XVIII e XIX, com a Revolução Bolchevique de 1917 e com as duas guerras mundiais. Neste tipo de caso seus efeitos e consequências reverberam por gerações. É uma ocorrência sísmica cuja estabilização demanda tempo, negociação e moderação, o que nem sempre acontece. Geralmente persistem divergências. Surge a oposição, o desejo revanchista e o revisionismo. O capítulo da história não pode ser assim encerrado comprometendo as novas gerações.

O caso em pauta é exemplo adicional deste fato. Os inimigos dos filósofos da Ilustração, antes e depois da Revolução Francesa, permanecem ativos. Eles eram originalmente clérigos, aristocratas, burgueses tradicionalistas, censores da Sorbone, parlamentares conservadores e jornalistas alarmados (McMAHON, 2001, p.

⁶² https://en.wikipedia.org/wiki/Fake_news#By_country

6) com o grau de violência que se alastrou no país no terror implantado pelo regime jacobino entre setembro de 1793 e julho de 1794. Esta reação de ojeriza se expandiu por outros países da Europa profundamente incomodados com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

Os contrarrevolucionários acusavam os filósofos de destruírem a religião, de ameaçarem a moralidade pública com seu apreço ao individualismo e ao materialismo e de denigrarem a família, a hierarquia social, a monarquia e a autoridade política. Muitas dessas queixas persistem no lamento tradicionalista atual contra a decadência moral do Ocidente.

A história da ciência está cheia de exemplos que mostram o combate entre o novo e o velho e a angústia que este choque causa. É famoso o exemplo do médico húngaro Ignaz Semmelweis que na década de 1840 acabaria internado num manicômio depois de se esforçar para criar um novo hábito entre os pares, o de lavar as mãos antes de se realizar um parto⁶³.

A meta do liberalismo continua sendo a de remover os obstáculos que impedem o cidadão alcançar um grau máximo de liberdade e de racionalidade. Também almeja ensinar as pessoas a tolerar o que não gostam. Lembra a todos que nem sempre o sujeito estará com a maioria. O respeito às regras da cidadania foi a forma encontrada para evitar que os conflitos sociais se transformem em guerra eterna. O liberal também desconfia da burocracia e valoriza o mercado. Nesta visão o encontro entre quem deseja e quem oferece é o princípio que deve reger o campo econômico e o cultural. As ideias devem fluir sem impedimentos como as mercadorias. Ele vê, por decorrência, com naturalidade e uma ocorrência inevitável a dissidência na democracia. Valoriza ainda a educação para auxiliar as pessoas a vencer o obscurantismo, o pior dos males.

A já referida Internacional Liberal se expandiu pelo mundo após o debacle do nazifascismo em 1945 e do comunismo em 1989. A mídia ajudou, pois facilitou os contatos internacionais e interculturais. Dessa forma as ideias libertárias dos direitos humanos se espalharam e estimularam os oprimidos a se libertarem da coerção e das injustiças dos tiranos. Este fato explica o alarme que a Internet

⁶³ <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49817726>

provoca nos regimes autoritários que temem agora seu poder de subversão. Foi o que se viu na Tunísia em 2011, local onde a Primavera Árabe começou. No ano seguinte, a rebelião se alastrou por 28 países do Oriente Médio e da África com ajuda adicional da TV e da telefonia celular.

Ranking de países com Internet censurada.

Países	2014	2019
Coréia do Norte	1	2
Myanmar (Burma)	2	-
Cuba	3	10
Arábia Saudita	4	4
Irã	5	7
China	6	5
Síria	7	-
Tunísia	8	-
Vietnã	9	6
Turcomenistão	10	3
Eritréia	-	1
Guiné Equatorial	-	8
Bielorrússia	-	9

Fonte: Comitê para a Proteção dos Jornalistas

O liberal tem vocação cosmopolita, mais uma razão para ser odiado pelos tradicionalistas. Os seguidores de Adam Smith e de Friedrich Hayek sugerem uma aliança universal para enfrentar os desafios que são comuns à humanidade. Os opositores preferem outras coisas: o relativismo cultural e moral, a volta à natureza, à produção artesanal, à alma da nação, ao território tribal, à monarquia e também à vida coletiva em pequenas confrarias. Em última instância esta jornada regressiva busca o resgate de uma identidade percebida como ameaçada pelo sincretismo, pela tecnologia e pelo imperialismo. Isso implica em confrontar os pragmáticos e os revolucionários focados na construção de um novo mundo esquecendo-se do passado.

Estes fatores todos contribuíram ao ressurgimento da Internacional Neofascista, outro grupo significativo de indignados. A aliança de extrema-direita internacional constituída sob a liderança dos tradicionalistas russos e formada por neonazistas, supremacistas brancos e militantes nacionalistas de várias regiões do mundo têm sido chamada também de Internacional Negra, uma alusão à *Camicie Nere* italiana dos seguidores de Benito Mussolini.

A formação de uma aliança de grupos de extrema-direita já tinha acontecido antes da Segunda Guerra Mundial (STEPHEN, 1934). Isso ocorreu em 1934, numa

assembleia de representantes de grupos de 13 países europeus reunidos na cidade suíça de Montreaux. Vários dos militantes da Nova Ordem participariam a seguir, em 1936, da guerra civil espanhola ao lado das forças armadas de Francisco Franco. A Internacional Fascista ressurgiria em 1946, embora enfraquecida. Dois novos encontros internacionais dessas forças ocorreram em 1951 nas cidades de Malmö (Suécia) e Zurique (Suíça).

Movimentos políticos de extrema-direita no mundo

Bulgária	Bulgarski Nacionalen Sojuz	Chile	Acción Identitaria
Chipre	National Popular Front (EAM)	República Tcheca	Generace Identity Dělnická strana sociální spravedlnosti (DSSS) Národní demokracie
Dinamarca	Danskernes Parti	Finlândia	Kansallinen Vastarinta Perussuomalaiset Suomen Sisu
França	Action Française Renouveau français Unité Continentale Jeune Nation	Alemanha	Die Russlanddeutschen Konservativen Nationaldemokratische Partei Deutschlands
Grécia	Guarda de Ferro	Hungria	Jobbik
Itália	Forza Nuova Millenium	Japão	Issuy-Kai
Moldova	Mișcarea Conservatoare Mișcarea Națională	Mongólia	Dayar Mongol
Polônia	Błękitna Polska Falanga Kongres Nowej Prawicy Konwent Narodowy Polski Młodzież Wszechpolska Ruch Narodowy	Romênia	Noua Dreaptă
Sérvia	Srbska Akcija Centr za Istrazivanje Pravoslavnoga Monarhizma Srpska radikalna stranka	África do Sul	Front Nasionaal
Espanha	Comunió Tradicionalista Democracia Nacional	Suécia	Nordisk Ungdom Nordiska Motståndsrörelsen Svenskarnas parti Svenska motståndsrörelsens
Síria	Syrian Social Nationalist Party	Tailândia	National Alliance for Democracy New Political Party
Eslováquia	Slovenská národná strana Slovenská pospolitost'	Ucrânia	Network Carpatho-Russian movement
Grã-Bretanha	British First British National Party British Unity UK Life League	USA	American Freedom Party American Renaissance League of the South Traditionalist Youth Network

Fonte:

https://www.academia.edu/Spectre_of_a_Black_International_in_Europe_past_and_present

Na atualidade do século XXI este segmento está se reagrupando. É uma tentativa de dar continuidade aos seus encontros das décadas de 60 e 70. Resulta

que existe agora uma variedade de partidos de extrema-direita nos parlamentos de vários países do mundo. Eles se animaram com a causa da defesa da identidade nacional de seus países frente ao globalismo e às forças salafistas que na Europa agem em nome da jihad e da shaaria.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Esta descrição dos fatos mostra a relevância que a identidade humana tem para as pessoas, para os grupos e para as coletividades. O tema está presente nas disputas políticas, religiosas e sociais da atualidade. Ele ressurgiu em decorrência dos embates que acontecem em muitos lugares entre hospedeiros, imigrantes e refugiados. O conflito ocorre também entre grupos conservadores e liberais.

Depois de um enredamento humano crescente causado pelas comunicações modernas e pela globalização econômica se observa agora o processo oposto. Ele pode ser nominado de *neotribalismo*, a posição favorável à vivência do indivíduo com os membros dos seus pequenos grupos de referência (FLOOD, 2005; LANDSTREICHER, 2009; BOOTH, 2001). *Paroquialismo* e *desglobalização* são vocábulos similares utilizados para descrever a fratura verificada internamente nas sociedades de muitos países e nas relações interculturais e internacionais.

Cabe distinguir os significados de *identidade*, *identificação* e *imagem*. O primeiro termo refere o *self* da pessoa, a maneira como ele se vê e como ele gostaria de ser percebido pelos interlocutores. O segundo implica nos recursos técnicos disponíveis à contradição do seu anonimato. O terceiro verbete evoca a atuação social da pessoa. Foram mencionados também os casos da *desidentificação* e da *conversão*. Eles implicam em modificações profundas nas crenças e em nos valores da pessoa.

Em última instância o que está em jogo em todos estes casos é a vida simbólica, a que junta os seres em aglomerados e a que os afasta do convívio em decorrência das diferenças raciais, religiosas, sexuais, culturais e políticas.

O desafio humano é mitigar estes conflitos nos quais os outros são vistos às vezes como *bárbaros*. A hostilidade que começa com as palavras impolidas pode acabar com o desprezo recíproco, a guerra, a limpeza étnica e o genocídio. São tantos e tão variados os choques que a solução não está posta. Ela precisa ser encontrada pelas maiorias e pelas minorias a despeito dos seus desencontros.

Este dilema não é novo pois acompanha a história da humanidade. Com o passar do tempo as diferenças parecem pequenas e insuficientes para justificar a perseguição e a mortandade. Vale lembrar como exemplo a Guerra dos Trinta Anos travada entre os cristãos católicos e os cristãos protestantes. Morreram neste embate entre quatro e 12 milhões de pessoas. Cerca de 450 mil foram mortas em combate. Este total corresponde a 20% da população da Europa daquele tempo (1618-1648). Em alguns lugares cerca de 60% dos habitantes pereceram nas batalhas.

O esforço na construção da paz também é antigo, haja vista as mensagens difundidas em favor da tolerância e a luta de pessoas e de grupos que labutam em favor da dignação humana. A mensagem é útil a países como o Brasil que vive já há algum tempo as consequências da polarização política.

REFERÊNCIAS

ADISOVA, SAADAT. **Pushing the limits of advertising. How United Colors of Bennetton used shockvertising in its advertising campaigns.** Tese. Corvinus University of Budapest. 2021.

ALESINA, Alberto; Devleeschauwer, Arnaud; Esterly, William; Kurlat, Sergio & Wacziarg, Romain. **Fractionalization.** Discussion Paper Number 1959. Harvard University Cambridge, Massachusetts. Junho de 2002.

ALEXANDER, Jeffrey. "The New Theoretical Movement". In Smelser, N. J. (ed.) **Handbook of Sociology.** Beverly Hills, CA: Sage, pp. 77-101, 1988.

AMIOT, C. E., de la Sablonnière, R., Smith, L. G. E., & Smith, J. R. "Capturing changes in social identities over time and how they become part of the self-concept." **Social and Personality Psychology Compass**, 9(4), 171-187. 2015.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo.** Companhia das Letras, 2008.

ANDERSON, Cameron; Hildreth, John Angus D; & Hopwland, Laura. "Is the desire for status a fundamental human motive? A review of the empirical literature." **PubMed.** 141 (3): 574-601. 2015
ANHEIER, Helmut K. "Cultures, Values, and Identities: What Are the Issues?" **Global Perspectives.** 2020.

ANDERSON E; Siegel EH; Bliss-Moreau E; Barrett LF. "The visual impact of gossip." **Science.** 332(6036):1446-1448. 2011.

APPIAH, K. A. **The Ethics of Identity.** Princeton, NJ: Princeton University Press. 2006.

_____. **Cosmopolitanism: Ethics in a World of Strangers.** Londres. W.W. Norton, 2006.

APPLEBAUM, Anne. **Gulag, a history.** Anchor Books. 2007.

ARIZA, Libardo José. "Legal indigeneity: knowledge, legal discourse and the construction of indigenous identity in Colombia." **Identities: Global Studies in Culture and Power.** 2020.

ARNOLD, Jafe. **Mysteries of Eurasia: The Esoteric Sources of Alexander Dugin and the Yuzhinsky Circle.** Universidade de Amsterdam. Mestrado em Teologia e Estudos Religiosos. 2019.

_____. **Thinking in Continents: Hyperborea and Atlantis in René Guénon's Conception of Tradition.** Apresentado no seminário "Occult Trajectories II: Modern

Western Esotericism and Politics". Center for the History of Hermetic Philosophy and Related Currents. Universidade de Amsterdam. 2018.

https://www.academia.edu/37107075/Thinking_in_Continents_Hyperborea_and_Atlantis_in_Renaissance_Guinnons_Conception_of_Tradition Acesso em 5/1/2022.

ARONSON, Ronald. **Camus e Sartre. O Polêmico fim de uma amizade no pós-guerra.** RJ: Nova Fronteira. 2007.

BARBASHIN, Anton & Thoburn, Hannah. "Putin's Brain." **Foreign Affairs.** 31 de março de 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Mal-estar da pós-modernidade.** Zahar. 1998.

_____. **Retrotopia.** Zahar. 2017.

BAUMEISTER, R. F., & Leary, M. R. "The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation." **Psychological Bulletin**, 117(3), 497-529. 1995.

BAYRAM, A. Burcu. "Nationalist cosmopolitanism: the psychology of cosmopolitanism, national identity, and going to war for the country". **Nations and Nationalism.** 14 November 2018.

BECK, Ulrich. "The Cosmopolitan Society and its Enemies." **Theory, Culture & Society.** SAGE. v. 19(1-2): 17-44. 2002.

BELL, Wendell. "The Clash of Civilization and Universal Human Values." **Journal of Futures Studies.** 6(3): 1-20. 2002.

BENNE, Kenneth & Sheats, Paul. "Functional roles of group members". **Journal of Social Issues.** n 4, pp. 41-49, 1948.

BERGER, Peter L. **The Sacred Canopy: Elements of a Sociological Theory of Religion.** Garden City: Doubleday. 1967.

BERLIN, Isaiah. "Benjamin Disraeli, Karl Marx, and the Search for Identity." **Transactions & Miscellanies** (Jewish Historical Society of England). v. 22, pp. 1-20. 1968-1969.

BERMAN, Paul. **Terror and Liberalism.** W.W. Norton & Company. 2003.

BERNSTEIN, Mary. "Identity Politics". **Annual Review of Sociology.** v. 31, pp. 47-74. 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Ed. UFMG. 2007.

BHAMBRA, G. K. 'Sociology after Postcolonialism: Provincialized Cosmopolitanism and Connected Sociologies' in Manuela Boatcă, Sérgio Costa, Encarnación Gutiérrez Rodríguez (eds) **Decolonizing European Sociology: Trans-disciplinary Approaches**, pp33- 47. Aldershot: Ashgate. 2010.

BLACK, C. E. **The Dynamics of Modernity. A study in Comparative History**. Harper. 1966 [<https://archive.org/details/dynamicsofmodern00blac/page/n7/mode/1up>].

BLIUC, A.-M., Betts, J., Vergani, M., Iqbal, M., & Dunn, K. "Collective identity changes in far-right online communities: The role of offline intergroup conflict. " **New Media & Society**, 21(8), 1770–1786. 2019.

BOAS, Franz. **A Mente do Ser Humano Primitivo**. Ed. Vozes. 2010.

BONAMIM, Giovana. **Elites intelectuais e nation building: conflitos na organização e funcionamento do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional durante o Estado Novo**. Dissertação. UFPR. 2011.

BUCHLI, Victor. **The material culture reader**. Berg, 2002.

BOOT, MAX. **The Corrosion of Conservatism – Why I Left the Right**. Liveright. 2020.

BOYM, Svetlana. **The Future of Nostalgia**. Basic Books. 2001.

_____. **Architecture of the Off-Modern**. Princeton Architectural Press, 2008.

BRÁZDA, Radim. "Indignation as a political dynamics category." **Human Affairs**. 2 de fevereiro de 2017.

BROMLEY, David G. **Falling from the faith: causes and consequences of religious apostasy**. Newbury Park, Calif.: Sage Publications. 1988.

BROTHERTON, R. et al. "Measuring Belief in Conspiracy Theories: The Generic Conspiracist Beliefs Scale." **Frontiers in Psychology**. 4: 279, 2013.

BURKE, Peter J. "Identity, Social Status, and Emotion". In Jody Clay-Warner, Dawn T. Robinson (eds). **Social Structure and Emotion**, Academic Press, pp. 75-93, 2008.

_____. "Identity Change." **Social Psychology Quarterly**, v. 69, no. 1, pp. 81–96. 2006.

CALHOUN, Craig. "The class consciousness of frequent travellers: towards a critique of actually existing cosmopolitanism", in Vertovec, S. and Cohen, R. (eds.) **Conceiving cosmopolitanism: Theory, Context, and Practice**, Oxford: Oxford University Press. 2002.

CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. BestBolso, 2017.

CANESSA, Andrew. "Who Is Indigenous? Self-Identification, Indigeneity, and Claims to Justice in Contemporary Bolivia." **Urban Anthropology** v. 36(3), 2007.

CARMONA, Margarida; Sindic, D.; Guerra, R. & Hofhuis, J. "Human and global identities: Different prototypical meanings of all-inclusive identities". **Political Psychology**, 41(5), 961-978. 2020.

CARMONA, Margarida; Guerra, Rita & Hofhuis, Joep. "What Does it mean to be a "Citizen of the World": a Prototype Approach". **Journal of Cross-Cultural Psychology**. v. 53(6) 547-569. 2022.

CARPENTER, Michael. "Tribalism is killing liberalism." **Foreign Affairs**. 05/03/2020 <https://www.foreignaffairs.com/articles/2020-03-05/tribalism-killing-liberalism> Acesso em 11/1/2022.

CARRIÈRES, Henri. **Joseph de Maistre. O mal e a política**. Dissertação. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. 2006.

CASHMAN, Matthew & Cushman, Fiery. **Learning from moral failure**. https://cushmanlab.fas.harvard.edu/docs/moralfailure_web.pdf.

CASTRO, Fábio Fonseca de. "O neotribalismo e outras socializações pós-modernas." **Revista Interfaces**. n. 25, v.2, julho/dezembro de 2016.

CLOVER, Charles. **Black Wind, White Snow: The Rise of Russia's New Nationalism**. Yale University Press. 2017.

COHEN, Erik. "Pilgrimage Centers." **Annals of Tourism Research**. v.19, pp. 33-50, 1992.

COMPAGNON, Antoine. Os antimodernos: **de Joseph de Maistre a Roland Barthes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

CONWAY, David. **In Defence of the Realm: the Place of Nations in Classical Liberalism**. Aldershot: Ashgate, 2004.

CRUZ, Natália dos Reis. "O diálogo entre o moderno e o antimoderno no discurso da Ação Integralista Brasileira." **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. 37, n. 2, p. 196-214, jul./dez. 2011.

CUNHA, Mario Viola de Azevedo; Andrade, Norberto Nuno GOMES D; Lixinski, Lucas & Fétera, Lúcio TOMÉ (eds). **New technologies and human rights : challenges to regulation**, Farnham : Ashgate, pp. 231-254. 2013.

DAVISON, Joan. "The Politics of Hate: Ultranationalist and Fundamentalist Tactics and Goals." **Journal of Hate Studies**. 5(1), pp.37-61. 2006.

DELANTY, G. "The Cosmopolitan Imagination." **Revista CIDOB d'Afers Internacionals**, 82/83, 217–230. 2008.

DELORIA Jr., Vine. **For Your Sins. An Indian Manifesto**. Univ. of Oklahoma Press. 1988.

DENEEN, Patrick J. **Why Liberalism Failed**. Yale Univ. Press. 2018.

DETZEN, Dominic & Hoffmann, Sebastian. "Accountability and ideology: The case of a German university under the Nazi regime." **Accounting History**. V. 25, n. 2, 2020.

DINIZ, Maria Helena. "Uma visão constitucional e civil do novo paradigma da privacidade: o direito a ser esquecido." *Revista Brasileira de Direito, Passo Fundo*, v. 13, n. 2, p. 7-25, ago. 2017.

DOANE, Ashley W. "Dominant Group Ethnic Identity in the United States: The Role of 'Hidden' Ethnicity in Intergroup Relations." **Sociological Quarterly** 38.3, 375–397. Julho de 1997.

DOBSON, Andrew. **Listening for Democracy**. Oxford University Press. 2014.

DORSON, Richard M. **American Folklore**. Chicago: University of Chicago Press. 1977.

DRAZANOVA, L. "Introducing the Historical Index of Ethnic Fractionalization (HIEF) Dataset: Accounting for Longitudinal Changes in Ethnic Diversity." **Journal of Open Humanities Data**, 6(1), 6. 2020.

DRIESSEN, Henk. "Mediterranean port cities: Cosmopolitanism reconsidered". **History and Anthropology**, 16:1, 129-141, 2005.

DUGIN, A. **In Search of the Dark Logos: Philosophico-Theological Outlines**. 2013.

_____. "The multipolar world and the postmodern." **Journal of Eurasian Affairs**. V.2, n.1, 2014.

DÜWELL, Marcus; Braavirg, Jens; Brownsword, Roger & Mieth, Dietmar (eds). **Cambridge Handbook on Human Dignity**. Cambridge: Cambridge University Press. 2014.

EASTERLY W. & Levine R. "Africa's Growth Tragedy: Policies and Ethnic Divisions." **The Quarterly Journal of Economics**. 112(4): 1203–1250. 1997.

EBAUGH, H.R.F. **Becoming an Ex. The process of role exit**. Chicago: The University of Chicago Press. 1988.

EKLUNDH, Emmy. **Indignation as dissent? The affective components of protest and democracy.** Tese. University of Manchester. 2015.

ELIAS, Norbert. **A sociedade da corte. Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia.** Zahar. 2001.

EL-OJELI, Chamsy & Taylor, Dylan. "The Future in the Past: Anarcho-primitivism and the Critique of Civilization Today". **Rethinking Marxism**, 32:2, 168-186, 2020.

EPSTEIN, David L., Robert Bates, Jack Goldstone, Ida Kristensen, & Sharyn O'Halloran. 2006. "Democratic transitions." **American Journal of Political Science** 50(3): 551-569.

FAHEY, Frank. "Pilgrims or Tourists?" **The Furrow** Vol. 53, n. 4, pp. 213-218. abril de 2002.

FANON, F. **Pele negra máscaras brancas**, Salvador, Editora UFBA. 2008.

FEARON, J.D. "Ethnic and Cultural Diversity by Country." **Journal of Economic Growth** 8, 195-222. 2003.

FERGUSON, Niall. **The House of Rothschild. The World's Banker. 1849-1999.** Penguin. 2000.

FIRTH, R. **Human Types: an Introduction to Social Anthropology.** Nelson and Son, Londres. 1958.

FISKESJö Magnus, "Forced Confessions as Identity Conversion in China's Concentration Camps", **Monde chinois**, 2020/2 (n. 62), p. 28-43.

FLOOD, Andrew. **Is primitivism realistic? An anarchist reply to John Zerzan and others.** 2005.

FOROUGH, Hamid & Al-Amoudi, Ismael. "Collective forgetting in a changing organization: when memories become unusable and uprooted." **Organization Studies** 41(4) 2020.

FOZDAR, F. "This is not how we talk about race anymore": approaching mixed race in Australia. ' **CMS** 10, 11. 2022.

FUKUYAMA, Francis. **Identity.** Profile Books. 2018.

FYANKA, B. B. "From the Sokoto Jihad to the Boko Jihad: Interrogating the Motivations for Recruiting of Terrorist." **Academia Letters.** Article 2990. 2021.

GASPERIN, Henrique Brenner. **Reclaiming indignity: Charrúa reemergence as international relations**. Dissertação. INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Agosto de 2020.

GEKAS, Athanasios (Sakis). "Class and cosmopolitanism: the historiographical fortunes of merchants in Eastern Mediterranean ports". **Mediterranean Historical Review**, 24:2, 95-114, 2009.

GILBOA, Eytan. "The CNN Effect: The Search for a Communication Theory of International Relations." **Political Communication**, 22:27-44. 2005.

GINZBURG, Carlo & Davin, Anna." Morelli, Freud & Sherlock Holmes: Clues and Scientific Method." **History Workshop**, n. 9, pp. 5-36, 1980.

GLAZER, Nathan. "Monuments in an age without heroes." **National Affairs**, n. 51, Spring 2022.

GELLNER, Ernest. **Nations and Nationalism**. Blackwell, 1983.

GLENDINNING, Chellis. **My name is Chellis and I'm recovering from Western Civilization**. Shambhala. 1994.

GOERTZ, Gary & Paul F. Diehl, "Enduring Rivalries: Theoretical Constructs and Empirical Patterns", **International Studies Quarterly**, v. 37, n. 2. Junho, 1993.

GOFFMAN, Erving. "Symbols of Class Status." **The British Journal of Sociology**. v. 2, n. 4. Dezembro de 1951.

GUÉRIN, Daniel. **Anarchism: from theory to practice**. 2009
<http://theanarchistlibrary.org/library/daniel-guerin-anarchism-from-theory-to-practice>.

HADIT, Jonathan. **A mente moralista**. Alta Cult Ed. 2020

HALPERIN, E. "Emotion, Emotion Regulation, and Conflict Resolution." **Emotion Review** v. 6, n. 1, pp. 68–76, 2014.

HALL, Ronald E. "Self-Hate as Life Threat Pathology Among Black Americans: Black Pride Antidote Vis-à-Vis Leukocyte Telomere Length (LTL)". **Journal of African American Studies**. 18 (4): 398–408. 2014.

HANGARTNER, Dominik; Gloria Gennaro, Sary Alasiri, Nicholas Bahrich, Alexandra Bornhoft, Joseph Boucher, Buket Buse Demirci, Laurenz Derksen, Aldo Hall, Matthias Jochum, Maria Murias Munoz, Marc Richter, Franziska Vogel, Salomé Wittwer, Felix Wüthrich, Fabrizio Gilardi, & Karsten Donnay. "Empathy-Based Counterspeech Can Reduce Racist Hate Speech in a Social Media Field Experiment." **Proceedings of the National Academy of Sciences** 118(50). 2021.

HARRIS, La Donna & Wasilewski, Jaqueline. "Indigeneity, an Alternative Worldview: Four R's (Relationship, Responsibility, Reciprocity, Redistribution) vs. Two P's (Power and Profit). Sharing the Journey Towards Conscious Evolution." **Systems Research and Behavioral Science Syst. Res.** 21,1-15. 2004.

HARRISON, L. E. & Huntington, Samuel P. **Culture Matters: How values shape human progress.** Basic Books. 2001.

HARRISON, L. E. **Underdevelopment Is a State of Mind: The Latin American Case.** Madison Books. 2000.

HASSON Y; Tamir M; Brahms KS; Cohrs JC; Halperin E. "Are Liberals and Conservatives Equally Motivated to Feel Empathy Toward Others?" **Pers Soc Psychol Bull.** 44(10):1449-1459. outubro de 2018.

HEATHER A. Warfield, Stanley B. Baker & Sejal B. Parikh Foxx. "The therapeutic value of pilgrimage: a grounded theory study", **Mental Health, Religion & Culture**, 17:8, 860-875. 2014.

HECHT, M. L., Warren, J. R., Jung, E. & Krieger, J. L. "The communication theory of identity: Development, theoretical perspective, and future directions". In W.R. Gudykunst (Ed.), **Theorizing about intercultural communication**, 257-278. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005.

HESSEL, Stéphane. **Indignez-vous!** Indigène. 2012.

HICKS, Donna. **Dignity: Its Essential Role in Resolving Conflict**, Yale University Press. 2011.

_____. A Culture of Indignity and the Failure of Leadership. **Humanist Manag J** 1, 113-126. 2016.

HIRSCHBERGER G. "Collective Trauma and the Social Construction of Meaning." **Front. Psychol.** 9:1441. 2018.

HOA, Nguyen. "Intercultural Communication competence from an identity constructionist perspective and its implications for foreign language education." **Journal of Foreign Studies**, v.35, n.1. pp. 1-15. 2019.

HOBBSAWAM, Eric & Ranger T. **The Invention of Tradition.** Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press. 1983.

HOGG, M. A., Abrams, D., Otten, S. & Hinkle, S. "The social identity perspective: Intergroup relations, self-conception, and small groups." **Small Group Research**, 35(3): 246-276, 2004.

HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento: a Gramática Moral dos Conflitos Sociais**. Editora 70. 2011.

[<https://cristianorodriguesdotcom.files.wordpress.com/2013/06/honneth.pdf>]

HUNTER, J. **Culture wars: the struggle to define America**. Nova York: Basic Books, 1991.

HEIDER, FRITZ. **The psychology of interpersonal relations**. Nova York: John Wiley & Sons, 1958.

HENRIE, Mark. "Understanding Traditionalist Conservatism". In **The New Pantagruel**. Peter Berkowitz (Ed.). Hoover Press, 2004.

HOLLANDER, Paul. **Political Pilgrims**. Transaction Publishers. 2009.

HOROWITZ, David. **Left Illusions**. Spence Publishing Co. 2003.

HUNTINGTON, Samuel. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Objetiva. 2001.

IGNATIEF, Michael. **Human Rights as Politics and Idolatry**. Princeton, NJ: Princeton University Press. 2001.

IKEMURA, Aito. **Os caminhos da politização da indigeneidade: um estudo sobre a identidade na política boliviana pós-1985**. Dissertação. USP. 2014.

IMAHORI, T., & Cupach, W. "Identity management theory: Facework in intercultural relationships." In W. Gudykunst (Ed.), **Theorizing about intercultural communication** (pp. 195–210). Thousand Oaks, CA: Sage, 2005.

JOYE, Stijn. "The local relevance of global suffering: articulations of identities and cosmopolitanism in television news discourses on distant suffering". In **New visions of the Cosmopolitan**. p.121-140. 2014.

Jr. DAVIS, Robert C. **Christian Slaves, Muslim Masters: White Slavery in the Mediterranean, the Barbary Coast, and Italy, 1500-1800**. Palgrave Macmillan, 2004.

JAHANBEGLOO, RAMIN. "Iranian Intellectuals." **World Affairs: The Journal of International**. v. 11, n.1. Kapur Surya Foundation. 2007.

KANT, Immanuel. "Perpetual Peace". **Kant: Political Writings. Cambridge Texts in the History of Political Thought**. 1991.

KINITZ DJ & Salway T. "Cisheteronormativity, Conversion Therapy, and Identity Among Sexual and Gender Minority People: A Narrative Inquiry and Creative Non-fiction." **Qualitative Health Research**. 2022;32(13):1965-1978.

KENDALL, Gavin; Skrbis, Zlatko & Woodward, Ian. "Cosmopolitanism, the nation-state and imaginative realism". **Journal of Sociology**. v. 44, n. 4, pp: 401-417. 2008.

KENNEDY, Paul. "Global Transformations but Local, 'Bubble' Lives: Taking a Reality Check on Some Globalization Concepts". **Globalizations**, 4:2, 267-282. 2007.

KINNIER, Richard T. et al. "A short list of universal moral values." **Counselling & Values**. v. 45. Outubro de 2000.

KOMINKO, Maja. "Changing habits and disappearing monsters – ethnography between Classical and Late Antiquity" in Durak, Koray & Jevtic (eds). **Identity and the other in Bizantium**. Papers from the fourth international Sevgi Gönül Byzantine studies symposium. 2019.

KOVECSES, Z. **Emotion concepts**. Springer-Verlag Publishing. 1990.

KROEBER, A. L. **Culture: A Critical Review of Concepts and Definitions**. Forgotten Books. (1952) 2018.

KIRK, Russel. **The Conservative Mind: From Burke to Santayana** Chicago: Henry Regnery, 1953.

KNIGHT, Jayne Elisabeth. **The politics of anger in Roman society: a study of orators and emperors, 70 BCE-68CE**. Tese de doutorado. The University of British Columbia. 2015.

LARUELLE, MARLÈNE. "The Izborsky Club, or the New Conservative Avant-Garde in Russia." **The Russian Review** 75: 626–44, outubro de 2016
<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/russ.12106>.

_____. **Inside and Around the Kremlin's black box: the new think tanks in Russia**. Institute for Security & Development Policy. Estocolmo. outubro de 2019.

_____. "The Ideological Shift on the Russian Radical Right from Demonizing the West to Fear of Migrants." **Problems of Post-Communism**, v. 57, no. 6, Novembro/Dezembro. 2010.

_____. (ed.) **Eurasianism and the European Far Right Reshaping the Europe–Russia Relationship**. Lexington Books. 2015.

_____. **Russian Nationalism: Imaginaries, Doctrines, and Political Battlefields**. Routledge. 2019.

LARUELLE, Marlene; Lóránt Gyóri; Péter Krekó; Dóra Haller & Rudy Reichstadt. **From Paris to Vladivostok. The Kremlin connections of the French Far-right**. Political Capital. 2015 .

LEA, Henry A. **Criminals with Doctorates**. University of Massachusetts-Amherst. Conferência. University of Vermont. 18 de Novembro de 2009.

LEVY, Sidney J. "Symbols for Sale." **Harvard Business Review**. 33(2) 1959.

LEWIS, Richard D. **When Cultures Collide**. Nicholas Brealey Publishing. 1996.

LIEBLER, Carolyn A.; Porter, Sonya R.; Fernandez, Leticia E.; Noon, James M., Ennis, Sharon R. "America's Churning Races: Race and Ethnicity Response Changes Between Census 2000 and the 2010 Census." **Demography** 54 (1): 259–284. 1 fevereiro de 2017.

LÓPEZ, Enrique Eduardo Valencia. **Improving and aligning measurement of ethnicity in Latin America**. Graduate School of Education University of California-Berkeley Berkeley. 9 de Dezembro de 2019.

LYON, David. **Surveillance Society**. Open University Press. 2001.

MARTÍN, Javier San. **Para uma superación del relativismo cultural**. Madrid: Tecnos. 2009.

MARTIN, N. "Literature and Gossip - An Introduction." **Forum for Modern Language Studies** 50.2. 135–141. 2014.

MARWICK. Alice E. **Online Identity**. 2012 .
https://tiara.org/wp-content/uploads/2018/05/Marwick_Online_Identity.pdf.

MAYBURY-LEWIS, D. "Lowland peoples of the twentieth century" in F. Salomon and S. B. Schwartz (eds), *The Cambridge History of the Native Peoples of the Americas* v.3: South America Pt. 2. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 872-947, 1999.

McMAHON, Darrin M. **Enemies of the Enlightenment and the Making of Modernity**. New York: Oxford University Press, 2001.

McPHERSON, M., Smith-Lovin, L., & Brashears, M. E. "Social Isolation in America: Changes in Core Discussion Networks over Two Decades." **American Sociological Review**, 71(3), 353–375. 2006.

McEWAN, B & Sobre-Denton, M. "Virtual Cosmopolitanism: Constructing Third Cultures and Transmitting Social and Cultural Capital Through Social Media" in **Journal of International and Intercultural Communication** 4(4): 252-258. Routledge. 2013.

MALKKI, Liisa. "National Geographic: The Rooting of Peoples and the Territorialization of National Identity among Scholars and Refugees." **Cultural**

Anthropology, v. 7, No. 1, Space, Identity, and the Politics of Difference. pp. 24-44. 1992.

MILGRAM, S. "The small world problem". **Psychology Today** 2, 60-67, 1967.

MOGELSON, Luke. **The storm is here**. Penguin Books. 2022.

MOHATT NV, Thompson AB, Thai ND, Tebes JK. "Historical trauma as public narrative: a conceptual review of how history impacts present-day health. " **Soc Sci Med**. 106:128-36. Abril de 2014.

MOUNIER, Emmanuel. *A Esperança dos Desesperados*. Paz e Terra. 1972.

MULLER, Angelo. **Política do ódio no Brasil**. Viseu. 2019.

MURTAGH, N; Gatersleben, B & D.Uzzell. D. "Self-identity threat and resistance to change: Evidence from regular travel behaviour. " **Journal of Environmental Psychology**. v. 32, n.4, pp. 318-326, 2012.

NECKEL, Sighard. "Refeudalisierung der Ökonomie: Zum Strukturwandel kapitalistischer Wirtschaft", [Refeudalização da Economia: Sobre a Mudança Estrutural da Economia Capitalista] **MPIfG Working Paper** 10/6. pp. 11-12 Max Planck Institute for the Study of Societies. julho de 2010.

NOTTINGHAM, Priscila & Frota, Helena. "O Brasil na rota do tráfico de escravas brancas: entre a prostituição voluntária e a exploração de mulheres na Belle Époque. " **Sinais**. Vitória: CCHN, UFES. n. 11, v.1, junho de 2012.

OSSEWAARDE, Marinus. "Cosmopolitanism and the Society of Strangers". **Current Sociology**. 55(3):367-388. 2007.

OWEN, John M & Owen, J. Judd. "Enlightened Despots, Then and Now. The Truth About an Islamic Enlightenment." **Foreign Affairs**. 10 de Agosto de 2015.

PATSIURKO, Natalka; John L. Campbell & John A. Hall. "Measuring cultural diversity: ethnic, linguistic and religious fractionalization in the OECD". **Ethnic and Racial Studies**, 35:2, 195-217. 2012.

PEIXOTO, João & Egreja, João Peixoto. "A força dos laços fracos. Estratégias de emprego entre os imigrantes brasileiros em Portugal." **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP, v. 24, n. 1. pp. 263-281. Junho de 2012.

PLISKIN R, Bar-Tal D, Sheppes G, Halperin E. "Are leftists more emotion-driven than rightists? The interactive influence of ideology and emotions on support for policies." **Pers Soc Psychol Bull**. 40(12):1681-97. dezembro de 2014.

PLUCKROSE, Helen & Lindsay, James A. **A Manifesto Against the Enemies of Modernity**. Areo. 22/08/2017.

PONZANESI, Sandra. **Digital Cosmopolitanism: Notes from the Underground**. California State University. 17 de junho de 2020.
<https://online.ucpress.edu/gp/article-abstract/1/1/12548/110649/Digital-Cosmopolitanism-Notes-from-the-Underground?redirectedFrom=fulltext>.

POOL, I. "The demography of indigenous minorities", in **International Population Conference**. V. 1, (Florence 5-12), pp. 135-141. 1985.

PROHASKA, Ariane & Ellis, Cassidy D. "Subversive scholarship or anti-intellectual identity politics? An analysis of media frames of fat studies", **Fat Studies**, 6:3, 268-280, 2017.

PORAT R, Halperin E, Tamir M. "What we want is what we get: Group-based emotional preferences and conflict resolution." **J Pers Soc Psychol**. 110(2):167-90. fevereiro de 2016

RADCLIFFE-BROWN, R. "On the concept of function in Social Science", **American Anthropologist**, n. 37, cap. IX, 1935.

RAHAM, J., Haidt, J., & Nosek, B.A. "Liberals and conservatives rely on different sets of moral foundations." **Journal of Personality and Social Psychology**, 96, 1029-1046. 2009.

RECLUS, Elisée; John P. Clark & Camille Martin. **Anarchy, Geography, Modernity: The Radical Social Thought of Elisée Reclus**. Lexington Books, 2004.

REICHER, S. "The Battle of Westminster: Developing the social identity model of crowd behaviour in order to explain the initiation and development of collective conflict." **European Journal of Social Psychology** 26, 115-134. 1996.

REISMAN, George. "Galbraith Neo-Feudalism". **Human Events**. Fevereiro de 1961.

RIBEIRO, Adelia Maria Miglievich. "Intelectuais, Diáspora e Cultura: por uma crítica antimoderna e pós-colonial." **Mouseion**, n. 12, mai-ago/2012.

RIEU, Alain-Marc. "The syndrome of overcoming modernity: Learning from Japan about ultranationalism." **Transtext(e)s Transcultures 跨文本跨文化** [Online], 9 | 2014, Online: 15 August 2015.

ROBINSON, D. Michael; Boyd, Ryan L.; Fetterman, Adam K. "An emotional signature of political ideology: Evidence from two linguistic content-coding studies." **Personality and Individual Differences** v. 71, Dezembro de 2014.

ROSTBOLL, Christian F. "The Use and Abuse of 'Universal Values' in the Danish Cartoon Controversy." **European Political Science Review** 2.3 (2010): 401–422. Web. 2010.

ROTHAMN J. "In-group identification and out-group association: A theoretical and experimental study." **Journal of Jewish Communal Service**. 1960; 37:81–93.

ROWSE, Tim. "Indigenous Culture: The Politics of Vulnerability and Survival." In Tony Bennett & John Frow. **The Sage Handbook of Cultural Analysis**. 2008.

RUBLESKI, Anelise & Barichello, Eugenia Mariano da Rocha. **Ecologia da Mídia**. FACOS-UFSM. 2013.

RUDD, Kevin. **The avoidable war**. Publicaffairs. 2022.

SAHLINS, Marshall. "O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I)." **Mana** v. 3 n.1 RJ abril de 1997.

SALERNO, Jessica & Peter-Hegene, Liana C. "The Interactive Effect of Anger and Disgust on Moral Outrage & Judgments." **Psychological Science**. v. 24, n. 10. 2013.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como Invenção do Ocidente**. Cia do Bolso. 2007.

SCAMMELL, Michael. **Koestler**. Random House. 2009.

SCHELER, Max. **Da reviravolta dos valores**. 2a ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SHULTZINE, Doron. "Human Dignity. Functions and Meanings." **Global Jurists Topics**. v.3, n.3. 2003.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. "Padres conservadores em armas: o discurso público da guerra cultural entre católicos." **Revista Reflexão**. v. 43, n. 2, pp. 289-309, outubro de 2018.

SOUSA JUNIOR, José Pereira de. "O Processo de restauração católica no Brasil na primeira república." **Fato e Versões. Revista de História**. v. 7, n. 14. 2015.

SAVAGE, Rowan. "Modern genocidal dehumanization: a new model. " **Patterns of Prejudice**, 47:2, 139-161. 2013.

SCARRY, Elaine. "The Difficulty of Imagining Other Persons," in **The Handbook of Interethnic Coexistence**, ed. Eugene Weiner. New York: Continuum Publishing. pp. 40-62. 1998.

SOARES, Raquel Paiva de Araujo; Sodré, Muniz. **Cidade dos Artistas - Cartografia da Televisão e da Fama do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

STAHL, Henry H. **Nerej, un village d'une région archaïque. Monographie Sociologique**. 3 vls. Bibliothèque de sociologie, éthique et politique: Sociologie de la Roumanie. Inst. de sciences sociales de Roumanie. 1939.

STEPHEN, A. M. **Fascism: the Black International**. Vancouver British Columbia: the B. C. Clarion, 1934.

STENNER, Karen. **The Authoritarian Dynamic**. Cambridge University Press. 2005.

_____. "Three kinds of conservatism." **Psychological Inquiry**. 20, pp. 142-159, 2009.

STEPIEN, Beata. "Snobbish Bandwagoners: Ambiguity of Luxury Goods' Perception." **Journal of Management and Business Administration. Central Europe**" v. 26, n. 1, p. 79-99. 2018.

STETS, Jan & Trettevik, Ryan. "Emotions in Identity Theory." In J. E. Stets, J. H. Turner (eds.), **Handbook of the Sociology of Emotions: Volume II**, Handbooks of Sociology and Social Research, 2014.

SWANN, W. B., Jr. 'Identity negotiation: Where two roads meet.' **Journal of Personality and Social Psychology**, 53, 1038-1051. 1987.

SWENCIONIS, J. K., & Fiske, S. T. "Cross-status interactions: Concerns and consequences." **Social Cognition**, 36(1), 78-105. 2018.

TAJFEL, H. (Ed.). **Social identity and intergroup relations (European studies in social psychology)**. Cambridge: Cambridge University Press. 1982.

TAYLOR, V., & Whittier, N.E. "Collective identity in social movement communities: Lesbian feminist mobilization." In: Morris, A., and Mueller, C. (eds), **Frontiers of Social Movement Theory**. Yale University Press, New Haven, CT. 1992.

TAYLOR, Charles. **Uma Era Secular**. Editora Unisinos. 2010.

_____. **A Ética da Autenticidade**. É Realizações. 2011.

THOREAU, Henry David. **Desobediência Civil**. Porto Alegre, LPM. 1999.

THORNTON, R. "Health, disease and demography", in P.J. Deloria and N. Salisbury (eds), *A Companion to American Indian History*. Malden (MA): Blackwell Publishers, pp. 68-84, 2002.

TING-TOOMEY, S. "Communicative resourcefulness: An identity negotiation perspective". In R. Wiseman & J. Koester (Eds.). **Intercultural communication competence** (pp. 72–111). Newbury Park, CA: Sage, 1993.

_____. "Identity management theory: Facework in intercultural relationships". In W. Gudykunst (Ed.), **Theorizing about intercultural communication** (pp. 195–210). Thousand Oaks, CA: Sage; 2005.

TRIGIANI, A., & Boler, M. Discourses of victimhood and identity politics on social media: understanding affective polarization during the US election. **AoIR Selected Papers of Internet Research**. 2021.

TOURAINE, Alain. **Iguais e Diferentes – Poderemos viver juntos?** Instituto Piaget. 1998.

URIARTE, Urpi Montoya. "Hispanismo e indigenismo: o dualismo cultural no pensamento social peruano (1900-1930). Uma revisão necessária." **Rev. Antropol.** 41 (1), 1998.

URRY, John. **The Global Media and Cosmopolitanism**. Transnational America Conference, Bavarian American Academy, Munich, June 2000.

USCINSKI, J.; PARENT, J. M. **American Conspiracy Theories**. New York, Oxford University Press, 2014.

VAN HOOFT, Stan. **Cosmopolitan: a philosophy for global ethics**. Routledge, 2009.

VEBLEN, Thorstein. **Classe Ociosa**. Avis Rara. 2021

VERPLANKEN, Bas & Sui, Jie. "Habit and Identity: Behavioral, Cognitive, Affective, and Motivational Facets of the Integrated Self." **Front. Psychol.** 10 de julho de 2019.

VOGT, Manuel, Nils-Christian Bormann, Seraina Rügger, Lars-Erik Cederman, Philipp Hunziker, & Luc Girardin. "Integrating Data on Ethnicity, Geography, and Conflict: The Ethnic Power Relations Data Set Family." **Journal of Conflict Resolution** 59(7): 1327–42. 2015.

VOGT, Manuel, Kristian Skrede Gleditsch, & Lars-Erik Cederman. "From Claims to Violence: Signaling, Outbidding, and Escalation in Ethnic Conflict." **Journal of Conflict Resolution** 65(7–8): 1278–1307. 2021.

VON DANIELS, Detlef. **How Plato overcame the cosmopolitan**. History of Political Thought. V. 35, n. 4, pp. 595-631, 2014.

VON MARTIN, Alfred. **The sociology of the Renaissance**. Butler & Tanner Ltda. 1944.

VONA, Gábor. "Some thoughts on the creation of intellectual Eurasianism". **Journal of Eurasian Affairs**. V.2, n.1, 2014
[<http://eurasianaffairs.net/some-thoughts-on-the-creation-of-intellectual-eurasianism/>].

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. Ed. Brasiliense. 1991.

WAGNER, Nils-Frederica & Northoff, Georg. "Personal Identity and Brain Identity." In L. Syd M. Johnson & Karen Rommelfanger (eds), **The Routledge Handbook of Neuroethics**. Routledge. pp. 335-351. 2017.

WALDRON, Jeremy. "Minority Cultures and the Cosmopolitan Alternative". **University of Michigan Journal of Law Reform**. v. 25, pp. 751-793. 1992.

WAINBERG, Jacques A. **Revolucionários, Mártires e Terroristas: a Utopia e Suas Consequências**. Ed. Paulus. 2015.

_____. "Em busca da felicidade: mídia positiva e o bem-estar coletivo." **Comunicação e Sociedade** (Online), v. 42, p. 107-133, 2020.

_____. "L'Image internationale du Brésil à l'ère de Bolsonaro." **Sociétés**, v. 150, p. 125-137, 2020.

_____. "Mensagens fakes, as emoções coletivas e as teorias conspiratórias." **Galáxia**, n. 39, set-dez., 2018, p. 150.

_____. "A comunicação dissidente na comédia stand-up: o caso dos países árabes e muçulmanos." **Comunicação, Mídia Consumo**. SP, v.14, n.40. pgs. 159-178. Maio-agosto 2017.

WALLERSTEIN, I. **Capitalist Civilization**. Binghamton (N.Y.), 1992.

WEITZMAN, Mark. "One Knows the Tree by the Fruit That It Bears:" **Mircea Eliade's Influence on Current Far-Right Ideology**. Simon Wiesenthal Center, maio de 2020.

WIMMER, Andreas. **Nation building: why some countries come together while other fell apart**. Princeton University Press. 2020.

WINDISCH, U. "Beyond Multiculturalism: Identity, Intercultural Communication, and Political Culture—The Case of Switzerland." In: Judt, T., Lacorne, D. (eds) **Language, Nation and State: Identity Politics in a Multilingual Age**. Europe in Transition: The NYU European Studies Series. Palgrave Macmillan, New York. 2004.

WISCHNEWSKI, Magdalena & Krämer, Nicole. "The Role of Emotions and Identity-Protection Cognition When Processing (Mis)Information." **Technology, Mind, and Behavior**. V. 2, n. 1, Junho de 2021.

WORLD BANK GROUP. **Indigenous Latin America in the Twenty-First Century. The First Decade.** 2015.

YANG, Janet Z.; Chu, Haoran & Kahlor, Lee Ann. "Fearful Conservatives, Angry Liberals: Information Processing Related to the 2016 Presidential Election and Climate Change." **Journalism and Mass Communication Quarterly.** 27 de novembro de 2018.

YIP T. "To be or not to be: How ethnic/racial stereotypes influence ethnic/racial disidentification and psychological mood." **Cultur Divers Ethnic Minor Psychol.** 22(1): 38-46. Jan. 2016.

ZERZAN, John. **Future Primitive.** Feral House, 2012.

ZIZEK, Slavoj. **Em defesa das causas perdidas.** Boitempo. 2011.

